

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

ANA TIELE ANTUNES

**CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS FORMANDOS EM
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL:
análise bibliométrica dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)
apresentados nos anos 2007 e 2008**

PORTO ALEGRE
2009

ANA TIELE ANTUNES

**CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS FORMANDOS EM
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL:
análise bibliométrica dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)
apresentados nos anos de 2007 e 2008**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, no Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^a. Dra. Samile A. de Souza Vanz

Co-orientadora: Prof^a. Dra. Sônia Elisa Caregnato

PORTO ALEGRE
2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretor: Prof. Me. Ricardo Schneiders da Silva

Vice-diretora: Prof. Dra. Regina Helena Van Der Laan

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dra. Ana Maria Moura

Chefe substituto: Prof. Dra. Helen Rozados

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenadora: Prof. Me. Glória Ferreira

Coordenadora substituta: Prof. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz

A636r Antunes, Ana Tiele

Características da produção acadêmica dos formandos em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul: análise bibliométrica dos trabalhos de conclusão de curso (TCCs) apresentados nos anos 2007 e 2008 / Ana Tiele Antunes; orientação [por] Samile Andréa de Souza Vanz ; co-orientação [por] Sônia Elisa Caregnato. Porto Alegre : UFRGS/FABICO, 2009.

119f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)

1. Bibliometria 2. Produção acadêmica 3. Formação em Biblioteconomia 4. Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs) I. Vanz, Samile Andréa de Souza II. Caregnato, Sônia Elisa III. Título.

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705

Campus Saúde

Bairro Santana

Porto Alegre – RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3308-5067

Fax: (51) 3308-5435

Ana Tiele Antunes

**CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO ACADÊMICA DOS FORMANDOS EM
BIBLIOTECONOMIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL:
análise bibliométrica dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs)
apresentados nos anos 2007 e 2008**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia, do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Samile Andréa de Souza Vanz
Orientadora

Prof^ª. Dra. Sônia Elisa Caregnato
Co-orientadora

Prof^ª. Dra. Helen Beatriz Frota Rozados

Prof^ª. Dra. Ana Maria Moura

*À Michelle, por sua chegada na minha vida ter tornado
as etapas finais do curso menos dolorosas.
À minha mãe, por ter feito dos momentos dolorosos
suportáveis de viver.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, portanto, a essas duas mulheres que me amam do jeito que eu sou.

À Michelle, não só pelo amor, mas pelo exemplo de vida, por nunca me deixar render pela dor e desistir do que quero.

À minha mãe, não só pela paciência, mas por ter me possibilitado estudar antes de entrar no mercado de trabalho e, sobretudo, pelo carinho e compreensão.

Agradeço, também, à colega e amiga Ana Marta pela amizade nesses longos anos de curso.

Agradeço à Macumbinha, ao Brad e todos os outros tantos felinos que passaram na minha vida durante esses anos e fizeram a vida mais alegre de viver.

Agradeço, por fim, às professoras Samile e Sônia por terem aceitado me orientar mesmo eu tendo falado com elas em cima do prazo.

*Estou à procura de um livro para ler. É um livro todo especial. Eu o imagino como a um rosto sem traços. Não lhe sei o nome nem o autor. Quem sabe, às vezes penso que estou à procura de um livro que eu mesma escreveria. Não sei. Mas faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim. Eu o estaria lendo e de súbito, uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: **Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus!***

(Clarice Lispector)

RESUMO

O grande volume que a produção científica veio tomando a partir do início do século 20 acarretou não só na preocupação de estudar esse fenômeno e organizar tamanha quantidade de documentos publicados, mas foi propício ao desenvolvimento de técnicas e ferramentas para medir e analisar a produção científica. Uma dessas técnicas, que surgiu logo na primeira metade do século 20, é a Bibliometria, área que analisa a produção científica escrita em seus diversos suportes. Sejam livros, periódicos ou a literatura cinzenta, toda essa produção pode ser mensurada através das técnicas bibliométricas. Dentro da Bibliometria, encontra-se a análise de citações, a qual, através das citações presentes nos documentos, realiza estudos que permitem tecer elos entre o texto citante e o texto citado, medir freqüências e mapear características de determinado campo do conhecimento. Justamente com esse fim, foi aplicada a análise de citações para estudar os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), do curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Delimitou-se como período analisado os TCCs apresentados nos anos de 2007 e 2008, totalizando 51 monografias. Com o objetivo geral de mapear as características das fontes de informação utilizadas pelos alunos ao elaborarem seus TCCs, foi desenvolvido um banco de dados no *software* Microsoft Excel® onde inseriu-se todas as 1.999 referências que compuseram o universo de estudo. As análises indicaram que os livros são a fonte mais utilizada pelos alunos de Biblioteconomia da UFRGS, com 43%, seguida dos periódicos, com 25,8%. O idioma mais citado é o português, com 89,1%, seguido pelo inglês, com 6,2% e pelo espanhol, com 4,4%. O tipo de autoria predominante é a individual, que totaliza 61,3% de todas as citações. As fontes são predominantemente atuais, com 48,2% de documentos publicados a partir do ano 2001. Os resultados foram comparados com um estudo semelhante realizado em 2004 e, através das interpretações dos dados, apontaram-se tendências quanto ao hábito de citar dos formandos em Biblioteconomia da UFRGS. Por fim, os dados foram divididos de acordo com as seis áreas em que da qual é composta a Biblioteconomia. As análises conforme as áreas mostraram que cada uma possui características próprias quanto aos autores mais citados, embora os professores orientem alunos de outras áreas que não a sua e alguns autores apareçam em mais de uma área.

Palavras-chave: Bibliometria. Análise de citações. Produção acadêmica. Formação em Biblioteconomia. Trabalhos de Conclusão de Curso.

ABSTRACT

The increase in the volume of scientific publications from the early 20th century brought not only the concern of studying this phenomenon and organize such quantity of papers published, but was conducive to the development of techniques and tools to measure and analyze the output of science. One of these techniques, which appeared in the first half of the 20th century, is Bibliometrics, an area that examines the production of scientific writing in their various media. Books, periodicals or gray literature, all this production can be measured through bibliometric techniques. Studies cover Bibliometrics, citation analysis which, through citations in documents, links between cited text and citing text, measures frequency and maps characteristics of a field of knowledge. Precisely for this purpose, we apply the analysis of citations to study of course works describes from Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). The period examined comprised the years 2007 and 2008, totaling 51 monographs. With the general objective of mapping the characteristics of sources of information used by students to develop their course works, we developed a database in Microsoft Excel® software which included all references that composed the universe of our study, which represented a total of 1.999 citations. Our analysis indicated that the books are the source most frequency used by students of Librarianship in UFRGS (43%), followed by periodic with 25,8%. The language of frequency is Portuguese, with 89,1%, followed by English with 6,2% and the Spanish, with 4,4%. The predominant type of undergraduate students authorship is the individual, which total 61,3% of all citations. Sources are predominantly updated with 48,2% of papers published from 2001 onwards. Our results were compared with a similar study conducted in 2004 and, through comparison was possible, point out trends in student's citation practices in Librarianship, UFRGS. Finally, we divided our data according to the six areas the curriculum of is divided. Our analysis showed that the areas as each has its own characteristics and most cited authors, although teachers supervise students in other areas than their own, and some supervise in more than one area.

Key-words: Bibliometrics. Citation analysis. Academic output. Training in Librarian Science. Course work.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Número de monografias apresentadas por semestre	45
Tabela 2	Distribuição das citações por tipo de documento	54
Tabela 3	Quantidade de documentos por tipo de autoria	56
Tabela 4	Autores mais citados	58
Tabela 5	Autoria de entidades mais citadas	60
Tabela 6	Temporalidade dos documentos	62
Tabela 7	Tipo de fonte <i>versus</i> década de publicação	64
Tabela 8	Tipo de fonte <i>versus</i> idioma	67
Tabela 9	Periódicos mais citados	68
Tabela 10	Periódicos mais citados e seus percentuais de consulta impressa ou <i>on line</i>	70
Tabela 11	Livros mais citados e seus autores	72
Tabela 12	Percentual de acesso <i>on line</i> e impresso por tipo da fonte	75
Tabela 13	Tipo das fontes de acesso somente em meio eletrônico	77
Tabela 14	Áreas dos professores da Biblioteconomia	80
Tabela 15	Áreas dos TCCs e média de citações	81
Tabela 16	Áreas dos professores <i>versus</i> áreas dos Trabalhos de Conclusão de Curso	82
Tabela 17	Autores mais citados da área 1	84
Tabela 18	Autores mais citados da área 2	86
Tabela 19	Autores mais citados da área 3	87
Tabela 20	Autores mais citados da área 4	88
Tabela 21	Autores mais citados da área 5	90
Tabela 22	Autores mais citados da área 6	91

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Distribuição dos documentos por períodos de anos	63
Gráfico 2	Distribuição dos documentos conforme idioma	66
Gráfico 3	Divisão dos documentos conforme acesso impresso ou eletrônico .	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABECIN	Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
BN	Biblioteca Nacional
BVS	Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CFE	Conselho Federal de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
ComGradBib	Comissão de Graduação de Biblioteconomia
DCI	Departamento de Ciências da Informação
ENEBCI	Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PPGCOM	Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação
SABi/UFRGS	Sistema Automatizado de Bibliotecas da UFRGS
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TIC	Tecnologia em Informação e Comunicação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Justificativa	15
1.2	Objetivos	17
1.2.1	<i>Objetivo geral</i>	17
1.2.2	<i>Objetivos específicos</i>	17
2	FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA: as características do curso que forma profissionais da informação	19
2.1	A formação do profissional bibliotecário: características dos cursos, currículos e perfil dos formandos	20
2.2	A face discente em Biblioteconomia: os alunos e a elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso	26
3	PRODUÇÃO CIENTÍFICA: da explosão informacional às técnicas estatísticas de medição no campo científico	32
3.1	O crescimento da produção científica e as técnicas estatísticas desenvolvidas para medi-la	33
3.2	Bibliometria: sua trajetória e contribuição para o campo científico .	37
3.3	Estudo de citações e suas aplicações	40
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
4.1	Universo de estudo	45
4.2	Definição dos dados bibliométricos	46
4.2.1	<i>Variáveis</i>	46
4.2.1.1	<u>Tipologia</u>	46
4.2.1.2	<u>Autoria</u>	47
4.2.1.3	<u>Temporalidade</u>	48
4.2.1.4	<u>Idioma</u>	48
4.2.1.5	<u>Periódicos</u>	49
4.2.1.6	<u>Obras</u>	49
4.2.2	<i>Indicadores</i>	50
4.2.2.1	<u>Média de fontes citadas por trabalho</u>	50
4.2.2.2	<u>Porcentagem das fontes de acesso <i>on line</i></u>	50
4.2.2.3	<u>Divisão por áreas da Biblioteconomia</u>	51
4.3	Coleta dos dados e tratamento estatístico	51
4.4	Interpretação dos resultados e coleta dos dados qualitativos	53

5	RESULTADOS E ANÁLISES	53
5.1	Análise bibliométrica dos Trabalhos de Conclusão de Curso	53
5.1.1	<i>Tipologia das fontes</i>	53
5.1.2	<i>Autores mais citados</i>	56
5.1.3	<i>Temporalidade dos documentos</i>	61
5.1.4	<i>Idioma dos documentos</i>	65
5.1.5	<i>Periódicos mais citados</i>	68
5.1.6	<i>Obras</i>	72
5.1.7	<i>Fontes com acesso on line</i>	74
5.2	Análise das áreas do curso de Biblioteconomia	79
5.2.1	<i>Área dos professores e dos Trabalhos de Conclusão de Curso</i>	80
5.2.2	<i>Áreas dos TCCs e autores mais citados</i>	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
	REFERÊNCIAS	98
	APÊNDICE A – QUADRO DE ATUAÇÃO E LINHAS DE PESQUISA DOS PROFESSORES	103
	APÊNDICE B – QUADRO DE TCCs E ORIENTADORES CONFORME SUAS ÁREAS	105
	APÊNDICE C – REFERÊNCIAS DOS TCCs UTILIZADOS NA PESQUISA	107
	APÊNDICE D – OBRAS MAIS CITADAS CONFORME SUAS ÁREAS	114
	ANEXO 1 – DIVISÕES DAS ÁREAS DO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA	118

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – também chamado de Monografia – é requisito obrigatório para a colação de grau em vários cursos de graduação. Apresentando estudos mais profundos e extensos do que os conhecidos artigos (aceitos para a obtenção do diploma em alguns cursos), os TCCs trazem pesquisas e revisão de literatura mais densos, sendo de maior proveito tanto para o aprendizado do aluno quanto como importante retorno para o meio acadêmico e a sociedade.

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), criado em 1947, possui como requisito para a obtenção do diploma de Bacharel em Biblioteconomia a elaboração de um TCC desde o ano de 2000. Dentre estes oito anos da sua história, apenas dois estudos foram feitos sobre essa produção intelectual, sendo ambos objetos de pesquisa em Trabalhos de Conclusão de Curso no ano de 2004. Em um deles, foi feito um estudo de citações dos TCCs dos alunos de Biblioteconomia (ROGRIGUES, 2004) e, o outro, abordou as tendências temáticas e metodológicas destes TCCs (SOARES, 2004).

Aspectos bem pontuais e um panorama do todo podem ser estudados através de uma análise dos TCCs. Uma forma de realizarmos tal estudo é nos valermos da Bibliometria para analisar estes trabalhos. A Bibliometria – ou bibliografia estatística como foi primeiramente chamada – é uma ferramenta estatística que – em princípio – mede a produção bibliográfica de determinado autor/entidade, infere sobre a qualidade dos documentos e traz à tona tendências da comunidade científica. Ou seja, é a área que tenta quantificar, através dos seus estudos, os processos de comunicação científica (ARAÚJO, 2006; MALTRÁS BARBA, 2003; MEADOWS, 1999; VANTI, 2002).

Esta subárea das Ciências da Informação, enquanto estudo da comunicação escrita, é largamente utilizada não só na avaliação da qualidade de periódicos e quantificação da produção científica de autores/instituições, mas também é uma importante ferramenta para traçar o perfil de pesquisadores de determinado campo de conhecimento. Assim, nos valemos desta técnica para estudarmos o comportamento do aluno na elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso. Para isto, utilizamos o

estudo de citações para analisarmos as tendências presentes no hábito de citar dos formandos em Biblioteconomia da UFRGS.

Dentro desta área, encontramos a análise de citações como um tipo de estudo bibliométrico, a qual nos permite realizar uma ligação entre autores e trabalhos citados. É através da análise de citações que podemos averiguar a qual área determinado autor pertence, tecer uma rede entre autores citantes e autores citados, medir a frequência e padrões da produção de autores ou de tipos específicos de literatura e até mesmo fazer um mapeamento da produção científica em determinada área do conhecimento. (ALVARENGA, 1998; ARAÚJO, 2006; MEADOWS, 1999; VANZ, 2002).

Portanto, valendo-nos do método bibliométrico estudamos os Trabalhos de Conclusão de Curso da Biblioteconomia, usando as análises de citações para verificar as características (tendências e hábitos de citar) dos documentos. Ao final das nossas análises, relacionamos nossos resultados obtidos com os trabalhos realizados anteriormente (RODRIGUES, 2004; SOARES, 2004).

Os dados foram trabalhados e interpretados de forma que os números não ficassem soltos, dispersos em uma estatística sem reflexão. Contextualizamos os resultados obtidos com esta pesquisa e teorizamos hipóteses que, ao longo das análises, foram surgindo. Entretanto, a conclusão dessa pesquisa não se finaliza como um círculo fechado, mas aponta para a necessidade de novos estudos, enquanto se admite a importância que há de se analisar a elaboração de monografias dos formandos em Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

1.1 Justificativa

As monografias que analisavam as características dos TCCs da Biblioteconomia foram ambas defendidas no ano de 2004 (RODRIGUES, 2004; SOARES, 2004), trazendo estudos referentes aos anos 2002 e 2003. A partir de então, não foram mais realizados estudos acerca desse tipo de produção discente. Tendo em vista que estes trabalhos também contam um pouco da história do curso e apontam o caminho que a

Biblioteconomia, enquanto área do conhecimento, está seguindo, faz-se necessário uma atualização dos estudos que abordem esse material bibliográfico.

Aspectos importantes destes trabalhos estão sendo deixados de lado, enquanto importantes indicadores da Ciência e, sobretudo, como forma de conhecermos a nossa própria área e o meio acadêmico em que estamos inseridos. Enfim, sabemos que a apresentação de um TCC é requisito obrigatório para obter o diploma de Bacharel em Biblioteconomia, porém, não sabemos as características desses trabalhos nos dias atuais.

As categorias, quando da observação desses trabalhos, se configuram em aspectos que nos ajudam a traçar o perfil das citações dos alunos formandos em Biblioteconomia, tais como: quais os autores são mais citados pelos graduandos de Biblioteconomia? Eles são ligados à área ou não? Quais são os títulos de obras mais citados? Livros continuam sendo o tipo de fonte mais citado ou estão dando lugar a outras fontes, como os periódicos? Outras variáveis que consideramos são: temporalidade, idioma, tipo de autoria e tipos de *sites* citados em documentos de acesso somente em meio eletrônico.

Além disso, é necessário relacionar as características das citações presentes nos TCCs dos alunos com os seus(suas) orientadores(as), a fim de verificarmos a existência de linhas de pesquisa no curso de Biblioteconomia da UFRGS e, com isto, proporcionar um maior conhecimento para o próprio curso, em um momento no qual as áreas ligadas à informação estão em maior destaque na nossa sociedade. Ou seja, através das áreas em que se dividem o curso de Biblioteconomia, traçamos um paralelo entre as áreas dos professores que possuíam orientações no período analisado e as áreas dos TCCs, verificando autores mais citados de cada área e se os professores orientam monografias de acordo com suas áreas temáticas.

Desta forma, justificamos a importância de realizar um novo estudo sobre a produção discente dos alunos do curso de Biblioteconomia que aborde as características das citações presentes em seus TCCs, comparando os resultados obtidos nesses últimos semestres com aqueles obtidos anteriormente por Rodrigues (2004) e Soares (2004). Além disso, é preciso identificar com que áreas da Biblioteconomia os professores estão trabalhando. Assim, problematizamos nossa

pesquisa com a seguinte questão: quais as características das fontes de informação presentes nas citações dos graduandos de Biblioteconomia em seus Trabalhos de Conclusão de Curso e o que mudou desde o começo da sua implantação no currículo até os semestres atuais?

1.2 Objetivos

Os objetivos arrolados neste Trabalho de Conclusão de Curso estão subdivididos em geral e específicos, e são conforme seguem abaixo.

1.2.1 Objetivo geral

Mapear as características das fontes de informação citadas nos trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no período 2007 e 2008.

1.2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos que corroboram para chegarmos ao nosso objetivo geral e enriquecem o *corpus* da nossa pesquisa são:

- a) observar os seguintes aspectos das fontes de informação citadas:
 - tipo de fonte;
 - obras;
 - tipo de autoria;
 - autores;
 - temporalidade;

- idioma;
 - periódicos;
 - número de fontes citadas por trabalho;
 - fontes de acesso *on line*;
- b) comparar os resultados obtidos com aqueles obtidos no trabalho anterior sobre citações nos TCCs da Biblioteconomia;
- c) apontar tendências através da comparação destes dois estudos, no que tange ao hábito de citar dos formandos de Biblioteconomia;
- d) verificar a existência de grupos temáticos estruturados entre os docentes do curso de Biblioteconomia da UFRGS.

2 FORMAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA: as características do curso que forma profissionais da informação

Conceitos como ‘mundo globalizado’ e ‘sociedade pós-moderna’ fazem parte do nosso dia-a-dia e os discursos das universidades estão impregnados por esses termos. De fato, o mundo mudou, a sociedade mudou e, não só acompanhando essas mudanças, mas sendo agente delas, a universidade também mudou.

Se há alguns anos atrás a expressão ‘transferir conhecimentos’ era comumente pronunciada e escrita no meio científico, hoje isso soa pragmático e defasado. Acompanhando essas mudanças, o campo da Biblioteconomia também sofreu (e ainda sofre) transformações, tanto na sua prática quanto no seu ensino. Conforme Smit (2003), há até pouco tempo, o ensino nos cursos de Biblioteconomia ‘entregavam o peixe’, mas hoje isso vem sendo ultrapassado e o processo de ensino fundamenta-se na idéia de ‘ensinar a pescar’. Ou seja, o ensino de Biblioteconomia também mudou sua didática, sua estrutura e sua visão.

Outro discurso em voga atualmente é que ninguém forma ninguém. O processo de formação deve estar presente durante toda a vida das pessoas (RODRIGUES, 2002). Nessa concepção, alunos e professores são coadjuvantes nesse processo, o qual não se caracteriza como uma via de mão única, no qual o professor só ensina e o aluno só aprende, mas constroem juntos essa caminhada.

Ou seja, o mundo muda, a sociedade evolui e a universidade, que é também um local de fomento dessas transformações, proporciona aos seus alunos o processo de formação que os prepara para os novos tempos, para as novas tecnologias e para os novos problemas. Assim, enquanto alguns cursos visam formar profissionais que são agentes dessas mudanças, outros propiciam cursos mais reflexivos, que visam interagir com essas transformações atuais. Ainda existem cursos como os das Ciências da Informação – que engloba além da Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia – os quais, de certa forma, organizam e interagem com todos os outros cursos, além de também fazerem parte dessas transformações.

Nesse contexto, a sociedade tem uma demanda muito grande não só por agentes de transformações, educadores, filósofos, pesquisadores, mas também por

profissionais que organizem tudo isso. Aqui se inserem, portanto, os profissionais da informação.

Na ‘linha de frente’, temos a Biblioteconomia, que forma profissionais capazes de organizar e disseminar a informação. Sem organização o mundo das informações seria um caos. Sem a disseminação da informação, tais mudanças ocorreriam a lentos passos. Dessa forma, vemos os profissionais da Biblioteconomia como peças-chave na nossa sociedade.

Nas próximas seções, veremos como se dá a formação desses profissionais, qual o perfil dos seus alunos e professores, para, no próximo capítulo, tratarmos da questão da produção acadêmica e explosão informacional envolta nessas mudanças trazidas pela sociedade.

2.1 A formação do profissional bibliotecário: características dos cursos, currículos e perfil dos formandos

A Biblioteconomia é uma das profissões mais antigas, datando de 1887 o primeiro curso ministrado nessa área, por John Dewey. Deixando de lado concepções e estereótipos ultrapassados, que caracterizam os bibliotecários como meros ‘guardadores de livros’, eles são profissionais que atuam em diversas esferas da sociedade, geralmente – mas não obrigatoriamente – dentro de unidades de informação. Segundo a Associação... (2009, on line), o bibliotecário pode se colocar profissionalmente em diversos âmbitos do mercado de trabalho e atuar de acordo com as diversas realidades:

Embora recorrentemente se associe a profissão às bibliotecas e aos livros, o trabalho do bibliotecário pode ser realizado em diferentes ambientes, locais, situações ou de forma autônoma, onde houver necessidade de informação organizada e tratada. Em realidade, a Biblioteconomia capacita o futuro bibliotecário a lidar com documentos, informações ou dados, de acordo com sistemas, linguagens e lógicas aprendidos no curso.

No Brasil, a Biblioteconomia iniciou suas atividades em 1911 com o curso oferecido pela Biblioteca Nacional (BN), que formava profissionais com o perfil erudito,

guardadores das informações que recebeu influência francesa da École de Chartes. Somente 25 anos depois, com a abertura de dois cursos no Estado de São Paulo, em 1936, a Biblioteconomia brasileira começou a receber influência do modelo de ensino norte-americano, passando a uma formação mais tecnicista do profissional.

Em 1940, quando o Curso da Biblioteca Nacional deixou de ser oferecido, os profissionais bibliotecários passaram a ser formados pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Logo após, surgiram diversos outros cursos de Biblioteconomia pelo país, todos sob supervisão dos profissionais formados pelo curso de São Paulo (SANTOS, 1998).

Em 1959 foi criada a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), a qual, em 1962, interviu junto ao Conselho Federal de Educação (CFE) para que o mesmo publicasse o parecer n. 326 que fixava o currículo mínimo e a duração dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, juntamente com a homologação da Lei 4.084, dispondo sobre a profissão de bibliotecário e regulamentando seu ofício. Em 1982 foi publicado um novo currículo mínimo, o qual ainda é vigente e, no ano de 1998, foi homologada a Lei 9.674, a qual dispõe sobre a profissão do bibliotecário e determina outras providências (BRASIL, 1998).

O curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, criado em 1947, vigora atualmente com um currículo que possui 136 créditos obrigatórios, 20 eletivos e 12 complementares, divididos em quatro áreas, sendo elas: 1) Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia; 2) Processamento da Informação; 3) Recursos e Serviços de Informação; 4) Gestão de Unidades de Informação (SANTOS, 2007). Ele obedece, além das leis já mencionadas, à Resolução nº 07/83 da III Câmara do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFRGS. Além disso, segue as Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia (BRASIL, 2001), a qual descreve as competências e habilidades que o profissional formado neste curso deve apresentar, determina os conteúdos curriculares e estabelece o papel dos estágios e atividades complementares, bem como versa sobre a estrutura do curso e a avaliação institucional.

Segundo informações constantes no site da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (Fabico), o objetivo do curso é: “Formar um profissional capaz de

interpretar as necessidades de informação de diferentes públicos, orientando-os na busca de respostas que atendam suas expectativas, através da organização estratégica das informações” (UNIVERSIDADE..., 2008, on line).

Os cursos de Biblioteconomia brasileiros possuem seus currículos estruturados conforme a demanda do mercado de trabalho local. Por isso, encontramos uma significativa variação nas disciplinas oferecidas por cada instituição. Algumas possuem um maior número de disciplinas na área de gestão, enquanto outras dão maior ênfase à organização de bibliotecas. Mesmo assim, pode ser notada uma tendência estrutural que faz com que os cursos brasileiros se assemelhem entre si.

Além de serem voltados às necessidades do mercado de trabalho local, os cursos de Biblioteconomia acompanham as tendências da sociedade como um todo. Uma característica disso é que não só a estrutura dos cursos mudou como também o ensino e a visão bibliotecária não são mais as mesmas.

Santos (2007), ao analisar o currículo de 17 cursos de Biblioteconomia espalhados pelo Brasil, constatou que a área 1 – Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia – é a que predominantemente apresenta maiores números de disciplinas obrigatórias oferecidas, seguida pela área 2 e as áreas 4 e 3 em segundo, terceiro e quarto lugares, respectivamente. Ou seja, a área que compreende as ‘técnicas bibliotecárias’, por assim dizer, é a que detém maior ênfase dentre os currículos da Biblioteconomia, visto que a área 1 (que antecede a 2 em número de disciplinas obrigatórias) contém disciplinas das Ciências Sociais e Humanas, bem como outras consideradas como ‘periféricas’.

O curso disponibilizado na Fabico também apresenta tais estruturas, tendo um currículo com disciplinas predominantemente técnicas, mas com um diversificado leque de disciplinas de âmbito social oferecidas, sobretudo, como eletivas.

Consideramos que o domínio das técnicas da profissão é essencial à formação do aluno, porém, é importante que o currículo ofereça disciplinas obrigatórias que propiciem uma reflexão crítica do ‘fazer bibliotecário’, bem como aquelas mencionadas como de âmbito social. Isto porque consideramos que ‘saber porquê fazer’ é tão importante quanto ‘saber como fazer’.

Um estudo realizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ainda no ano de 1978, constatou que a literatura utilizada nos cursos de Biblioteconomia no Brasil possuía predominantemente referências voltadas para as disciplinas técnicas (FIGUEIREDO, 1978). Após a publicação de tal relatório, pode-se perceber uma inclusão de disciplinas com base humanística nos seus currículos.

O discurso de que a Biblioteconomia precisa voltar-se também às questões sociais e humanas, como se pode perceber, começou há algumas décadas atrás e ainda se faz presente nos dias de hoje, como menciona Rodrigues (2002, p. 90): “Apesar do modelo tecnicista ter marcado fortemente a formação do bibliotecário no Brasil, atualmente a área se encontra num momento em que procura romper com essa concepção de profissional eminentemente técnico”.

Outro ponto deficiente no curso de Biblioteconomia tange à pesquisa. A saber, a pesquisa consta como a área 6, daquelas quatro já mencionadas (sendo a área 5 – Tecnologia da Informação), áreas estas recomendadas pelo III Encontro Nacional de Ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação (ENEBCI), como movimentação para harmonizar os currículos dos cursos de Biblioteconomia nos países do Mercosul. Estas duas últimas áreas, no Brasil, foram subtraídas, visto que a maioria dos cursos considerou que elas deveriam perpassar todas as demais áreas e não constituir outra à parte (SANTOS, 2007).

Diversos professores e núcleos de pesquisa oferecem bolsas de iniciação científica, porém, os alunos dos cursos de Biblioteconomia, em geral, têm seu primeiro contato com a pesquisa ao final da graduação, quando devem elaborar seu Trabalho de Conclusão de Curso. Entretanto, acreditamos que a prática da pesquisa deve ser parte integrante durante todas as etapas do curso, até porquê, conforme entendimento dos cursos de Biblioteconomia brasileiros, a área 6 – Pesquisa, recomendada pelo ENEBCI, deve perpassar por todas as etapas do curso e não ser objeto de estudo e aprendizagem em apenas algumas disciplinas, tal como o TCC ao final do curso.

Ao encontro dessa concepção de aluno que deve ser formado pelos cursos de Ciências da Informação, a ABECIN tem tido uma forte participação em debates sobre este tema:

A atuação da ABECIN na organização de variados foros de discussão tem tido por meta a reflexão sobre a dualidade entre o 'fazer' e o 'saber', na manifesta intenção de reforçar o ensino do 'saber' em detrimento do ensino do 'fazer'. Verifica-se assim um novo consenso entre os autores: **o aluno de Biblioteconomia/Ciência da Informação deve ser introduzido no universo da pesquisa, razão pela qual é hoje muito valorizado o 'Trabalho de Conclusão de Curso' – o TCC**. A elaboração do TCC propicia, assim, uma prática de sistematização de conceitos, revisão bibliográfica, verticalização em determinada temática e introdução na elaboração de um texto científico. O TCC vem sendo introduzido no projeto pedagógico de muitos cursos de graduação com o objetivo precípua de suscitar no aluno a prática (e o gosto?) pela pesquisa. (SMITH, 2003, p. 100-101, grifo nosso)

Entretanto, acreditamos que, no momento, a questão principal, em relação ao ensino de Biblioteconomia, não são as mudanças de currículos, mas a necessidade de utilização de didáticas pedagógicas que ampliem o aprendizado dos alunos e que os incentivem no campo da pesquisa, para que os alunos não fiquem submersos aos mesmos métodos de ensino utilizados há décadas atrás.

Enfim, concordamos com Rodrigues (2002) que defende que o profissional em Biblioteconomia deve possuir uma formação que o prepare para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas referentes à sua prática profissional, mas também é preciso que ele saiba refletir criticamente sobre a realidade e o contexto no qual está inserido:

[. . .] o ensino de Biblioteconomia deve utilizar-se de novas aproximações didáticas e pedagógicas que permitam ir além do simples domínio cognitivo de conteúdos. Evidencia-se, assim, a importância da iniciação à prática da pesquisa, ainda no percurso da formação profissional. (RODRIGUES, 2002, p. 91).

Vivemos hoje em uma sociedade na qual a informação pode ser definida como matéria-prima, em um contexto em que a Biblioteconomia se consolida e se legitima (SANTOS, 2002). Isto porque a mesma informação (ou a sua quantidade) que move a economia mundial é objeto de estudo do curso de Biblioteconomia, assim, vemos como necessário repensar a formação dos profissionais da informação. Julgamos que a técnica é imprescindível aos profissionais bibliotecários, porém, a forma de fazê-la talvez esteja defasada, presa a modelos passados.

Um ponto a ser repensado sobre isto é se a Tecnologia da Informação (área 5, conforme a proposta do ENEBCI e que também foi suprimida pelos cursos brasileiros) está presente em todas as etapas da formação do aluno em Biblioteconomia. Isso porquê, mesmo com todo o volume de informação que temos hoje (o qual será visto mais detalhadamente no próximo item) e a demanda de serviços bibliotecários, ainda são ensinadas técnicas usadas nos primórdios da prática bibliotecária, ou seja, quando os sistemas de informação eram essencialmente manuais ou, no máximo, mecânicos.

A proficiência e criatividade mencionadas por Rodrigues (2000) acima tornam-se características difíceis de serem adquiridas se na sua formação o aluno tiver um ensino atrelado às práticas do passado. Não dizemos que a tecnologia deva ser o alvo de toda a formação, mas que deva cumprir com o consenso dos cursos brasileiros de que ela não constitui uma área à parte, mas, imperativamente, está presente em todas as outras.

Enfim, os cursos dedicados à formação do profissional da informação devem não só estar atentos às ‘modernidades’, como a Tecnologia da Informação, mas também destacar a função social dessa profissão. Notamos que uma característica dos cursos de Biblioteconomia – principalmente nas instituições públicas – é justamente a preocupação com a função social que o profissional da informação exerce na sociedade. Smit (2003, p. 98) aponta essa peculiaridade pelo fato de o bibliotecário ser “[. . .] apresentado como um mediador entre o cidadão e a informação, um facilitador no acesso à informação, aquele que gerencia a informação para o bem comum visando ao progresso da sociedade e do bem estar da humanidade”.

Assim, sublinhamos a importância da inclusão da prática reflexiva na formação do aluno em Biblioteconomia, juntamente à ênfase que é dada à sua função social:

A presença da tecnologia no cotidiano das pessoas, formando opinião, criando necessidades e determinando comportamentos, **torna a atuação do profissional de Biblioteconomia extremamente importante no processo de formação reflexiva dos sujeitos** no que se refere ao uso de informações alocadas nos mais diversos suportes. (SANTOS, 2002, p. 103, grifo nosso).

Ou seja, não será possível o profissional bibliotecário atuar junto aos cidadãos auxiliando-lhes na reflexão quanto às informações vinculadas pelos mais variados

canais de comunicação (dentre estes, muitos não confiáveis) se ele não possuir uma formação que lhe dê tal embasamento.

Muito tem se discutido sobre a formação em Biblioteconomia – sobretudo após o advento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) – e o perfil do profissional formado por esses cursos, mas vemos como necessário pôr em prática tudo o que se tem teorizado e discursado no nosso meio, desde o incentivo à pesquisa até a formação de um sujeito crítico e reflexivo.

2.2 A face discente em Biblioteconomia: os alunos e a elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso

Os Trabalhos de Conclusão de Curso, também chamados de monografias, ao que tange às características do curso de Biblioteconomia da UFRGS, são elaborados ao final do curso de graduação, de forma que o projeto é feito no penúltimo semestre do curso, restando para o último semestre a execução da proposta. Para realizar a matrícula na disciplina de projeto do TCC, o aluno precisa já ter cursado todas as disciplinas das etapas anteriores e, sendo seu projeto aprovado, no último semestre do curso lhe cabe executar a pesquisa e redigir o trabalho, apresentando resultados e conclusões.

A escolha do tema do TCC fica a critério de cada aluno, ou seja, o aluno pode escolher, dentre as diversas subáreas que estudou durante o curso, uma para desenvolver sua monografia. Nas palavras de Marques (1998, p. 135): “O próprio termo que passa a designar o processo do escrever em que se efetua a pesquisa – monografia – significa a redução da abordagem a um só e unitário tema ou assunto”. Ou seja, dentre todos os conteúdos vistos durante a graduação, o aluno – já com os ‘horizontes’ da profissão ampliados – irá delimitar um tema para estudá-lo mais a fundo. A única limitação nesse momento é a disponibilidade de um professor ligado à área para lhe orientar, podendo ter também outro professor para co-orientação.

Em síntese, o processo de desenvolvimento do TCC no curso de Biblioteconomia da UFRGS é o seguinte: após a escolha do tema e do professor orientador, o aluno elabora um projeto e, ao final deste semestre, seu orientador lhe dá

um conceito para o projeto elaborado. Estando este conceito em nível de aprovação (conceitos A, B e C ou notas acima de 7), o aluno passará para o próximo semestre e executará sua investigação, com a coleta de dados, tratamento das informações e apresentação dos resultados e conclusões.

Ao final deste último semestre, o TCC é submetido a uma banca, composta por dois membros, sendo um deles obrigatoriamente da UFRGS e outro membro que pode ser externo à UFRGS, ligados à subárea e escolhidos pelo aluno e orientador, assistem à apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso. Após, realizam perguntas e apontamentos ao aluno, sob a supervisão do professor orientador, sendo que o aluno tem um tempo estabelecido para realizar a arguição. Por fim, os membros da banca, juntamente com o professor orientador (e co-orientador, se for o caso) reúnem-se e dão um parecer final. Este parecer pode ser simplesmente o conceito obtido pelo aluno ou vir acompanhado de sugestões para a redação final que será entregue à secretaria do curso. Os membros da banca podem, ainda, exigir alterações para que o trabalho seja aceito, ficando sua aprovação sob a condição de que o aluno realize tais alterações.

Etimologicamente, a palavra monografia deriva da junção das palavras latinas *mónos*, que significa um só (único) com *graphein*, a qual significa escrever. Ou seja, em seu sentido primeiro, fazer uma monografia significa escrever sobre um único tema.

Já em seu sentido acadêmico, monografia significa, segundo Salomon (1997, p. 179): “[. . .] tratamento escrito aprofundado de um só assunto, de maneira descritiva e analítica, onde a reflexão é tônica (está entre o ensaio e a tese e nem sempre se origina de outro tipo de pesquisa que não seja a bibliográfica e a de documentação)”. Ou seja, são trabalhos monográficos, que trazem uma pesquisa, uma ação ou simplesmente uma revisão teórica, os quais, geralmente, constam como uma iniciação à atividade acadêmica de escrever e desenvolver mais profundamente um tema, ir a campo, coletar dados, analisar resultados e interpretar a realidade que está estudando de acordo com a realidade que viu durante os anos de curso.

Teixeira (2005) considera a existência de três metodologias: a acadêmica, a científica e a da pesquisa. Para ela, a metodologia acadêmica é caracterizada pelos atos de estudar, ler, escrever textos e apresentar trabalhos acadêmicos. Nas palavras

da autora: “A Metodologia Acadêmica nos introduz no mundo do saber, pois irá tratar da discussão sobre a construção do conhecimento e dos trabalhos acadêmicos que passamos a elaborar e apresentar quando enveredamos no meio acadêmico/universitário” (TEIXEIRA, 2005, p. 17).

Assim como Teixeira (2005), Eco (1996) não define o Trabalho de Conclusão de Curso como trabalho científico. Segundo o autor, um estudo só pode ser considerado científico quando: é realizado sobre um objeto reconhecível e definido de forma que os outros também possam reconhecê-lo; diz algo sobre o objeto que ainda não foi dito ou o revê sob uma óptica diferente da que costuma ser vista; é útil aos outros; fornece elementos que permitem a verificação e/ou contestação de hipóteses já mencionadas em outros estudos. Já para Salomon (1997), a monografia pode ser considerada um trabalho científico e trata a sua elaboração como uma introdução científica, especialmente no caso de alunos que não estiveram envolvidos nesse tipo de atividade durante o curso.

Dessa forma, Eco (1996) e Teixeira (2005) contrapõem Salomon (1997) ao afirmar que a monografia não pode ser considerada um trabalho científico, uma vez que para ser considerado científico, um trabalho deve ser original e trazer novas colaborações. Os Trabalhos de Conclusão de Curso, em sua maioria, trazem uma revisão bibliográfica sobre determinado tema e aplicam uma pesquisa ou ação de acordo com a literatura, não trazendo nenhum ‘inedistimo’. Dessa forma, são considerados trabalhos acadêmicos e não trabalhos científicos.

Justamente por ser um trabalho acadêmico, não se espera que os TCCs sejam lidos pela comunidade científica, restringindo-se mais à comunidade acadêmica. Mesmo assim, não se deve escrever a monografia como se a mesma fosse feita para ser lida somente pelo orientador e demais membros da banca examinadora. Embora não há sentido supor que ela será lida por pessoas fora do meio acadêmico, uma vez que se trata de uma obra que é parte da literatura cinzenta, é desejável que, ao escrevê-la, o aluno tenha em mente que alunos ou especialistas de outras áreas possam lê-la para realizar trabalhos semelhantes ou estudar a realidade que fez parte da elaboração do seu TCC.

A esse respeito, Eco (1996, p. 113) contribui dizendo que: “Digamos então que uma tese¹ é um trabalho que, por razões ocasionais, se dirige ao examinador, mas presume que possa ser lida e consultada, de fato, por muitos outros, mesmo estudiosos não versados diretamente naquela disciplina”.

Mesmo havendo dificuldades por parte do aluno em elaborar sua monografia, com o pouco incentivo à pesquisa na graduação ou mesmo uma orientação participativa do professor com o aluno, é esperado dele que seja capaz de desenvolver uma monografia perfazendo as etapas que apontamos no início deste item. Bem como buscando em diversos tipos de fontes as informações relevantes ao seu trabalho, questionando junto ao seu orientador e outros especialistas da área, estabelecendo a reflexão e a argumentação da sua pesquisa e, por fim, apresentando e divulgando seus resultados.

É por isto que são reservados dois semestres para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso. A maioria dos alunos chega às etapas finais sem ter em mente sobre o que pretende realizar seu TCC. Após a sucessão de seis semestres com disciplinas, em sua maioria, teóricas, o aluno passa à prática. Ele, então, precisa definir seu tema e delimitar sua pesquisa, para só a partir daí, passar aos próximos processos que englobam a pesquisa em si e a redação do trabalho. Ou seja, realizar as buscas nas fontes apropriadas, organizar o material selecionado, estudar e analisar esse material para extrair as informações relevantes. Processos estes que requerem mais tempo e dedicação do que um simples trabalho final de uma disciplina e que é muito conhecido pelos alunos de Biblioteconomia – a busca da informação – a qual se dá ao longo da elaboração de uma monografia. Segundo Meadows (1999, p. 212):

Em primeiro lugar, vem a formulação da necessidade de informação. Segue-se a identificação de possíveis fontes que contenham a informação requerida. Então vem o processo de extrair e absorver a informação das fontes. Por fim, a informação é avaliada e, sendo satisfatória, incorporada à atividade de pesquisa.

Porém, este percurso não está previamente traçado quando o aluno inicia o seu trabalho, tampouco se configura em um processo técnico e métrico, mas vai sendo

¹ Humberto Eco, nesta obra, utiliza o termo ‘tese’ como sinônimo de ‘monografia’.

percorrido conforme o aluno vai avançando nos seus estudos e realizando a reflexão sobre o que está produzindo.

A este respeito, Salomon (1997, p. 181) enfatiza que está intrinsecamente ligado à propriedade de ser um Trabalho de Conclusão de Curso a ação reflexiva sobre a sua elaboração: “Sem a marca da reflexão, a monografia transforma-se facilmente em ‘mero relatório do procedimento da pesquisa’ ou ‘compilação de obras alheias’ ou ‘medíocre divulgação’. A reflexão é dominante na elaboração e comunicação da monografia [. . .]”. São por essas questões que as disciplinas de cunho social são tão importantes na formação dos alunos.

A ‘vitrine’ da formação em Biblioteconomia é os TCCs elaborados pelos seus alunos. Através de uma análise das suas temáticas, podemos verificar quais as áreas que os alunos estão trabalhando mais e sobre que assunto eles preferem escrever. Certamente, os alunos tendem a escrever sobre os temas que mais lhes agradaram durante o curso, o que não necessariamente estará ligado à quantidade de disciplinas oferecidas em determinada área.

Juntamente com as temáticas, as referências das monografias também nos oferecem um maior conhecimento acerca da produção acadêmica. Os tipos de fontes que os alunos utilizam para elaborar seus TCCs estão ligados não só às características das áreas que escolhem, mas também ao conteúdo que foi visto durante os anos de graduação e ao tipo de material que já têm mais familiaridade.

Assim, os Trabalhos de Conclusão de Curso são um apanhado de vários fatores e circunstâncias, onde entram questões da formação que ele teve, questões de preferências pessoais e questões da orientação que ele recebe, sendo, desta forma, um ótimo material de estudo para se conhecer melhor a formação em determinada área.

Consideramos que, mesmo que os alunos os elaborem unicamente para a obtenção do diploma – como um requisito que é cumprido de qualquer forma apenas para a colação de grau –, eles refletem a formação que lhe foi oferecida ao longo do curso. De tal modo, se formandos em Biblioteconomia acabam dando maior ênfase à estrutura (normalização) do seu TCC do que ao conteúdo propriamente dito, cabe repensarmos se não é isso que lhe está sendo transmitido durante a formação. Ou seja,

são aspectos pontuais que podem ser estudados através de análises periódicas a essa produção discente.

Enfim, entendemos que os Trabalhos de Conclusão de Curso, com todas as dificuldades que ocorrem na sua elaboração, com todos os percalços que existem na formação dos alunos e todas as peculiaridades que seu curso apresenta, são importantes tanto para o aluno – o qual realiza os processos de um trabalho científico – quanto para a universidade e a sociedade, que tem na monografia do aluno uma forma de auferir o investimento que foi dado ao mesmo durante os seus anos de graduação.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA: da explosão informacional às técnicas estatísticas de medição no campo científico

O campo científico pode ser dividido em duas grandes áreas do conhecimento, a pura e a aplicada. Após, temos várias outras², são elas: Ciências Exatas e da Terra; Ciências Biológicas; Engenharias; Ciências da Saúde; Ciências Agrárias; Ciências Sociais Aplicadas; Ciências Humanas; Lingüística, Letras e Artes; e outras. Essas, por sua vez, dividem-se ainda em subáreas, numa extensa categorização facetada.

Por um lado, todas elas se assemelham por terem suas teorias, suas vertentes, seus métodos e paradigmas; por outro, se diferem pela maneira com que tratam seu objeto de estudo. Porém, como aponta Meadows (1999, p. 39): “Muito já se escreveu sobre as diferenças entre as principais divisões do saber”, assim, não cabe ao nosso estudo tentar definir as ciências, mas apenas entender o que tange às Ciências da Informação.

As Ciências da Informação e, por conseguinte, a Biblioteconomia, são ciências sociais aplicadas que trabalham ao lado de todas as outras ciências e percorrem todo o campo científico, a fim de que, através de suas práticas e técnicas, colaborem com o conhecimento científico – não só na sua organização, mas também (e sobretudo) na sua produção. Conforme Sayão (2001, on line):

A ciência da informação, pela sua própria natureza ampla e interdisciplinar, para mapear toda a sua realidade, teve obrigatoriamente de tomar, como seus, paradigmas e modelos de outras áreas, tais como informática, inteligência artificial, lingüística, economia, *marketing*.

Assim, as Ciências da Informação não apenas trabalham ao lado de outras ciências, como se utilizam de algumas áreas específicas nos seus estudos, firmando-se como ciência interdisciplinar.

A Biblioteconomia, em especial, vale-se muito das informações empíricas (SAYÃO, 2001) e no início utilizava predominantemente o método positivista, o qual foi

² Divisão das áreas do conhecimento feita pelo CNPq. Disponível em: <<http://www.cnpq.br/areasconhecimento/index.htm>>. Acesso em: 22 maio 2009.

perdendo seu espaço para outras formas de análises, fato que a quantidade atual de estudos qualitativos comprova.

Nos próximos itens, veremos como as Ciências da Informação, através da aplicação dos seus estudos, têm contribuído com o conhecimento científico e ajudado as outras ciências a se conhecerem e, também, se desenvolverem.

3.1 O crescimento da produção científica e as técnicas estatísticas desenvolvidas para medi-la

Com o crescimento da população mundial, a elevação do nível educacional e, conseqüentemente, o aumento do número de pesquisadores, a produção científica aumentou e tem aumentado cada vez mais rapidamente (MEADOWS, 1999).

Solla Price (1976) denominou essa característica da ciência atual como ‘crescimento exponencial’, dizendo que a ciência cresce conforme a regra dos juros compostos, ou seja, sendo multiplicada por um número fixo em intervalos de tempos iguais. Segundo Meadows (1999, p. 19) a característica desse crescimento é que “[. . .] o desenvolvimento inicial é lento e modesto, mas os números em seguida disparam e logo se tornam muito grandes [. . .]”, ao contrário do crescimento que havia anteriormente, no qual a ciência crescia de forma linear. Sendo que, nos últimos 50 anos não só o número de periódicos científicos aumentou como também o volume de páginas desses exemplares se expandiu, além do crescimento do número de livros e outras formas de comunicação científica escrita (MEADOWS, 1999).

Tendo em vista o exposto acima, faz-se mais do que necessário utilizar as formas de mensurar a ciência, desenvolvidas na primeira metade do século XX. Outrossim, não apenas mensurar, mas avaliar esta grande quantidade de informação que temos atualmente. Solla Price (1976), investigador da ciência – a qual ele considerava uma ‘entidade mensurável’³ – já assinalava essa importância de medir o desenvolvimento da ciência utilizando métodos quantitativos, conforme podemos perceber na seguinte passagem de sua obra:

[. . .] parece clara a importância de se dispor de uma distribuição que nos informe sobre o número de autores, trabalhos, países ou revistas que existem

³ Simão Mathias na Apresentação da edição brasileira do livro de Solla Price (1976).

em cada categoria de produtividade, utilidade ou o que mais desejamos medir. Em vez de tentar obter com precisão a definição do que contamos num crescimento exponencial, podemos fazer uma contagem bruta e interpretá-la por meio dessa distribuição. (SOLLA PRICE, 1976, p. 39)

Ao encontro de tal necessidade é que temos métodos e técnicas desenvolvidos pela Informetria, Cientometria⁴ (ou Cienciometria) e Bibliometria. As três se valem de métodos quantitativos para avaliar a produção científica, através de tratamento estatístico aplicado à análise da informação.

Embora elas estejam inter-relacionadas, cada uma possui seus aspectos que caracterizam a forma de analisar a produção. Podemos, brevemente, defini-las de acordo com seus objetos de estudo:

Bibliometria: registros impressos, citações, agradecimentos, autores, usuários; livros, revistas, artigos de revistas.

Cientometria: áreas do conhecimento, cientistas, profissionais de um mesmo campo de atuação, colégios invisíveis, atividades científicas; dissertações, teses, documentos tecnológicos (patentes, normas técnicas etc).

Informetria: todo o tipo de informação; fluxo, busca, recuperação, acesso à informação, sistemas de recuperação, comunicações informais entre quaisquer grupos sociais e de qualquer forma, inclusive oral; qualquer tipo de suporte. (VANTI, 2005, p. 82)

De acordo com a citação acima, consideramos, assim como Vanti (2005), que a Informetria seja o subcampo mais amplo, englobando tanto a Cientometria quanto a Bibliometria. Porém, em estudos anteriores, autores como Segputa⁵ (1992 apud VANTI, 2002) e Gläzel e Schoepfin⁶ (1994 apud VANTI, 2002), tratam estes três termos como sinônimos.

A Bibliometria consta como a subárea mais antiga, por assim dizer. Suas técnicas são usadas desde 1922, mas seu termo só foi cunhado e amplamente

⁴ Foi escolhida a utilização do termo Cientometria neste trabalho pelo fato de o mesmo se tratar de uma derivação do vocábulo 'ciência', este que tem sua origem no latim 'scientia', grafado com 't' e todas as suas outras variações (na língua portuguesa) levam a mesma grafia. Por exemplo: cientista, científico, ciente, cientologia, científicismo. (STUMPF et al., 2006)

⁵ SENGUPTA, I. N. Bibliometrics, informetrics, scientometrics and librametrics: an overview. **Libri**, v. 42, n. 2, p. 99-135, 1992 apud Vanti (2002).

⁶ GLÄNZEL, W.; SCHOEPFLIN, U. Little scientometrics, big scientometrics... and beyond? **Scientometrics**, v. 30, n. 2/3, p. 375-384, 1994 apud Vanti (2002).

difundido em 1969, por Pritchard (GARFIELD⁷, 186). Veremos a trajetória da Bibliometria com maior detalhamento no próximo item deste trabalho.

Em seguida, historiadores russos usaram o termo ‘Cientometria’ para estudo semelhante à análise de citações feita por Pritchard (GARFIELD, 1986). A Cientometria ganhou popularidade com o início da publicação do periódico “Scientometrics”, em 1977 (VANTI, 2002; ARAÚJO RUIZ; ARENCIBIA JORGE, 2002).

Segundo Tague-Sutcliffe⁸ (1992 apud MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 134) a Cientometria pode ser definida como um “[. . .] seguimento da sociologia da ciência, sendo aplicada no desenvolvimento de políticas científicas. Envolve estudos quantitativos das atividades científicas, incluindo a publicação e, portanto, sobrepondo-se à bibliometria”.

Tanto a Bibliometria quanto a Cientometria dirigem seus estudos à produção científica, ao contrário da Informetria que, apesar de também valer-se de métodos quantitativos, aplica seus estudos a qualquer grupo social, não se restringindo apenas aos cientistas (MACIAS-CHAPULA, 1998).

A Informetria, por sua vez, é o subcampo mais recente dentre as três. Seu termo foi cunhado por Otto Nacke em 1979, utilizando-o, genericamente, para denominar a área de estudo que engloba a Bibliometria e a Cientometria (ARAÚJO RUIZ; ARENCIBIA JORGE, 2002).

De forma geral, a Informetria estuda os aspectos quantitativos da informação e, ao contrário da Bibliometria que trata apenas dos registros bibliográficos da produção científica, a Informetria também abarca a comunicação informal e oral, não se restringindo à formal e escrita. Spinak a definiu da seguinte forma:

A informetria se baseia nas investigações da bibliometria e da cientometria, e compreende assuntos tais como desenvolvimento de modelos teóricos e as medidas da informação, para encontrar regularidade nos dados associados à produção e ao uso da informação registrada. (SPINAK, 1996, p. 131, tradução nossa)

⁷ Obra publicada em 1973 com a seguinte referência: GARFIELD, Eugene. *Historiography, Librarianship, and the History of Science*. In: RAWSKI, Conrad H. (Org.). **Toward a Theory of Librarianship**: papers in honour of Jesse Hauk Shera. Metuchen: Scarecrow Press, 1973. p. 380-402. Traduzido por José Paulo Paes e publicado na obra de Fonseca (1986, p. 113-135).

⁸ TAGUE-SUTCLIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992 apud Macias-Chapula (1998).

Mais recente ainda é a Webometria, a qual Almind e Ingwersen utilizaram pela primeira vez em 1997, quando aplicaram estudos informétricos à web. A Webometria aplica os métodos estatísticos da Bibliometria ao estudar o conteúdo da World Wide Web, estando subordinada à Informetria e inter-relacionada à Bibliometria e à Cientometria (VANTI, 2005).

Segundo Björneborn⁹ (2002 apud VANTI, 2005, p. 79), Webometria pode ser definida como: “[. . .] o estudo dos aspectos quantitativos da construção e uso dos recursos de informação, estruturas e tecnologias na web, a partir das abordagens bibliométrias e informétricas”.

Por conseguinte, a Cibermetria – área também recente e subordinada à informetria – estuda “[. . .] os estudos quantitativos de toda a Internet, incluindo chats, mailing lists, new groups, MUDs e a própria WWW” (BJÖRNEBORN, 2002 apud VANTI, 2005), englobando, assim, a Webometria.

Todas essas técnicas quantitativas usadas para avaliar a ciência são também empregadas para subsidiar políticas científicas e tecnológicas de países. Isto vai ao encontro do que expusemos no início deste item, quanto ao crescimento da produção científica. Sobre isto, Macias-Chapula considera o seguinte:

A análise dos dados informétricos oferece informações sobre a orientação e a dinâmica científica de um país, bem como sobre sua participação na ciência e na tecnologia mundial. Análises cooperativas tornaram possível identificar redes científicas e revelar os elos entre países, instituições e pesquisadores, assim como permitem conhecer o impacto dos principais programas e instituições. (MACIAS-CHAPULA, 1998, p. 137)

De acordo com a citação acima, os métodos e objetivos de estudo das subáreas Informetria e Cientometria são empregados para avaliar a atividade científica, tecendo elos entre as comunidades científicas, áreas do conhecimento e, de uma forma mais ampla, também são usados para comparar a produção científica de países.

Porém, de uma maneira mais específica, é possível utilizar os indicadores bibliométricos e, através de suas interpretações, termos resultados mais aprofundados.

⁹ BJÖRNEBORN, Lennart. **Small-world link structures on the web**. Copenhagen, DK: School of Library and Information Science, 2002 apud Vanti (2005).

Desta forma, Solla Price defende o uso do estudo de citações – técnica bibliométrica – para analisar a produção científica.

Prefiro fazer uma distinção baseada no modo de acumulação dos artigos, isto é, na maneira como cada artigo se apóia em artigos anteriores e, por sua vez, serve de ponto de partida para outros. A manifestação mais óbvia desta construção intelectual está na citação de referências. (SOLLA PRICE, 1976, p. 41)

Assim sendo, embora a Informetria e a Cientometria possibilitem análises mais amplas, é através da Bibliometria que podemos tecer indicadores sobre a produção científica e revelar características das citações de cada campo do conhecimento.

3.2 Bibliometria: sua trajetória e contribuição para o campo científico

A Bibliometria, etimologicamente, deriva da junção das palavras gregas *biblos* (livro) e *metria* (medida), significando, em primeira instância, a ‘medida dos livros’. Já Mostafa e Máximo (2003, p. 97, grifo do autor), em trabalho recente, descrevem a Bibliometria como “[. . .] uma área da ciência da informação que *grosso modo* ‘mede’ a ciência”.

Desde sua origem até os dias de hoje, a Bibliometria não só recebeu outras denominações – como veremos logo a seguir – como também foi ampliando suas aplicações nas diversas áreas do conhecimento, sempre com seu objeto de estudo focado na produção científica escrita. Não só em livros, conforme a origem do seu termo remete, mas também não em todos os âmbitos da ciência, conforme definiu Mostafa e Máximo (2003), visto que se limita à produção científica registrada e com seus objetivos também delimitados.

O termo ‘Bibliometria’ foi usado pela primeira vez em 1934 por Paul Otlet, que definia Bibliometria como sendo “[. . .] a parte definida da Bibliografia que se ocupa da medida ou da quantidade aplicada ao livro” (OTLET¹⁰, 1986, p. 20). Otlet considerava

¹⁰ Obra publicada em 1934 com a seguinte referência: OTLET, Paul. **Traité de Documentation**: le livre sur le livre; théorie et pratique. Bruxelas: Editiones Mundaneum, 1934. Capítulo ‘Le livre et la mesure: bibliométrie’ (p. 13-22) traduzido por Alda Baltar e publicado na obra de Fonseca (1986, p. 19-34).

que todos os elementos bibliográficos são passíveis de mensuração, aludindo, assim, a Bibliometria como a Aritmética ou Matemática Bibliológica.

Porém, antes de Otlet, F. J. Cole e N. B. Eales, em 1917, utilizaram o termo 'bibliografia estatística' ao analisarem – estatisticamente – uma bibliografia de Anatomia Comparada (FONSECA, 1986). E. Wyndham Hulme também utilizou este termo anteriormente à Otlet, no ano de 1922, em uma conferência na Universidade de Cambridge (GARFIELD, 1986).

Tanto Cole e Eales quanto Hulme, ao realizarem seus estudos, utilizaram uma espécie de 'microbibliometria', ou seja, a Bibliometria aplicada à determinada área da ciência ou campo do conhecimento científico. Segundo Fonseca (1986, p. 10): "Como a Bibliografia, os estudos bibliométricos podem ser classificados em nacionais, ou macrobibliométricos, e especializados, ou microbibliométricos". Assim, a macrobibliometria estuda a produção bibliográfica tendo uma abrangência maior que a microbibliometria, como, por exemplo, ao analisar estatisticamente a produção bibliográfica de um país.

Cabe ressaltar aqui que, embora alguns considerem a bibliografia estatística (ou estatística do livro) como sinônimo de Bibliometria, elas não significam a mesma coisa. Otlet já assinalava isso na sua primeira obra sobre o assunto.

A estatística do livro confunde-se com a Bibliometria – se bem que até agora ela tenha sido aplicada, principalmente, para recensear a quantidade de livros produzidos (edições). Mas a estatística começa a estender-se agora a tiragens, circulação do livro, bibliotecas, livrarias, preços etc... (OTLET, 1986, p. 26)

Assim sendo, a estatística bibliográfica configura-se em uma subdivisão da Bibliometria, a qual engloba ainda outras subdivisões que veremos ao longo deste trabalho. Por ora, mencionamos Estivals (1986¹¹, p. 49) que fundamenta o que dissemos: "[. . .] a estatística bibliográfica não constitui mais do que uma parte da

¹¹ Obra publicada em 1970 com a seguinte referência: ESTIVALS, Robert. Création, Consommation et Production Intellectuelles. In: ESCARPIT, Roberto (Org.). **Le Littéraire et le Social** : éléments pour une sociologie de la littérature. [Paris]: Flammarion Cop, 1970. p. 165-203. Traduzido por José Paulo Paes e publicado na obra de Fonseca (1986, p. 35-68).

Bibliometria, a bibliometria bibliográfica, e depende, assim, sob um segundo ponto de vista, da bibliografia”.

De certo modo, poderíamos dizer que, enquanto a estatística bibliográfica ocupa-se em mensurar aspectos exógenos das obras, a Bibliometria preocupa-se com o conteúdo delas, ou seja, seus aspectos intelectuais.

Seguindo a trajetória temporal, em 1948, Ranganathan sugeriu o termo ‘Bibliotecometria’ ao aplicar análises estatísticas à ‘ciência biblioteconômica’. Segundo Rao (1986), a Bibliotecometria visa o estudo quantitativo das bibliotecas, no seu aspecto gerencial, ao contrário da Bibliometria, que limita-se ao conhecimento registrado. Aproxima-se, assim, a bibliografia estatística à Bibliotecometria concebida por Ranganathan, visto que ambas ocupam-se de aspectos relacionados às atividades de bibliotecas e não da produção científica, como a Bibliometria.

Em 1969, Pritchard empregou o termo Bibliometria com um dos usos que ela possui hoje, ou seja, aplicando-a na análise de citações (GARFIELD, 1986). Assim, difundiu o termo Bibliometria no lugar da bibliografia estatística.

Atualmente, a Bibliometria possui aplicações práticas em bibliotecas e outras unidades de informação, bem como aplicações teóricas em todos os campos do conhecimento, servindo de método quantitativo para analisar a produção científica – enquanto escrita – com diversificadas abordagens.

Assim como Ranganathan, Rao (1986) traz uma definição que aplica a Bibliometria às unidades de informação, permitindo, assim, a realização de estudos de uso da biblioteca, análise das estatísticas de circulação, além de avaliar a aquisição comparando-a com os dados da circulação. Segundo ele, a Bibliometria pode ser definida como área que estuda: “[. . .] processo de informação e tratamento da informação em bibliotecas e centros de informação, utilizando-se a análise quantitativa das características e do comportamento de documentos, pessoal e usuários de biblioteca” (RAO, 1986, p. 179).

Por outro lado, remetendo-nos ao começo deste capítulo, a Bibliometria tem como sua principal função estudar a produção científica escrita, mas suas aplicações podem ir muito além. Nas palavras de Glänzel (2005, p. 5, tradução nossa):

Hoje, a bibliometria é um campo das raras investigações interdisciplinares verdadeiras que dá para estender a quase todos os domínios científicos. A metodologia bibliométrica inclui componentes da matemática, das ciências sociais, ciências naturais, da engenharia e das ciências da vida mesmo.

Dessa forma, a Bibliometria pode contribuir muito com o campo científico, como, por exemplo, fornecendo importantes indicadores: “Os indicadores bibliométricos são medidas obtidas a partir da análise estatística dos recursos quantificáveis da literatura científica” (MALTRÁS BARBA, 2003, p. 12-13, tradução nossa). Maltrás Barba (2003) ainda divide estes indicadores em três tipos, sendo eles: indicadores de produção, qualidade e colaboração.

O indicador denominado qualidade por Maltrás Barba (2003) é criticado por outros autores, visto que se refere à visibilidade dos autores/dos trabalhos e não à qualidade dos seus trabalhos, propriamente dita. Esse fenômeno recebe o nome de ‘fator de impacto’, por outros pesquisadores. Segundo Araújo (2006, p. 19): “[. . .] o fator de impacto é a divisão do número de citações recebidas por um autor dividido pelo número de trabalhos [que] receberam pelo menos uma citação.”

Esta categoria – o fator de impacto – é analisada pelo estudo de citações, o qual, segundo Machado (2007) e Vanz (2002) é a área bibliométrica que apresenta maior número de estudos no Brasil, a qual veremos no próximo item deste trabalho.

3.3 Estudo de citações e suas aplicações

Um elemento comum a todos os textos científicos – seja de que área do conhecimento for – é a citação. Citar é, genericamente falando, o ato de remeter o leitor a outro texto (MEADOWS, 1999).

A citação pode ser percebida em vários estilos literários, mas, sobretudo, encontra-se presente no texto científico. Isto se dá pelo fato de os pesquisadores se apoiarem em estudos já realizados. Segundo Marques (1998, p. 97): “Não se inventa do nada o conhecimento, nem se fundamenta de um absoluto transcendente, nem num órgão ou dispositivo inato”, então, por este motivo é que a citação é característica fundamental de trabalhos científicos.

Na literatura sobre os estudos de citação, geralmente fala-se mais em artigos, visto que eles constituem o veículo principal da ciência, porém, a técnica do estudo de citações também pode ser empregada a livros científicos ou outras formas de produção da ciência. Além disso, através da estreita relação que as subáreas Bibliometria e Webometria têm entre si, é possível fazer análises de citações no ambiente virtual. Pode-se, por exemplo, realizar um estudo de citações em livros e periódicos eletrônicos e também no próprio conteúdo de sites, sejam eles educacionais, governamentais ou comerciais, através da junção de análises de citações à Webometria.

No contexto de artigos e periódicos, Spinak nos traz a definição do estudo de citações:

Ramo da bibliometria que analisa os padrões e frequência das citações feitas e recebidas pelos autores, as revistas, as disciplinas de investigação, etc., e estuda as relações entre os documentos citados. A razão por trás desse tipo de estudo é que se considera que um artigo científico não é uma entidade solitária, mas que está imerso dentro da literatura sobre o tema. A obra de um autor se constrói sobre as obras de seus precursores. (SPINAK, 1996, p. 8, tradução nossa)

Desta forma, ao realizarmos um estudo de citações podemos tecer elos entre o texto citante e o texto citado, o que, por sua vez, nos permite analisar as redes científicas de acordo com as características das citações de cada área do conhecimento. Como comprova a obra de Meadows (1999), ao apresentar a temporalidade das citações em cada área da ciência. Segundo ele, os cientistas das áreas exatas, em geral, precisam ter conhecimento apenas dos trabalhos recentes, tal como é o campo da astrofísica, no qual ocorrem mudanças rápidas. Já no que tange às ciências sociais, o processo é diferente, pois suas informações são mais difíceis de serem codificadas e, por isto, as obras são citadas por mais tempo. Ao passo em que, nas humanidades, a característica das citações é justamente que elas permaneçam sendo citadas cada vez mais e por mais tempo.

Ao fato de cientistas citarem mais trabalhos recentes, Solla Price denominou 'efeito de proximidade'.

Além disso, com o estudo de citações também pode-se separar a literatura que nos interessa daquela que não é relevante para a nossa pesquisa. Isto vai ao encontro

do já mencionado fenômeno da grande quantidade de informação disponível atualmente.

Citando novamente Solla Price (1976, p. 52), ele diz que: “[. . .] trabalhos que incluem as mesmas citações têm uma elevada probabilidade de terem o mesmo conteúdo” e, dessa forma, o estudo de citações facilita o estudo das áreas do conhecimento. Além do mais, podemos entender o mecanismo da rede que faz toda a literatura científica interagir ou, de alguma forma, se relacionar entre si.

Entretanto, o ato de citar vai além da simples concepção de que os pesquisadores citem trabalhos anteriores tão somente com a intenção de fundamentar sua pesquisa. Ou seja, existem vários motivos por trás da escolha de uma citação, de forma que as citações podem ser motivadas por várias razões e, ao mesmo tempo, não possuem apenas uma finalidade, como a mais conhecida, que é citar trabalhos relacionados, indicando-os para que o leitor os leia também.

Weinstock (1971) considera que quando o pesquisador publica um artigo, ele deve referenciar artigos anteriores relacionados ao seu tema, pois a tradição científica requer isto. Ele identificou 15 razões específicas para a citação:

1. Prestar homenagem aos pioneiros.
2. Dar crédito aos trabalhos relacionados.
3. Identificar metodologia, equipamento, etc.
4. Fornecer leituras anteriores.
5. Corrigir seu próprio trabalho.
6. Corrigir o trabalho de outros.
7. Criticar trabalhos anteriores.
8. Dar sustentações a declarações.
9. Alertar os pesquisadores para trabalhos futuros.
10. Influenciar leituras a trabalhos pouco disseminados, pouco indexados, ou trabalhos não citados.
11. Autenticar dados e categorias dos fatos – constantes físicas, etc.
12. Identificar publicações originais nas quais idéia ou conceito é discutido.
13. Identificar a publicação original, descrevendo conceitos ou termos epônimos.
14. Contestar trabalhos ou idéias de outros.
15. Debater a prioridade de declarações de outros. (WEINSTOCK, 1971, p. 19, tradução nossa)

Porém, concordamos com Marques (1998), que nos mostra que o ato de citar vai além da obrigação para que se possa ser considerado um ‘pesquisador com reputação’, como mencionou Weinstock em sua obra. Para Marques, a citação é um processo de diálogo com o leitor, no qual o autor pode se esconder dentro do texto e dar a entender

que o enunciado não é dele, mas da ciência; ao passo em que o leitor pode se esconder também, como se não tivesse nada a ver com o texto. Nas palavras do autor:

Dá-se a dinâmica da citação na lógica de uma leitura hermenêutica, ou da dialética hegeliana, num negar/suprimir, ao mesmo tempo que conservar e fundamentalmente sublinhar, sublimar. Assim, quando transpomos uma palavra de sua língua de origem para outra língua, a sublinhamos. E quando citamos à letra uma passagem, a colocamos entre aspas para distingui-la e revalorizá-la em seu novo lugar. (MARQUES, 1998, p. 110-111)

De um modo geral, as razões mencionadas por Weinstock (1971) são, em sua maioria, relacionadas a fatores positivos, de modo que as citações existam para recomendar outros trabalhos. Porém, textos com conteúdo incorreto não obrigatoriamente deixarão de serem citados ou serão pouco citados, ou seja, podendo motivar outras pesquisas que os citarão como errados. Ao passo em que, trabalhos considerados 'mediócras' (tratam de temas menos importantes), provavelmente não serão citados, sendo ignorados (MEADOWS, 1999).

A maioria das razões sugeridas nessa lista pode ser considerada positiva, pois estão recomendando o trabalho e não censurando-o. Infelizmente, essa categorização não identifica que proporção de referências bibliográficas aparecem sob cada categoria, nem se cada uma deve ser considerada como tendo a mesma importância. (MEADOWS, 1999, p. 90).

Aí está uma das críticas feitas ao estudo de citações, sobretudo, à categoria denominada qualidade, uma vez que ele não qualifica o uso de cada citação (categorizando-o). Quanto a isto, Meadows (1999) propõe um modo mais fácil de classificá-las, dividindo-as em três grupos: essenciais, suplementares e negativas, sendo as duas primeiras consideradas positivas.

Outrossim, além de ser empregado como fator de impacto, método para estudar as comunidades científicas e modo de analisar a produção das mesmas, o estudo de citações também é utilizado em bibliotecas com o objetivo de realizar estudos de usuários.

Embora o estudo de citações vise, sobretudo, publicações periódicas e ainda se limite àquelas que são indexadas pelas bases de dados, este tipo de estudo pode ser

aplicado em outros tipos de literatura, tais como os livros (conforme já mencionamos), anais de eventos e a própria literatura cinzenta (TCCs, dissertações, teses). No mais, também pode ser utilizado para conhecer o uso e as necessidades de informação de determinadas comunidades científicas (SANZ CASADO, 1994).

Enfim, embora sejam muitas as críticas feitas ao emprego de estudo de citações para se analisar a produção científica, também são muitas as suas possibilidades de uso. Ao separarmos os trabalhos citados dos não citados, estamos refinando uma grande parte da produção científica, o que torna o fato de não categorizarmos cada autor de acordo com a função da sua referência no texto ou mesmo o número de citações que ele recebeu menos problemático. Afinal, como foi mencionado neste item, nas análises dos estudos de citações, mesmo que os trabalhos recebam citações negativas, eles só serão citados se não forem insignificantes, pois se o forem, serão desprezados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este item aborda a metodologia utilizada para realizarmos nosso estudo de citações nos Trabalhos de Conclusão de Curso dos alunos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul nos anos 2007 e 2008.

4.1 Universo de estudo

Nosso universo de estudo foi composto pelas monografias do curso de Biblioteconomia da UFRGS defendidas nos anos 2007 e 2008, compondo, assim, um universo de 51 monografias, divididas em quatro semestres, conforme tabela abaixo:

Tabela 1 – Número de monografias apresentadas por semestre

Ano	1º semestre	2º semestre	Total
2007	10	15	25
2008	18	8*	26
Total	28	23	51

* O total de formandos no segundo semestre de 2008 foi de número 10, porém, apenas oito formandos haviam entregado os CDs com seus TCCs à secretaria do curso até a data de início das nossas análises.

Fonte: Dados da pesquisa.

Escolhemos os dois últimos anos para realizarmos nosso estudo visto que estes proporcionariam um panorama mais atualizado da produção intelectual dos graduandos de Biblioteconomia, podendo, assim, realizarmos apontamentos mais densos, ao compararmos nossos resultados com os de Rodrigues (2004).

Os TCCs referentes ao ano de 2007 e ao primeiro semestre de 2008 foram obtidos com o Núcleo Echos da Fabico. Já os TCCs apresentados no último semestre da nossa análise foram coletados com a ComGradBib ao final do ano letivo de 2008, sendo que dois alunos que não entregaram seus TCCs na data prevista ficaram de fora da amostra.

4.2 Definição dos dados bibliométricos

Nesta seção são apontadas as variáveis que analisamos quando da coleta dos dados dos TCCs e suas respectivas definições.

4.2.1 Variáveis

Nesta seção especificaremos as variáveis que utilizamos na nossa coleta de dados, as quais foram: tipologia, autoria, temporalidade, idioma, periódicos e obras.

4.2.1.1 Tipologia

As fontes utilizadas nas citações são classificadas da seguinte forma:

- a) livro nacional;
- b) capítulo de livro nacional;
- c) artigo de periódico nacional;
- d) artigo de periódico eletrônico nacional;
- e) publicação de evento nacional;
- f) livro estrangeiro;
- g) capítulo de livro estrangeiro;
- h) artigo de periódico estrangeiro;
- i) artigo de periódico eletrônico estrangeiro;
- j) publicação de evento internacional;
- k) literatura cinzenta:
 - monografia;
 - dissertação;
 - tese;
- l) documento somente em meio eletrônico:
 - base de dados;

- site comercial (.com, .net);
 - site institucional (.gov, .edu, .org);
 - comunicação *on line* (e-mails, fóruns de discussão, *chats*);
 - CD-ROM;
 - programa;
- m) matéria de revistas e jornais não-científicos;
- n) comunicação pessoal (depoimentos gravados ou escritos);
- o) outras fontes.

4.2.1.2 Autoria

Dividimos os tipos de autoria baseando-nos na NBR 6023 (ASSOCIAÇÃO..., 2002), que normaliza a forma de referenciar os autores. Assim sendo, subdividiremos os tipos de autoria classificando-os da seguinte forma:

- a) único autor;
- b) dois ou três autores;
- c) mais de três autores;
- d) autor entidade;
- e) autoria desconhecida.

Os autores receberam entradas padronizadas, ou seja, através de uma espécie de cabeçalho autorizado foi determinada uma única forma de entrada para os autores, dando preferência para a forma extensa, sem abreviaturas. Isto facilita a contagem para determinação dos autores mais citados e facilita no controle de homônimos.

Todas as fontes com autoria individual foram contabilizadas como único autor. Fontes com autoria em conjunto de dois ou três autores, foram classificadas como tal e contabilizados todos os autores. Para fontes com autoria múltipla de mais de três autores, apenas o primeiro autor foi contabilizado.

4.2.1.3 Temporalidade

Para determinarmos a temporalidade dos documentos citados, identificamos a data presente na citação. Seguimos os critérios da ABNT NBR 6023 (ASSOCIAÇÃO..., 2002) para determinarmos a data de documentos eletrônicos. Ou seja, para documentos *on line* (ou programas) com data de publicação, utilizou-se esta data para determinarmos a variável temporalidade. Para aqueles que não possuíam tal data devido à sua natureza (*sites*, bases de dados, comunicação *on line*), a temporalidade foi definida como documento sem data.

Quando não foi possível identificar a data, a mesma foi caracterizada como fonte sem data [s.d.]. Ao passo em que, referências com suas temporalidades aproximadas (datas entre colchetes) foram mantidas como aparecem e contabilizadas à parte dos documentos sem data.

4.2.1.4 Idioma

A variável idioma foi classificada em:

- a) português;
- b) inglês;
- c) espanhol;
- d) francês;
- e) alemão;
- f) outros.

O idioma foi identificado conforme presente na referência da fonte. Desta forma, documentos originalmente publicados em outro idioma, mas traduzidos ao serem publicados no Brasil, foram considerados como documentos no idioma português.

4.2.1.5 Periódicos

Quando a tipologia da fonte era um periódico (artigos de periódicos nacionais ou estrangeiros e artigos de periódicos eletrônicos nacionais ou estrangeiros) foram contabilizadas todas as ocorrências para determinarmos os periódicos mais citados.

Os periódicos também receberam formas de entradas padronizadas e seus títulos foram apresentados por extenso. Para periódicos que possuem mais de uma forma de entrada ou tiveram seus títulos alterados, foram utilizados os títulos mais recentes.

4.2.1.6 Obras

Nesta variável analisamos os livros citados no todo para determinarmos as obras citadas nos TCCs do curso de Biblioteconomia da UFRGS. Obras que apresentaram citações referentes a mais de uma edição foram contabilizadas como obra única em todas as suas edições, apenas variando a temporalidade.

Os capítulos de livros são considerados em um item à parte na coleta de dados para que fossem considerados seus autores, mas também entraram na contagem de títulos de livros.

4.2.2 *Indicadores*

Utilizamos como indicadores a média de fontes citadas por trabalho, a porcentagem das fontes de acesso *on line* e as características dos documentos citados nos TCCs de acordo com a divisão por áreas do currículo da Biblioteconomia.

4.2.2.1 Média de fontes citadas por trabalho

O número de citações presentes em cada trabalho foi somado para contabilizarmos com todo nosso universo de estudo. Ao final, realizamos os cálculos de média e mediana, moda, número máximo e mínimo de citações por TCC.

4.2.2.2 Porcentagem das fontes de acesso on line

De acordo com a referência da fonte, classificamos quanto à forma de acesso que o aluno utilizou. Assim sendo, todas as referências em que constava o seu acesso eletrônico, foram consideradas como consulta *on line*.

Para apontarmos a porcentagem das fontes de acesso *on line* em geral, incluímos tanto as fontes de acesso somente em meio eletrônico quanto documentos que possuem acesso impresso, mas que foram consultados *on line*. Já para porcentagens específicas, consideramos cada tipo de material separado e analisamos o seu percentual de consulta *on line*.

Os documentos de acesso somente em meio eletrônico, embora tenham sido somados com os outros tipos de fontes para apontarmos a porcentagem de fontes de acesso *on line*, também foram analisados à parte para caracterizarmos os tipos de páginas da *internet* que foram consultadas.

4.2.3 *Divisão por áreas da Biblioteconomia*

Após as análises gerais, os TCCs foram divididos de acordo com as seis áreas do currículo da Biblioteconomia (ANEXO 1). Foram identificados os professores orientadores e os TCCs pertencentes a cada área, bem como as características de cada uma, tais como as médias de citações e os autores mais citados de cada área.

A divisão dos professores por áreas foi feita de acordo com as informações coletadas em duas bases de dados (APÊNDICE A). Primeiramente, analisamos o Currículo Lattes do professor (disponível na página do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq¹²) e levamos em conta o texto inicial do currículo, informado pelo pesquisador, na qual os professores indicam com quais áreas trabalham. Após, verificamos se o professor fazia parte de grupos de pesquisa (utilizamos, para isto, o *link* ‘Grupos de pesquisa’ disponível no próprio currículo do pesquisador, que remete para o ‘Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil’). Analisando essas duas fontes, determinamos a área à qual o professor estava mais ligado.

Já para dividir os TCCs nas seis áreas, primeiramente determinamos o assunto principal de cada monografia, levando-se em conta o título e as palavras-chaves informadas pelos formandos. Após, verificamos à qual área o assunto principal pertencia (APÊNDICE B).

4.3 Coleta dos dados e tratamento estatístico

Os dados que analisamos neste estudo foram retirados da seção de referências dos Trabalhos de Conclusão de Curso. Inexistiram trabalhos que não apresentassem a seção de referências ou que as mesmas fossem incompletas, portanto, nenhum TCC foi excluído da nossa amostra por este motivo.

Os TCCs receberam uma numeração que os identificam dentro do nosso tratamento estatístico. Como estes trabalhos estão todos em formato digital (CR-ROM), cada arquivo referente a uma monografia foi acrescida de um número de identificação precedendo o nome do seu autor. Este número foi dado de forma crescente, conforme o semestre de apresentação (APÊNDICE C).

¹² Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/>>. Acesso em: 06 abr. 2009.

Todas as seções de referências foram impressas, bem como as folhas de rosto dos TCCs, para que tivéssemos um controle físico dos dados e, sobretudo, documentássemos nossa pesquisa. Outrossim, neste controle também foi incluído o número de identificação do TCC nas folhas de rosto impressas.

Os TCCs foram digitados em um banco de dados desenvolvido e testado especialmente para a finalidade desta pesquisa, de forma que nos possibilitasse o alcance de nossos objetivos. Neste banco de dados ocorreram a tabulação e análise quantitativa dos dados.

Nosso banco de dados foi criado no programa Microsoft Excel® versão 2003, visto que esse programa oferece várias possibilidades de análise e estudo, apresentando tabelas e gráficos, além da praticidade de ser encontrado em qualquer computador com o pacote Windows Office®.

Uma vez decidido o programa e feitos os preparativos nos componentes da nossa amostra, passamos à fase de elaboração do banco de dados. Primeiramente, inserimos as variáveis que analisamos no nosso estudo de citações com códigos criados para cada uma delas, formando colunas. Já as linhas do banco de dados referem-se a cada referência de TCC.

Antes do início da nossa inserção dos dados foi realizado um teste para verificar se nossas variáveis e seus respectivos campos responderiam aos nossos objetivos. Após o teste, passamos à etapa da coleta de dados propriamente dita.

5 RESULTADOS E ANÁLISES

Ao final da nossa coleta de dados referente à amostra de 51 TCCs, obtivemos o total de 1999 referências, resultando, portanto, em uma média de 39 citações por TCC. Houve um aumento de 18,2% nessa média comparada ao estudo de Rodrigues (2004), quando a média por trabalho alcançou 33 citações.

No nosso estudo, foi perceptível a variação no número de citações por TCC. Enquanto a mediana encontra-se em 19 citações por trabalho, bem abaixo da média de citações por trabalho, a moda é 26 citações por TCC. Os números extremos (mínimo e máximo) também ficaram longe da média e da moda. O Trabalho de Conclusão de Curso com menor número de citações apresentou 15 referências, próximo à mediana, e o com maior número apresentou 90 referências, próximo ao número médio de citações nas dissertações em Comunicação e Informação do PPGCOM da UFRGS, segundo estudo realizado por Vanz (2004).

A seguir, observaremos mais detalhadamente nossos dados resultantes da pesquisa, interpretaremos os indicadores bibliométricos e arrolaremos nossos resultados com os objetivos traçados no início da nossa pesquisa.

5.1 Análise bibliométrica dos Trabalhos de Conclusão de Curso

Neste item, veremos os resultados obtidos através da análise do nosso banco de dados, ou seja, aqueles aspectos pontuais que traçamos nos nossos objetivos específicos, que abordam as características das fontes, dos autores, dos periódicos e das obras; bem como a temporalidade, idioma e acesso dos documentos.

5.1.1 Tipologia das fontes

Seguindo o pensamento de Meadows (1999), que considera os livros como a fonte mais importante de informação nas ciências humanas e sociais, no nosso estudo, livro e capítulo de livro (nacional e estrangeiro) somam quase metade do total das citações. Comparando com o estudo de Rodrigues (2004), o percentual desse tipo de fonte se manteve estável, uma vez que na ocasião da sua pesquisa, foi obtida a parcela

de 42,7% de livro e capítulo de livro e, quatro anos depois de seu estudo, obtivemos resultado semelhante com 43%. Houve apenas uma pequena variação nos subtotais: livro e capítulo de livro nacional, segundo Rodrigues (2004), resultava em 38,4% das citações e livro e capítulo de livro estrangeiro obtinha 4,3%, ao passo em que no nosso estudo somamos 39,6% e 3,4%, respectivamente.

Tabela 2 – Distribuição das citações por tipo de documento

	Tipo da fonte	Total	%
Livros	livro nacional	599	29,9
	capítulo de livro nacional	193	9,6
	livro estrangeiro	58	2,9
	capítulo de livro estrangeiro	11	0,5
	Total	861	43,0
Periódicos	artigo de periódico nacional	419	20,9
	artigo de periódico eletrônico nacional	48	2,4
	artigo de periódico estrangeiro	46	2,3
	artigo de periódico eletrônico estrangeiro	3	0,1
	Total	516	25,8
Eventos	evento nacional	75	3,7
	evento internacional	5	0,2
	Total	80	4,0
Literatura cinzenta	monografia	28	1,4
	dissertação	33	1,6
	tese	15	0,7
	Total	76	3,8
	documento somente em meio eletrônico	278	13,9
	outras fontes	87	4,3
	legislação	38	1,9
	normas técnicas (ABNT)	20	1,0
	matérias de periódicos não-científicos	19	0,9
	obras de referência	19	0,9
	comunicação pessoal	5	0,2
	Total	1999	100

Fonte: Dados da pesquisa.

Podemos observar, conforme a Tabela 2, que livros são absolutamente as fontes mais citadas pelos alunos na elaboração dos seus Trabalhos de Conclusão de Curso. Abaixo deles, aparecem os periódicos, que, embora também tenham um percentual significativo (25,8%), ainda estão longe de alcançar o primeiro lugar que cabe aos livros. Esses dois tipos de fontes, se somados, totalizam quase três quartos de todas as

citações, o que aponta para uma tendência de citar documentos mais convencionais, deixando de lado a literatura cinzenta, por exemplo.

Entretanto, pode-se perceber uma leve inclinação para um maior uso de tal literatura. Ao contrário do percentual de periódicos citados que se manteve estável, comparado com o estudo de Rodrigues (2004), no qual foi obtido 26% das citações de periódicos, a literatura cinzenta teve um acréscimo. No referido estudo de 2004, este tipo de literatura (também chamado de não convencional), atingiu apenas 2,3% das citações, ao passo em que, no nosso estudo, este número subiu para 3,8%. Isso pode estar relacionado à maior disponibilização de dissertações e teses *on line*, em repositórios institucionais (como a biblioteca digital da UFRGS) e o banco de teses e dissertações da CAPES.

Outro número que subiu foi o percentual de fontes providas de eventos (também considerada não convencional). Os anais de eventos nacionais e estrangeiros somaram 4%, sendo que no estudo de 2004 este número foi de 2,7%. O evento mais citado nos TCCs que compuseram nosso estudo foi o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, com 13 citações. Esse aumento do número de citações a fontes não convencionais provavelmente esteja ligado à maior disponibilização desse tipo de documentos na *internet* do que há quatro anos atrás.

Já os documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico (os quais veremos mais detalhadamente no item 5.1.7) diminuiram notavelmente. Rodrigues (2004) apontou para um percentual de 21,5%, sendo que na nossa pesquisa atingimos 13,9%. Este fato pode apontar para uma maior preocupação em relação à qualidade e confiabilidade das citações que os alunos usam nos seus TCCs.

Matérias de jornais e revistas não científicos (ou jornais e revistas da atualidade, como chamou Rodrigues, 2004, no seu estudo), tiveram 0,9% das citações, enquanto a comunicação pessoal ficou com 0,2% e as fontes categorizadas como 'outras', tiveram 4,3%. Rodrigues (2004), na ocasião do seu estudo, teve resultados de 0,5% para jornais e revistas da atualidade, 0,2% para comunicação pessoal e 3,2 para outras publicações. O uso das normas técnicas também se mostrou estável, já que no estudo anterior tinha 0,8% e nas nossas análises resultou em 1% das citações.

No nosso estudo, também categorizamos as fontes provindas da legislação (1,9%) e obras de referência (0,9%). Mesmo com um percentual de citações baixo, consideramos importante categorizar seus usos, já que se tratam de documentos com características próprias.

5.1.2 Autores

No geral, o tipo de autoria prevalece é a individual (Tabela 3), o que segue a tendência de autores das ciências humanas e sociais em não publicarem em colaboração (MEADOWS, 1999). Porém, cabe ressaltar que o percentual de autoria individual é um indicador frágil, pois o campo de autoria na referência é o mais passível de ocorrer erros, onde, nem sempre, obras com dois ou três autores são referenciadas com todos os nomes. Já com um número quase quatro vezes menor que a porcentagem de autoria individual, vêm os documentos publicados em co-autoria e, logo após estes, os documentos emanados de entidades.

Tabela 3 – Quantidade de documentos por tipo de autoria

Tipo de autoria	Total	%
único autor	1226	61,3
dois ou três autores	351	17,5
autor entidade	311	15,5
mais de três autores	70	3,5
autoria desconhecida	41	2,0
Total	1999	100

Fonte: Dados da pesquisa.

O percentual de autoria desconhecida (documento sem autor) praticamente duplicou em relação ao estudo de Rodrigues (2004), onde o número de documentos sem autor foi de 1,3% apenas. No nosso, este número (2%) também chama a atenção por ser maior que o próprio percentual do autor mais citado (Tabela 4), no qual recebeu apenas 1,5% das citações.

Vanz (2004) quando da análise dos autores mais citados nos programas de pós-graduação em Comunicação do Estado do Rio Grande do Sul, obteve um percentual de 6,7% dos documentos sem autoria, também muito à frente do autor mais citado, que obteve apenas 1,1%. Segundo a autora, esse tipo de citação geralmente “[. . .] trata-se de artigos de jornais e revistas de atualidades que não são assinados e constituem fonte de pesquisa para a Comunicação [. . .]” (VANZ, 2004, p. 89).

Como a Biblioteconomia também utiliza obras da Comunicação e, de fato, o percentual de citações de periódicos não científicos subiu do estudo anterior para o nosso (em 2004, foi obtido 0,5% desse tipo de fonte, ao passo que agora o número referente a ele é 0,9%), essa afirmação poderia valer para o nosso trabalho. Porém, não é o que constatamos ao analisar a tipologia das fontes sem autoria. Dos 41 documentos citados sem autor, 68,2% (28 citações) deles são documentos de acesso somente em meio eletrônico e desse total, 60,7% (17 citações) estão no idioma inglês e são, na sua maioria, *sites* comerciais. Percebemos, portanto, que as referências estão incompletas, já que se tratariam de documentos emanados de entidades.

No que tange aos autores pessoais (incluindo autoria única e autoria múltipla), tivemos como resultado de autor mais citado o mesmo do estudo de Rodrigues (2004). A autora Nice Menezes de Figueiredo recebeu 1,5% das citações presentes nos TCCs que analisamos. Entretanto, referente ao estudo passado, percebemos uma maior aproximação do segundo autor mais citado em relação ao primeiro. Enquanto tivemos apenas 0,1% de diferença entre a primeira e as segundas autoras mais citadas, no estudo de Rodrigues (2004) – que obteve 2,5% das citações para Nice Menezes de Figueiredo – teve como segundo autores mais citados Neusa Dias Macedo, Eva Maria Lakatos, Antonio Carlos Gil e Waldomiro Vergueiro com 0,8% das citações, ou seja, 1,7 ponto percentual abaixo da primeira autora mais citada.

Entretanto, há de se mencionar que Rodrigues (2004) não contabilizou segundos e terceiros autores, mas somente o primeiro autor. Assim, autores que escrevem em conjunto tiveram apenas o nome do primeiro contabilizado, o que faz a tabela dos autores mais citados mudar muito.

Para fins de análises, consideramos como autores pessoais mais citados os que apresentaram a partir de 11 citações. Conforme podemos observar na Tabela 4,

somente Eva Maria Lakatos continua como segunda autora mais citada e Waldomiro Vergueiro ainda aparece entre os cinco mais citados. A autora que obteve o terceiro maior percentual de citações no nosso estudo aparece, na pesquisa de Rodrigues (2004), com apenas 0,3% das citações, sendo um dos autores que configuram na sétima posição.

Tabela 4 – Autores mais citados

Autor pessoal	Total	%	% cumulativo
Nice Menezes de Figueiredo	25	1,5%	1,5
Eva Maria Lakatos	22	1,3	2,8
Maria de Andrade Marconi	22	1,3	4,1
Bernadete Campello	19	1,1	5,3
Waldomiro Vergueiro	17	1,0	6,3
Elisabeth Adriana Dudziak	16	0,9	7,3
Luís Milanesi	16	0,9	8,2
Ida Regina Chitto Stumpf	16	0,9	9,2
F. W. Lancaster	15	0,9	10,1
Paulo Freire	12	0,7	10,8
Elias Sanz Casado	11	0,6	11,5
Iara Conceição Bitencourt Neves	11	0,6	12,2
Maria das Graças Targino	11	0,6	12,8
Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	11	0,6	13,5
Suzana Pinheiro Machado Mueller	11	0,6	14,1
Autores com 6 a 10 citações	33	2,0	16,1
Autores com 2 a 5 citações	305	18,5	34,7
Autores com 1 citação	1074	65,2	100,0
Total	1647	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

O fato de a Biblioteconomia, enquanto ciência interdisciplinar, se apoiar em referenciais das ciências humanas e sociais se faz presente na nossa tabela de autores mais citados. Paulo Freire, referencial teórico da Educação, aparece como o sétimo autor mais citado nos trabalhos que analisamos, com 0,7% das citações e Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi, autoras de textos básicos de metodologia, foram as segundas autoras mais citadas.

Outro resultado interessante foi o de duas professoras do curso de Biblioteconomia da UFRGS aparecerem entre os autores mais citados. Ida Stumpf está entre os cinco autores mais citados e Iara Neves aparece como a oitava autora mais

citada. No estudo anterior, estas duas autoras pertencentes ao quadro docente da Biblioteconomia da UFRGS não configuravam entre os autores mais citados, ficando com 0,3% de citações, cada uma.

Outros membros do corpo docente que também figuraram nas nossas análises com mais de cinco citações foram: Ana Maria Dalla Zen, com cinco citações, Martha Bonotto e Samile Vanz com sete, Jussara Santos com oito, Valdir Morigi com nove e Sônia Caregnato com 10 citações.

Esses resultados podem indicar que os alunos têm uma certa inclinação a citar membros do corpo docente onde está se formando, seja por já conhecê-los e fazerem parte do seu meio social ou por influência do orientador. Podem, ainda, estarem citando documentos escritos pelo seu próprio orientador, o que revela uma proximidade entre a área temática à qual o professor pertence e à(s) área(s) que está orientando TCCs.

Como podemos verificar na Tabela 4, os 15 autores mais citados apreendem 14,2% das autorias pessoais, enquanto os autores com 1 a 10 citações correspondem a 85,7% das citações. Temos, então, a 'longa cauda', denominada por Solla Price (1976), onde poucos autores são citados várias vezes e muitos autores são citados poucas vezes, formando um 'pico' na parte correspondente aos poucos autores e uma 'longa cauda' na parte correspondente a muitos autores.

Na categoria de autor entidade (Tabela 5) consideramos como mais citados os que possuíam oito ou mais citações. O Rio Grande do Sul foi a entidade mais citada, com 26,3% dos documentos deste tipo de autoria. O número total de citações que o Estado recebeu é três vezes maior do que a autora mais citada, que figurava com 25 citações. Se considerarmos todo o nosso universo de estudo (1999 citações), teremos o Rio Grande do Sul com 4,35% e a autora Nice Menezes de Figueiredo com 1,2%.

Em estudo semelhante, Rodrigues (2004) obteve o Rio Grande do Sul com resultado de apenas 0,4% das citações. Na categoria entidade, o autor encontrou o Brasil como a autoridade mais citada, com 1,2% das citações.

Tabela 5 – Autoria de entidades mais citadas

Autor entidade	Total	%	% cumulativo
Rio Grande do Sul	87	27,9	27,9
Brasil	54	17,3%	45,3
ABNT	19	6,1	51,4

IBGE	18	5,7	57,2
UNESCO	8	2,5	59,7
UFRGS	8	2,5	62,3
Entidades com 7 ou menos citações	117	37,6	100,0
Total	311	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

O grande número de citações que essas duas entidades receberam demonstra um significativo uso de documentos legais (leis e decretos, em sua maioria), sobretudo no que tange à autoridade Brasil. Já a autoridade Rio Grande do Sul apresentou uma peculiaridade, pois, das suas 87 citações, 76 delas provinham do mesmo TCC e eram documentos não publicados da Secretaria da Cultura, tanto que 74 deles (97,3%) possuíam títulos determinados pelo autor do TCC (entre colchetes).

Fato semelhante ocorreu com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Das suas 18 citações recebidas, 17 eram do mesmo TCC, sendo que destas, 16 eram anuários estatísticos do Brasil, entre 1908 e 1988.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) – terceiro autor entidade mais citado – obteve 19 referências (6,1%). No seu estudo anterior, Rodrigues (2004) obteve um percentual de apenas 0,5% de citações para a ABNT.

A preocupação de que talvez os alunos estivessem citando a ABNT por consultá-la apenas (para a elaboração do seu Trabalho de Conclusão de Curso) e não por citá-la, parece infundada diante de nossas análises. Das suas 19 citações, apenas uma era sobre a elaboração de trabalhos acadêmicos (NBR 14724). Nas outras 18 parece visível que os alunos tenham mesmo citado-as, visto que se tratam de representação temática e descritiva (7), ergonomia (10) e qualidade em bibliotecas (1).

Das oito citações correspondentes à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), quatro delas se referem ao Manifesto UNESCO/IFLA para biblioteca escolar e quatro ao Manifesto UNESCO/IFLA sobre bibliotecas públicas.

Também com oito citações, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) teve todos os seus documentos citados como de acesso exclusivo em meio eletrônico, ou seja, são informações retiradas da página na *web* da instituição. A

maioria desses documentos são relatórios e históricos da universidade, o que demonstra que certas informações, atualmente, são encontradas apenas em meio eletrônico, já que tais relatórios e históricos dificilmente seriam encontrados em suporte físico.

5.1.3 Temporalidade dos documentos

Nossos resultados apontam para uma tendência entre os alunos, ao elaborarem seus TCCs, citarem documentos recentes, pois 924 (46,2%) citações correspondem a documentos com datas a partir de 2001. O que contraria a afirmação de Meadows (1999), ao dizer que as informações nas ciências sociais continuam a serem citadas por muito tempo, pois, mesmo o fato de a Biblioteconomia ter iniciado no Brasil em 1911 e possuir muitas obras antigas, as citações prevalecem a documentos recentes.

Ponderando nossos resultados com os de Rodrigues (2004) que realizou estudo semelhante referente aos anos 2002 e 2003, vemos que 51% dos seus documentos eram também atualizados no ano de seu estudo (considerando o período entre 1997 e 2004).

A queda que houve na atualidade dos documentos, comparando o estudo realizado em 2004, pode ser influenciada pelas citações aos anuários estatísticos do IBGE (16 ao todo) que já mencionamos. É somente a partir do ano de 1957 que aparece mais de um documento por ano citado, sendo que nem todos os anos possuem alguma citação. E apenas a partir do ano de 1967 existem citações presentes em todos os anos, até 2008.

Conforme podemos observar na tabela 6, o documento mais antigo citado data do ano de 1888, o qual se trata de um documento eletrônico, retirado de um *site* comercial, sendo provavelmente uma espécie de artigo sob o título de 'The enemies of books' e foi citado em um TCC que versa sobre incêndios em bibliotecas.

Tabela 6 – Temporalidade dos documentos

Temporalidade	Total	%	% cumulativo
Ano 1888	1	0,1	0,1

De 1912 a 1970	39	1,9	2,0
De 1971 a 1980	65	3,2	5,0
De 1981 a 1990	135	6,7	12,0
De 1991 a 2000	630	31,5	44,0
Ano 2001	82	4,1	48,0
Ano 2002	163	8,1	56,0
Ano 2003	132	6,6	62,0
Ano 2004	135	6,7	69,0
Ano 2005	171	8,5	78,0
Ano 2006	138	6,9	85,0
Ano 2007	71	3,5	88,0
Ano 2008	32	1,6	90,0
Doc. sem data	165	8,0	98,0
Doc. com data aproximada	40	2,0	100,0
Total	1999	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

Em seu estudo, Rodrigues (2004) teve o documento mais antigo com data na década de 1950 (0,1%). A década de 1960 obteve 1,1%; a de 1970, 4,5% e a de 1980, 10,5%. Já nas nossas análises, temos 2% das citações datadas até 1970, 3,2% na década de 1970 e 6,7% na década de 1980. Observando isto, notamos que seu estudo teve mais documentos antigos do que o nosso, mas, no entanto, obteve também uma maior atualidade.

Percebemos, então, que um único TCC pode alterar os nossos resultados finais com o seu perfil de citação, inclinando para determinadas características peculiares.

Já os documentos sem data e com data aproximada somam 10% das citações no nosso estudo, ao passo em que no estudo de Rodrigues (2004) o total era de 15,4%. Esta queda no percentual das citações sem data provavelmente esteja ligada ao menor percentual de documentos de acesso somente em meio eletrônico, já que esse tipo de fonte não apresenta uma estrutura para citação nem contém data, sendo em sua maioria *sites* comerciais e governamentais.

Dos 205 documentos que encontramos como sem data ou data aproximada na nossa pesquisa, 188 eram documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico, ou seja, 91,7%.

No gráfico 1, podemos observar a distribuição de citações por décadas e visualizar o aumento de citações nas datas mais recentes.

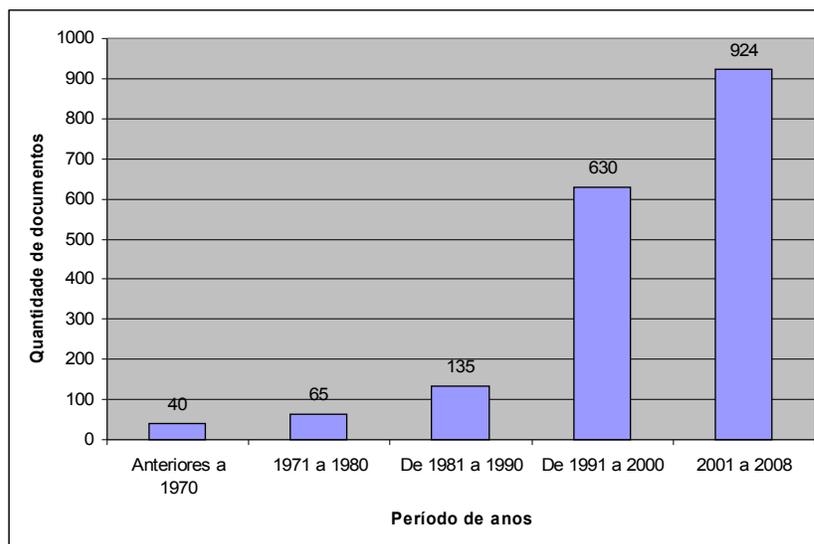


Gráfico 1 – Distribuição dos documentos por períodos de anos
Fonte: Dados da pesquisa.

Esse aumento do número de citações nos últimos anos poderia ser facilmente explicado caso o tipo de documento mais utilizado fosse periódico. Porém, como já vimos, os documentos mais citados são os livros e capítulos de livros, sendo que a maioria deles (42%) é datada a partir de 2001, conforme mostra a Tabela 7. Vanz (2004) em seu estudo bibliométrico das citações em dissertações, levanta a hipótese de que possam se tratar de reedições e/ou traduções e a data citada é apenas a data da edição lida.

Um forte indicador para que muitos livros e capítulos de livros se tratem de edições é o fato das obras de referência (Tabela 7) também serem, a grande maioria, de anos recentes.

Tabela 7 – Tipo de fonte *versus* década de publicação

	Ant. 1970	%	1971- 1980	%	1981- 1990	%	1991- 2000	%	2001- 2008	%	Sem data	%	Total
Livros	29	3,3	46	5,3	84	9,7	329	38,2	362	42,0	10	1,1	861
Periódicos	1	0,1	15	2,9	28	5,4	170	32,9	298	57,7	4	0,7	516
Eventos	0	0	0	0	2	2,5	16	20,0	62	77,5	0	0	80
Literatura cinzenta	0	0	0	0	2	2,6	11	14,4	63	82,8	0	0	76
Documento eletrônico	2	0,7	1	0,3	4	1,4	25	8,9	68	24,4	178	64,0	278
Periódico não científico	0	0	0	0	1	5,2	1	5,2	17	89,4	0	0	19
Comunicação pessoal	0	0	0	0	0	0	0	0	4	80,0	1	20,0	5
Legislação	9	23,6	1	2,6	8	21,0	9	23,6	10	26,3	0	0	38
Normas técnicas	0	0	1	5,0	4	20,0	9	45,0	6	30,0	0	0	20
Obras de referência	0	0	1	5,2	2	10,5	7	36,8	15	78,9	1	5,2	19
Outras	0	0	0	0	0	0	53	60,9	25	28,7	9	10,3	87
Total	41	2,0	65	3,2	135	6,7	630	31,5	930	46,5	203	10,1	1999

Fonte: Dados da pesquisa.

Como podemos observar na Tabela 7, quase todas as fontes têm o maior percentual entre 2000 e 2008. As exceções são os documentos eletrônicos – que já mencionamos o porquê de não possuírem data de publicação –, as normas técnicas e outros documentos. O motivo de as normas técnicas de não serem documentos atuais se deve a norma mais citada, que é a ‘NBR 12676: métodos para análise de assunto de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação’, de 1992 e de outras normas de ergonomia também publicadas na década de 90. Já os documentos da categoria ‘outros’ são, a grande maioria (90,8%), documentos não publicados, muitas vezes internos de instituições (possuem, como indicador disto, seu título atribuído pelo autor do TCC, entre colchetes).

Já a temporalidade dos documentos de legislação chama a atenção por possuir um alto percentual de publicações anteriores a 1970. Logo, na década de 1970 este percentual cai e, a partir de 1981 o número de citações por década voltar a crescer lentamente. Das nove citações de documentos legislativos anteriores a 1970, cinco delas são do mesmo TCC. Além disso, percebemos uma forte tendência nos TCCs que utilizam documentos legislativos de utilizarem mais de um. Das 17 monografias que citaram as 38 fontes legislativas, cinco delas citaram três ou mais documentos desse tipo.

Temos, mais uma vez, um indicativo de que os Trabalhos de Conclusão de Curso possuem certas características que os diferenciam entre si, ou seja, um usa várias citações do IBGE, outro possui vários documentos legislativos. Alguns, por motivo do próprio tema abordado no TCC, utilizam mais fonte *on line* do que outros. Assim, embora haja uma grande dispersão nos títulos utilizados pelos formandos (assunto que veremos mais detalhadamente no item 5.1.6) – devido à diferença de temas – eles se assemelham pelo tipo de fontes e até mesmo pela temporalidade.

5.1.4 Idioma dos documentos

Como era de se esperar, o idioma português é o mais usado na elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso, com 89,1%. Bem abaixo dele (Gráfico 2), aparece o inglês, com 6,2%, seguido do espanhol, com 4,4% e do francês, com apenas 0,1%.

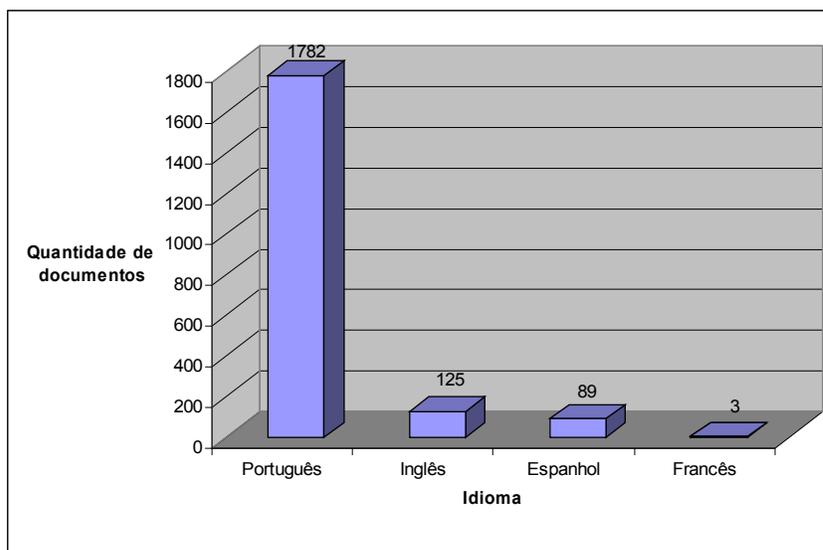


Gráfico 2 – Distribuição dos documentos conforme idioma
Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme mencionamos no item 4.2.4 do presente trabalho, o idioma foi classificado de acordo como aparecia na referência, ou seja, mesmo que as obras tenham sido publicadas originalmente em outro idioma, mas posteriormente traduzidas para o português, elas foram classificadas como obras em português.

Rodrigues (2004), em seu estudo, obteve um menor percentual para o idioma português e maiores percentuais para o inglês e espanhol. Na ocasião do seu estudo, português detinha 80,5% das citações, enquanto o inglês perfazia 13%, o espanhol 6,3% e o francês 0,1%. Não foram detectadas citações em alemão ou outro idioma além dos já mencionados.

Embora o espanhol possa parecer um idioma mais 'familiar' ao português, devido aos dois terem sua origem no latim, o inglês contém mais citações que o espanhol. Isso talvez se deva à influência norte-americana nos currículos brasileiros de Biblioteconomia, como pontua Santos (1998), mas, sobretudo, se deve ao maior volume e diversidade da produção em língua inglesa, se comparada a de língua espanhola. Já o francês, que, antes do inglês, foi a o idioma que vinha do país mais influente na área da Biblioteconomia, teve no nosso estudo apenas três citações, sendo um livro ('La planification des services de bibliotheque et documentation', de 1971) e dois documentos de acesso em meio eletrônico (Tabela 8).

Tabela 8 – Tipo de fonte *versus* idioma

Fonte	Port.	%	Ing.	%	Esp.	%	Fran.	%	Total
livro nacional	599	99	-	0	-	0	-	0	599
capítulo de livro nacional	190	98,4	-	0	3	1,5	-	0	193
artigo de periódico nacional	413	98,5	-	0	6	1,14	-	0	419
artigo de periódico eletrônico nacional	48	100	-	0	-	0	-	0	48
evento nacional	74	98,6	-	0	1	1,3	-	0	75
livro estrangeiro	-	0	20	35,0	37	64,9	1	1,9	58
capítulo de livro estrangeiro	-	0	6	54,5	5	45,4	-	0	11
artigo de periódico estrangeiro	5	10,8	17	36,9	24	52,1	-	0	46
artigo de periódico eletrônico estrangeiro	-	0	2	66,6	1	33,3	-	0	3
evento internacional	-	0	2	40	3	60	-	0	5
monografia	27	96,4	-	0	1	3,5	-	0	28
dissertação	33	100	-	0	-	0	-	0	33
tese	15	100	-	0	-	0	-	0	15
documento somente em meio eletrônico	195	70,1	74	26,6	7	2,5	2	0,7	278
matérias de periódicos não-científicos	18	94,7	1	5,2	-	0	-	0	19
comunicação pessoal	3	60	2	40	-	0	-	0	5
legislação	38	100	-	0	-	0	-	0	38
normas técnicas (ABNT)	20	100	-	0	-	0	-	0	20
obras de referência	17	89,4	1	5,2	1	5,2	-	0	19
outras fontes	87	100	-	0	-	0	-	0	87
Total	1782		125		89		3		1999

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota: O sinal - significa que não houve nenhuma citação do tipo de documento para o idioma em questão.

O tipo de documento mais citado no idioma inglês é o de acesso exclusivo em meio eletrônico, o que confirma ser este o idioma universal, visto que a *web* é uma ferramenta mundial e o inglês domina também o mundo virtual.

Já o espanhol, podemos notar que prevalece nos documentos impressos, tais como as categorias livro estrangeiro e artigo de periódico estrangeiro. Além disso, houve seis citações no idioma espanhol em artigos de periódicos nacionais. Isso se deve ao fato de algumas revistas permitirem a seus autores publicarem seus artigos em outros idiomas, desde que com o resumo em português. Nessas revistas, são aceitos também artigos em inglês, portanto, aqui podemos observar a tendência a citar documentos em idiomas ‘familiares’ ao português. Isto também acontece na categoria capítulo de livro nacional, que contém três citações em espanhol.

Além de livro nacional e artigo de periódico eletrônico nacional, dissertação, tese, legislação, normas técnicas e outras fontes possuem 100% das suas citações em português, o que reforça a idéia de que os alunos de graduação procuram, predominantemente, fontes na língua vernácula para a elaboração do seu TCC. Fato que não muda muito ao analisar alunos de mestrado, pois, Vanz (2004), em sua análise das dissertações em Comunicação e Informação, obteve 76,1% das citações em português, sendo o segundo idioma mais citado também o inglês, com 9,8%, o terceiro idioma, o espanhol, com 9,6% e o quarto, o francês, com 2,5%. As dissertações pela autora analisadas, também apresentaram 1,4% em alemão e 0,6% em outros idiomas, o que mostra que no mestrado o leque de idiomas utilizados é maior que na graduação.

5.1.5 Periódicos mais citados

Assim como Rodrigues (2004), o periódico que obteve maior número de citações foi a Revista Ciência da Informação. No seu estudo, o autor teve como resultado 22,1% das citações de periódicos à Revista Ciência da Informação, já no nosso estudo, este número subiu para 27,9%.

A Tabela 9 apresenta os 10 periódicos mais citados, que detêm 61% de todas as citações a periódicos. Consideramos como mais citados os periódicos que apareceram oito ou mais vezes no nosso banco de dados.

Tabela 9 – Periódicos mais citados

Periódicos	Total	%	% cumulativo
Ciência da Informação	144	27,9	27,9
Perspectivas em Ciências da Informação	38	7,3	45,5
Transinformação	28	5,4	40,6
Informação e sociedade: estudos	25	4,8	45,5
Em Questão	22	4,2	49,7
Encontros Bibli	19	3,6	53,4
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	19	3,6	57,1
Datagramazero: Revista de Ciência da Informação	12	2,3	59,4
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	8	1,5	61,0
Periódicos com 7 ou menos citações	201	38,9	100,0
Total	516	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

O panorama dos periódicos mais citados mudou bastante desde a realização do estudo de Rodrigues (2004). Há quatro anos atrás, o segundo periódico mais citado era a Revista Práxis Biblioteconômica, com 5,8% das citações a periódicos; em terceiro lugar vinha a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, com 5,2%; e, em quarto lugar, a Revista Transinformação, com 4,7%.

Vemos como mais influente, em ambos os estudos, a Revista Ciência da Informação, que é uma das melhores conceituadas da área, com conceito Qualis B1. A Revista Perspectivas em Ciências da Informação, segunda revista mais citada, também possui Qualis B1. Na ocasião do seu estudo, Rodrigues (2004) apontou como motivo do segundo lugar ocupado pela Revista Práxis Biblioteconômica – editada pelo Departamento de Ciências da Informação, da FABICO/UFRGS – por reunir artigos produzidos pelos formandos em Biblioteconomia, antes da inclusão do TCC ao final do curso.

Já a Transinformação e a Informação e Sociedade: estudos, segundo e terceiro lugar, respectivamente, possuem conceito Qualis B2. As revistas Em Questão, Encontros Bibli e Datagramazero, são classificadas como Qualis B3. A Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina possui Qualis B4 e a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação possui Qualis B5.

A Revista Encontros Bibli é a quinta mais citada, com 19 citações (3,6%) do total de periódicos e configura como a revista mais citada dentre os periódicos eletrônicos. Ainda na categoria periódico nacional eletrônico, tivemos, em segundo lugar, a Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, com 14 citações, seguida da Biblionline, com cinco citações.

À exceção da Revista Em Questão, todos os outros periódicos conceituados como B3 ou abaixo, não receberam mais de 20 citações. Isto é facilmente explicado por ser esta uma publicação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da UFRGS. Ou seja, nela são publicados, entre outros, artigos dos docentes do curso de Biblioteconomia, falando sobre uma realidade próxima aos alunos e, como vimos até então, existe uma tendência dos alunos em citarem fontes às quais estão mais familiarizados.

No que tange aos artigos de periódicos, houve três mais citados: ‘O Movimento da Competência Informacional: uma perspectiva para o letramento informacional’, publicado na Ciência da Informação, apresentando 10 citações; ‘Information Literacy: princípios, filosofia e prática’, também da Ciência da Informação, com sete citações; e ‘O Desenvolvimento de Habilidades Informacionais: o papel das bibliotecas universitários no contexto da informação digital em rede’, publicado na Revista Em Questão, com sete citações também. Após estes, vieram três artigos com quatro citações, seguido por nove artigos com três citações. Assim, 63 artigos obtiveram três ou mais citações, ao passo em que os outros 453 artigos obtiveram apenas duas citações ou uma citação.

Na categoria periódico estrangeiro, *Anales de Documentación*, da Universidad de Murcia, Espanha, foi o mais citado, com cinco citações. Enquanto o periódico estrangeiro eletrônico mais citado foi *D-Lib Magazine*, publicada pela Corporation for National Research Initiatives, Estados Unidos, com as três citações presentes nesta categoria. Já na categoria periódico não científico, que obteve apenas 19 citações, teve como mais citado o jornal *Zero Hora*, publicado em Porto Alegre, com duas citações.

Esses 10 periódicos mais citados correspondem a 315 citações, do subtotal de 516 citações a periódicos, ou seja, 61%, como já mencionamos. Ou ainda, 15,7% do total de 1999 citações que analisamos nas 51 monografias. Por conseguinte, dessas 315 citações, subdividimos em consulta impressa e consulta *on line*, conforme mostra a tabela 10.

Tabela 10 – Periódicos mais citados e seus percentuais de consulta impressa ou *on line*

Periódicos	Impresso	%	On line	%	Total
Ciência da Informação	123	85,4	21	14,5	144
Perspectivas em Ciências da Informação	38	100	0	0	38
Transinformação	28	100	0	0	28
Informação e sociedade: estudos	16	64,0	9	36,0	25
Em Questão	21	95,4	1	4,5	22
Encontros Bibli	6	31,5	13	68,4	19
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	14	73,6	5	26,3	19
Datagramazero: Revista de Ciência da Informação	0	0	12	100	12
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	8	100	0	0	8

Periódicos com 7 ou menos citações	117	58,2	84	41,7	201
Total	371		145		516

Fonte: Dados da pesquisa.

Como resultados dessa subdivisão, tivemos 254 citações (80,6%) como consulta ao material impresso e 61 citações (19,3%) como consulta ao periódico de forma *on line*. Este último percentual é significativamente baixo, se levarmos em conta que, à exceção de dois periódicos, todos eles possuem seu conteúdo na íntegra para consulta *on line*. As exceções são a Revista Em Questão, que possui apenas os artigos após o ano de 2003 na *internet* e a Revista Brasileira de Biblioteconomia e Comunicação, que disponibiliza seu conteúdo a partir do volume dois.

Nada impossibilita que os alunos estejam consultando os artigos *on line* e citando-os como impressos, salvo os periódicos que são publicados somente neste meio. Porém, como se pode observar na tabela 10, mesmo a Revista Encontros Bibli, que é somente eletrônica, teve referências como se tivessem sido consultadas impressas.

Dias (2002) aponta o comportamento de buscar o artigo *on line* e imprimi-lo para ler, como um dos fatores propulsores do baixo índice de citações a artigos *on line*. Segundo o autor, os periódicos eletrônicos não exploram todo o potencial dos textos *on line*, sendo estes, na maioria das vezes, apenas uma transcrição dos textos impressos. Ainda segundo Dias (2002), mesmo os periódicos que 'já nascem eletrônicos', não aproveitam as possibilidades interativas e dinâmicas que a *web* oferece, como, por exemplo, o hipertexto.

Desta forma, é possível entender o porquê da grande maioria das citações não referenciam acesso *on line*, mesmo que os textos estejam sendo pesquisados e obtidos nesse meio. Temos o fator apontado por Dias (2002), do hábito de imprimir textos obtidos na *internet*, como propulsor da não citação *on line*, visto que após imprimi-los, perde-se o URL de acesso eletrônico ao texto, bem como – ao ser lido mais adiante – a data de acesso ao documento.

5.1.6 Obras

As obras na categoria livro tiveram uma maior dispersão que os artigos na categoria periódicos. Enquanto o artigo mais citado recebeu 10 citações, obtendo 1,9% do total da sua categoria, os livros mais citados receberam apenas oito citações, ficando com 0,9%, cada, do total da categoria livros (Tabela 11).

Tabela 11 – Livros mais citados e seus autores

Livros	Autor(es)	Total
Fundamentos de metodologia científica	LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade	8
Métodos e técnicas de pesquisa social	GIL, Antônio Carlos	8
Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação	GUINCHAT, Claire; MENOUE, Michael	8
A ciência da informação	LE COADIC, Yves-François	7
Biblioteca	MILANESI, Luís	7
Indexação e resumo: teoria e prática	LANCASTER, F. W.	7
A comunicação científica	MEADOWS, A. J.	5
A palavra escrita: a história do livro, da imprensa e da biblioteca	MARTINS, Wilson	5
Estudo de caso: planejamento e métodos	YIN, Robert K.	5
O que é biblioteca	MILANESI, Luís	5
Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados	MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria	5
Total		70

Fonte: Dados da pesquisa.

Os três livros mais citados são livros de metodologia, que ensinam o ‘como fazer’ trabalhos científicos. Além destes, temos mais dois livros que aparecem entre os mais citados e tratam de metodologia: ‘Estudo de caso: planejamento e métodos’ e ‘Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados’. Somando esses cinco livros, temos 34 citações (3,9% do total de livros) a livros de metodologia, sendo dois das mesmas autoras, Marina de Andrade Marconi e Eva Maria Lakatos, as quais constam como segundas autoras mais citadas.

Não há como afirmarmos se os alunos realmente citaram os livros de metodologia ou se apenas os consultaram para elaborarem suas monografias – o que não é o desejável. Entretanto, como ocorreu no caso das normas da ABNT, onde seus títulos demonstravam que provavelmente elas tenham servido como referencial teórico do TCC, apontamos a hipótese de que os livros de metodologia também tinham sido citados. Inferimos que, possivelmente, essas citações foram feitas no início do TCC, onde aluno delimita seu tema de estudo, expõe a metodologia que usará (quali ou quantitativa) e define a população-alvo que pretende atingir.

Agrupando novamente os autores mais citados conforme a sua área, temos ‘A ciência da Informação’ de Yves-François Le Coadic, ‘A palavra escrita: a história do livro, da imprensa e da biblioteca’ de Wilson Martins, ‘Biblioteca’ e ‘O que é Biblioteca’ de Luís Milanese, como livros da área de Fundamentos da Ciência da Informação. Somados, esses livros dão um total de 24 citações (ou 2,7% do total de livros), dentre os livros mais citados, para a área de Fundamentos.

Com sete citações (ou 0,8% do total de livros), aparece o livro ‘Indexação e resumo: teoria e prática’, de F. W. Lancaster, pertencente à área de Processamento da Informação.

Com cinco citações (ou 0,5% do total de livros), temos ‘A comunicação científica’ de A. J. Meadows, que pode ser classificado como pertencente à extinta área 6 – Pesquisa.

As áreas de Recursos e Serviços de Informação, Gestão de Unidades de Informação e a também extinta área 5 – Tecnologia da Informação, não aparecem entre os livros mais citados. Isto pode ser justificado pelo fato de que quem elabora um trabalho na área de Recursos e Serviços de Informação, por exemplo, usará obras dessa área e também irá procurar livros de Fundamentos para enriquecer seu referencial teórico. Já o caminho inverso não é percorrido, ou seja, um aluno que elabora seu TCC sobre um tema dentro dos Fundamentos da Ciência da Informação, dificilmente irá utilizar obras de outras áreas e, se o fizer, será em menor proporção.

Acreditamos, portanto, que a área 1 – Fundamentos da Ciência da Informação seja a que possua maior número de livros entre os mais citados, por ser a base do ensino e da teoria no curso de Biblioteconomia, além de agrupar o maior número de

disciplinas do curso (SANTOS, 1998). Além disso, como já mencionamos neste trabalho, a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso é, na sua grande maioria, o primeiro contato dos alunos com a pesquisa, então, é compreensível que eles voltem às 'raízes' da Biblioteconomia para embasar as suas monografias.

5.1.7 Fontes com acesso *on line*

As fontes com acesso *on line*, para fins das nossas primeiras análises, incluem tanto aquelas consideradas de acesso exclusivo em meio eletrônico, como aquelas que possuem acesso impresso, mas foram citadas como consultadas *on line*. Obtivemos 606 citações (30,3%) como acesso *on line* e 1393 (69,6%) como consulta em documentos impressos (Gráfico 3).

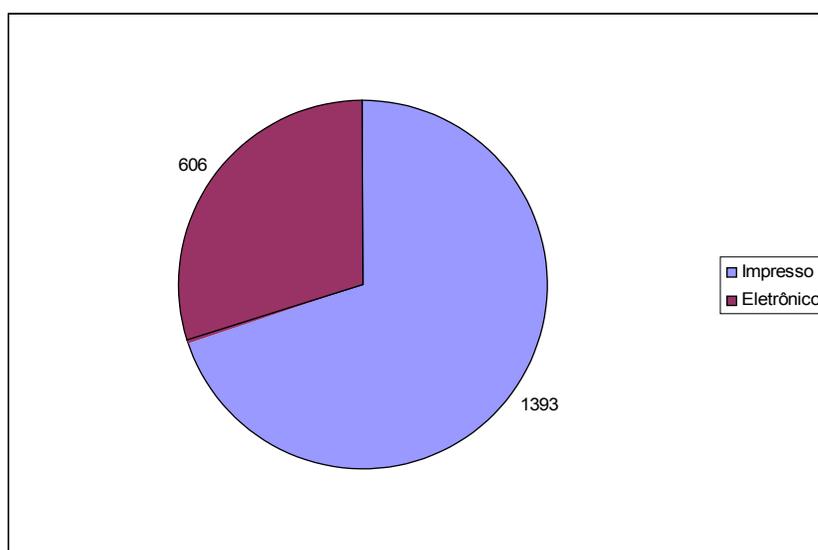


Gráfico 3 – Divisão dos documentos conforme acesso impresso ou eletrônico
Fonte: Dados da pesquisa.

O total de citações a documentos eletrônicos – sobretudo aqueles de acesso exclusivo nesse meio – é preocupante. Mesquita e Stumpf (2004) ao analisarem documentos eletrônicos referenciados em periódicos científicos, verificaram que 47,1% deles não foram localizados posteriormente. Segundo as autoras, esse resultado demonstra “[. . .] o caráter transitório e efêmero da informação no meio *on line*.

Observa-se que, mesmo quando o URL informado pode ser acessado, não existe a garantia de que o documento estará disponível no futuro” (MESQUITA; STUMPF, 2004). Além disso, elas acrescentam que, mesmo que o usuário consiga acessar o documento através do URL informado, não há garantias de que o mesmo não tenha sofrido mudanças desde a data em que foi citado.

Das 606 citações que tivemos para documentos eletrônicos, 328 eram documentos cuja categoria não era documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico. Na tabela 11, podemos verificar os tipos das fontes e suas quantidades de acesso *on line*.

Tabela 12 – Percentual de acesso *on line* e impresso por tipo da fonte

Tipo da fonte	Impresso	%	On line	%	Total
livro nacional	561	93,7	38	6,3	599
capítulo de livro nacional	186	96,4	7	3,6	193
artigo de periódico nacional	330	78,8	89	21,2	419
artigo de periódico eletrônico nacional	6	12,5	42	87,5	48
evento nacional	31	41,4	44	58,6	75
livro estrangeiro	52	89,7	6	10,3	58
capítulo de livro estrangeiro	8	72,8	3	27,2	11
artigo de periódico estrangeiro	26	56,6	20	43,4	46
artigo de periódico eletrônico estrangeiro	0	0	3	100,0	3
evento internacional	1	20,0	4	80,0	5
monografia	26	92,9	2	7,1	28
dissertação	24	72,8	9	27,2	33
tese	12	80,0	3	20,0	15
documento somente em meio eletrônico	0	0	278	100,0	278
matérias de periódicos não-científicos	6	31,6	13	68,4	19
comunicação pessoal	0	0	5	100,0	5
legislação	4	12,6	34	87,4	38
normas técnicas (ABNT)	18	90,0	2	10,0	20
obras de referência	18	94,8	1	5,2	19
outras fontes	84	96,6	3	3,4	87
Total	1393		606		1999

Fonte: Dados da pesquisa.

A quantidade de livros nacionais citados como de acesso *on line* é pequena. Neste percentual, estão inclusos os anuários estatísticos do IBGE, que já comentamos, quatro livros com datas aproximadas e 18 livros com datas entre 1998 e 2008. É possível que algumas dessas citações não se tratassem de livros, visto que não é comum os autores disponibilizarem suas obras na íntegra para serem consultadas via

internet e que para uma obra ser veiculada sem a autorização do autor num meio como a *web*, só é possível após o fim do seu direito autoral, ou seja, 70 anos após a morte do seu autor.

Na nossa coleta de dados, obedecemos à estrutura que a referência possuía. Assim, mesmo que fosse visível que a citação não provinha de um livro, mas ela possuísse a estrutura de um, ela era categorizada como fonte livro. Entretanto, temos que considerar também que aumentou a quantidade de *e-books* disponíveis na rede, mesmo que não com seu conteúdo na íntegra, o que pode ter ocasionado esse percentual de livros *on line*.

Os artigos de periódicos nacionais, embora tenham tido quase um quarto das suas citações referenciadas como acesso *on line*, apresentam percentual ainda considerado baixo. Conforme vimos no item 5.1.5, à exceção de dois periódicos – Em Questão e Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação – todos os outros periódicos científicos mais citados possuíam todas as suas edições disponíveis na *internet*.

Na ocasião do estudo de Rodrigues (2004), alguns desses periódicos ainda não disponibilizavam todas as suas edições na íntegra para consulta *on line* e, segundo o autor, este fato contradizia estudos que afirmavam que os alunos tendem a selecionar os periódicos segundo a sua forma de acesso mais do que pelo seu próprio título, ou seja, que o principal critério seria se está disponível na *internet* (NICHOLAS; HUNTINGTON; WATKINSON, 2003¹³ apud RODRIGUES, 2004). Segundo Rodrigues (2004, p. 58): “[. . .] os dados parecem confirmar que a seleção dos periódicos se dá a partir de outros critérios que não unicamente o da disponibilidade em meio eletrônico”.

Já na categoria artigo de periódico eletrônico nacional, vemos que, mesmo o seu acesso sendo estritamente *on line*, nem todos os alunos o citaram como tal. Dessa forma, vemos como um costume a referência ser feita como se o material tivesse sido consultado de forma física, mesmo que não o seja. Já na categoria artigo de periódico eletrônico estrangeiro, tivemos todas as citações como *on line*. Portanto, é possível que

¹³ NICHOLAS, D.; HUNTING, P.; WATKINSON, A. Virtual scholars behavioural traits. **Libray and Information Update**, London, v. 2, n. 3, p. 42-44, Mar. 2003.

os formandos tenham consultado na *internet* os artigos citados, mas os referenciaram como acesso ao suporte impresso.

Podemos perceber a familiaridade dos formandos com as fontes *on line* pelos percentuais em outras categorias. A legislação, por exemplo, obteve quase todas as suas citações de forma *on line* e as matérias de periódicos não científicos também obtiveram um percentual alto. Ou seja, são duas fontes que possuem a versão impressa e a versão *on line*, onde percebe-se a preferência pela segunda.

Na categoria das fontes de acesso somente em meio eletrônico, o tipo mais citado foi o *site* comercial (.com), seguido pelo *site* institucional (.gov, .edu, .org). Na tabela 12, vemos os *sites* comerciais detêm quase metade das citações a documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico.

Tabela 13 – Tipo das fontes de acesso somente em meio eletrônico

Documento eletrônico	Total	%
base de dados	40	14,3
site comercial	135	48,5
site institucional	88	31,6
comunicação on line	6	2,1
CD-ROM	9	3,2
programa	0	0,0
Total	278	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Mesquita e Stumpf (2004), ao analisarem citações a documentos eletrônicos em artigos de revistas científicas brasileiras, obtiveram *site* institucional como o mais citado, com 42,9%, seguindo do *site* comercial, com 31,1%. Segundo as autoras:

Os sites institucionais e comerciais representam um problema à parte porque, via de regra, os elementos de referência dos documentos ali armazenados apresentam-se de forma incompleta ou reduzida, dificultando a comprovação e localização eletrônica da citação. (MESQUITA; STUMPF, 2004, p. 268)

A afirmação das autoras acima corrobora com nossa visão, pois, a maioria das citações a *sites* institucionais são notícias sobre programas, alguns índices, levantamentos etc., ou seja, informações que, após algum tempo, provavelmente não

sejam mais encontradas na URL informada pelo autor. Já os *sites* comerciais são ainda mais suscetíveis a isto, visto que sofrem atualizações nas suas páginas da *web* mais seguidas do que os *sites* institucionais.

Na categoria bases de dados, que obteve 13,3% das citações a documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico, a base mais citada foi a CAPES, com 6 citações, seguida da BVS, com 3 citações. A Biblioteca Virtual em Saúde, no estudo de Rodrigues (2004), foi analisada junto aos autores e obteve 0,3% das citações. Após a CAPES e a BIREME, tivemos o CNPq e a base SABi da UFRGS com duas citações cada.

A categoria bases de dados, que não foi incluída na pesquisa de Rodrigues (2004), nos apontou para a mesma questão do uso de normas e livros de metodologia, ou seja, tais fontes estão sendo referenciadas por terem sido citadas ou por terem sido apenas as consultadas? As citações a bases de dados são ainda mais dúbias, pois, se foram utilizadas para fazerem suas pesquisas bibliográficas, não deveriam ter sido referenciadas, ao passo em que, se foram objeto de pesquisa empírica, deveriam aparecer no corpus do TCC e não nas referências.

Como comunicação *on line*, consideramos mensagens trocadas em fóruns de discussão e correios eletrônicos, as quais somadas tiveram seis citações, ou 2,1% dos documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico. Já os documentos consultados em CD-ROMs totalizaram nove citações (3,2%) e os programas não receberam nenhuma citação nos TCCs analisados.

Mesmo com um número significativo de citações (278, no total), os documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico diminuíram significativamente, em relação ao estudo de Rodrigues (2004). O autor havia encontrado 21,5% das suas citações analisadas como esse tipo de fonte, enquanto no nosso estudo, esse número caiu para 13,9%. Juntando este dado ao baixo percentual de periódicos consultados *on line*, podemos nos arriscar dizendo que existe uma maior preocupação na elaboração dos Trabalhos de Conclusão de Curso, no que tange às fontes citadas. Ou seja, os formandos em Biblioteconomia têm se preocupado mais com a questão da utilização de fontes científicas, ao invés do uso de documentos eletrônicos não científicos.

Mesquita e Stumpf (2004, p. 269) afirmam que o estudo realizado por elas demonstrou “[. . .] a natureza efêmera dos documentos disponibilizados na web, bem como que o endereço eletrônico dos documentos citados é, às vezes, um elemento insuficiente para a recuperação dos documentos científicos”. Isto justifica tanto o decréscimo de citação a esse tipo de documento, quanto o baixo percentual dos acessos *on line* a periódicos que disponibilizam na íntegra seu conteúdo, pois é melhor referenciar apenas os dados do periódico impresso, a referenciar um URL que pode não ser encontrado posteriormente.

5.2 Análise das áreas do curso de Biblioteconomia

Neste item, analisaremos os Trabalhos de Conclusão de Curso conforme as áreas da Biblioteconomia à qual pertencem. Para isto, usamos a divisão dos cursos de Biblioteconomia nos países pertencentes ao MERCOSUL, feita pela ABEBD, em 1997 (SANTOS, 1998). As seis áreas da Biblioteconomia são:

- a) Área 1 – Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação (contém disciplinas instrumentais, disciplinas ligadas às Ciências Sociais e Humanas e introdução à Biblioteconomia e à Ciência da Informação);
- b) Área 2 – Processamento da informação (contém disciplinas sobre organização, tratamento e processamento da informação);
- c) Área 3 – Recursos e serviços de informação (disciplinas referentes às fontes de informação, serviço de referências e educação de usuários);
- d) Área 4 – Gestão de unidades de informação (contém disciplinas ligadas à gestão de pessoas, marketing, planejamento estratégico, entre outras);
- e) Área 5 – Tecnologia da informação (contempla conteúdos referentes às tecnologias da informação e comunicação, tais como: bases de dados e bibliotecas virtuais, informatização de unidades de informação);
- f) Área 6 – Pesquisa (contempla conteúdos relacionados à pesquisa, tais como: epistemologia da investigação científica, pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação, produção e comunicação científica).

Ao contrário do que fizeram os cursos brasileiros (SANTOS, 1998), não suprimimos as áreas 5 e 6 para analisarmos os TCCs, pois entendemos que, embora tais áreas perpassem as disciplinas de outras, os professores podem fazer parte de linhas de pesquisa incluídas na área 5 ou na área 6. O mesmo acontece com os Trabalhos de Conclusão de Curso, os quais podem ser identificados como pertencentes a estas áreas suprimidas.

5.2.1 Área dos professores e dos Trabalhos de Conclusão de Curso

Os 51 TCCs que compuseram o nosso universo de pesquisa foram orientados por 15 professores, o que resulta em uma média de 3,4 orientandos para cada professor.

Os 15 professores que orientaram alunos nos seus TCCs em 2007 e 2008 se dividem desigualmente nas seis áreas da Biblioteconomia conforme mostra a tabela 14.

Tabela 14 – Áreas dos professores da Biblioteconomia

Área	Total de professores	%
1	7	46,6
2	1	6,6
3	1	6,6
4	2	13,3
5	1	6,6
6	3	20,0
Total	15	100,0

Fonte: Dados da pesquisa.

Vemos que a área 1 agrupa, sozinha, praticamente metade do número de professores orientadores (46,6%). Após, vem a área 6, com três professores (20%), seguida pela área 4 (13,3%), com dois professores. As áreas 2, 3 e 5 possuem apenas um professor orientador (6,6% cada) no período analisado.

Nove TCCs possuíam co-orientadores, sendo que destes, três não possuíam nenhuma orientação e os outros seis já eram orientadores em outros trabalhos. Para não dispersar o número e as áreas dos orientadores, os co-orientadores não foram levados em conta para fins das nossas análises.

No que tange às áreas dos Trabalhos de Conclusão de Curso (Tabela 15), eles não acompanham a maior concentração de professores na área 1 e têm seu maior percentual de trabalhos na área 3, com 31,3%. Em seguida, aparece a área 1, com 25,4%, que, embora não possua o maior número de TCCs, possui a maior média de citações, com 46,5 citações por trabalho na área.

Tabela 15 – Áreas dos TCCs e média de citações

Área	Total de TCCs	%	Média de citações
1	13	25,4	46,5
2	8	15,6	35,2
3	15	29,4	33,7
4	5	9,8	44,6
5	4	7,8	33,7
6	6	11,7	41,5
Total	51	100,0	39,2

Fonte: Dados da pesquisa.

As áreas 2, 4, 5 e 6 aparecem com um número bem abaixo das duas primeiras áreas, que apresentam o maior número de TCCs. A área 2 possui sete TCCs (13,7%), a área 6 possui seis TCCs (11,7%), a área 4 possui cinco TCCs (9,8%) e a área 5 é a que menor número de TCCs apresentou, perfazendo apenas 7,8%.

Ainda na Tabela 15, podemos observar que a área 3, embora sendo a primeira com maior concentração de trabalho por área, possui a menor média de citações, com apenas 33,7, ficando bem abaixo da área 1, que tem a média de 46,5 citações e também da média geral, que foi de 39 citações por trabalho.

Este baixo índice de citações na área 3, denominada 'Recursos e serviços de informação', pode estar ligado ao seu conteúdo, visto que esta área contempla as atividades-fim das unidades de informação, o que pode tornar o TCC mais prático e menos teórico, o que ocasionaria um menor número de citações nos trabalhos pertencentes a essa área. Já na área 1, 'Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação', temos justamente o contrário, ou seja, conteúdos de cunho teórico, ligados à história da profissão e das unidades de informação, entre outros, que remetem a uma maior revisão bibliográfica, o que ocasiona um maior número de citações.

A área 4, 'Gestão de unidades de informação' possui uma média de citações bem próxima à área 1, com 44,6 citações por trabalho. Isto provavelmente se deva ao fato de as disciplinas pertencentes a esta área, dadas ao longo do curso, serem também de cunho teórico. A ela pertencem disciplinas como 'Teoria geral da administração', 'Teoria organizacional', 'Teoria de sistemas', assim, mesmo que o TCC seja uma proposta de marketing a uma unidade de informação, ele terá que trazer uma revisão bibliográfica densa, gerando um alto número de citações.

As áreas 2, 'Processamento da informação' e 5, 'Tecnologia da informação', possuem uma média de citações abaixo da média geral – 35,2 e 33,7 – respectivamente. Esses números também são resultantes das características dessas áreas, que possuem aplicações práticas, tais como, na área 2, a geração de instrumentos de organização da informação (tesauros, cabeçalhos de assunto) e, na área 5, análise de bases de dados virtuais e avaliação de sistemas e redes de informação.

Assim, as áreas 1 e 3, comparadas com o nosso estudo, se mantiveram próximas ao seu percentual no estudo de Soares (2004), enquanto a área 2 teve uma queda significativa. Já a área 4 apresentou uma grande diferença, o que provavelmente esteja ligado ao fato de que no estudo de Soares (2004), as áreas 5 e 6 foram suprimidas, fazendo com que os conteúdos dessas áreas fossem transferidas para a área 4.

Comparando as tabelas 14 e 15, percebemos que há uma grande diferença entre a área de maior concentração de professores e a área de maior concentração de TCCs, o que torna claro que professores orientam TCCs de áreas às quais não estão ligados. A Tabela 16 mostra as áreas às quais pertencem os TCCs (primeira coluna à esquerda) cruzando com a orientação que receberam, segundo a área à qual pertencem os orientadores (seis colunas seguintes, numeradas de 1 a 6).

Tabela 16 – Áreas dos professores *versus* áreas dos Trabalhos de Conclusão de Curso

Professores		1	2	3	4	5	6	Total
TCCs	1	11	0	0	2	0	0	13
	2	3	3	0	0	2	0	8
	3	4	5	2	2	0	2	15
	4	0	0	2	2	0	1	5

	5	1	1	0	1	0	1	4
	6	1	0	0	0	0	5	6
Total		20	9	4	7	2	9	51

Fonte: Dados da pesquisa.

Os professores pertencentes à área 1 são os que mais se mantêm ligados à sua área, ao orientar os alunos nos seus TCCs, pois, dos 13 trabalhos apresentados nesta área, 11 eram orientados por professores pertencentes à mesma área. Vemos que os professores da área 1 orientam TCCs em todas áreas, à exceção da área 4. O que é curioso, já que os dois TCCs da área 1 que não foram orientados por professores da mesma área, foram orientados por professores pertencentes à área 4.

Os TCCs da área 2 tiveram três orientações do único professor pertencente a esta área na nossa pesquisa, outras três de professores pertencentes à área 1 e duas orientações do professor que pertencente à área 5.

Os TCCs da área 3, a qual possui maior número de TCCs e apenas um professor relacionado a ela, tiveram duas orientações desse professor da área, quatro orientações de professores da área 1, cinco orientações do professor da área 2, duas orientações de professores da área 4 e duas orientações de professores da área 6. É interessante que, embora tanto a área 2 quanto a área 3 possuam apenas um professor ligado a elas, cinco TCCs receberam orientações do professor que não pertence à área e apenas duas do professor diretamente ligado a área, o que pode significar que o professor identificado como pertencente à área 2 esteja indiretamente ligado também à área 3.

Os cinco TCCs da área 4, a qual possui dois professores, tiveram duas orientações dos professores pertencentes à área, duas do professor pertencente à área 3 e uma de um professor pertencente à área 6.

A área 5, que teve quatro TCCs apresentados e possui um professor, não teve nenhuma orientação do professor ligado à área e nenhuma do professor ligado à área 3, recebendo orientações das áreas 1, 2, 4 e 6, sendo uma orientação de cada área.

À semelhança da área 1, a área 6 possui cinco, dos seus seis TCCs apresentados, com orientação de professores da área, sendo o último TCC orientado por professor da área 1.

O fato de a área 6 concentrar a quase totalidade de seus TCCs com os orientadores ligados à ela, pode significar uma maior diferenciação entre a área definida como 'Pesquisa' das outras cinco. Já a grande ligação que parece haver entre as demais, onde orientadores pertencentes à determinada área orientam TCCs das outras não se faz muito presente nos orientadores e orientandos da área 6.

5.2.2 Áreas dos TCCs e autores mais citados

Neste item, veremos os autores mais citados segundo as áreas às quais pertencem. Observamos que cada área possui suas peculiaridades, assim, algumas delas possuem autores que se destacam, tendo um número significativo de citações, enquanto em outras, houve uma maior dispersão, ou seja, maior número de autores com apenas uma ou duas citações.

Na área 1 (Tabela 17), as autoras mais citadas foram Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi, com nove citações (1,4%). Lakatos e Marconi são autoras de livros de metodologia e também são as segundas autoras mais citadas dos TCCs em geral.

Tabela 17 – Autores mais citados da área 1

Autores	Total	%	% cumulativo
Eva Maria Lakatos	9	1,4	1,4
Maria de Andrade Marconi	9	1,4	2,8
Oswaldo Francisco de Almeida Júnior	8	1,3	4,1
Valdir José Morigi	8	1,3	5,4
Luis Milanesi	6	0,9	6,3
Maria das Graças Targino	6	0,9	7,2
Aurélio Buarque de Holanda	5	0,8	8,0
Ezequiel Theodoro da Silva	5	0,8	8,8
Marta Lígia Pomim	5	0,8	9,6
Zita C. P. Oliveira	5	0,8	10,4
Elias Sanz Casado	4	0,4	10,8
Bernbadete Campello	4	0,4	11,2
Iara Conceição Bitencourt Neves	4	0,4	11,6
Eliany Alvarenga de Araújo	4	0,4	12,0
Autores com 3 citações	10	1,6	13,6
Autores com 2 citações	31	5,1	18,7
Autores com 1 citação	324	53,5	72,2
Autoria institucional	156	25,7	97,9
Sem autoria	6	0,9	100,0

Total	609	100,0
--------------	------------	--------------

Fonte: Dados da pesquisa.

Com oito citações (1,3%), a área 1 teve o autor Oswaldo F. de Almeida Júnior, que escreve sobre a formação do profissional da informação, e o professor pertencente à área 1 do curso de Biblioteconomia da UFRGS, Valdir José Morigi. Após, tivemos Luis Milanesi, que escreve sobre bibliotecas, e Maria das Graças Targino, autora de livros e artigos variados dentro da área de Fundamentos da Ciência da Informação, com seis citações (0,9%).

O autor de dicionários, Aurélio Buarque de Holanda, teve cinco citações (0,8%) dentro da área 1. No geral, este autor apresentou sete citações, ou seja, a área 1 detém quase a totalidade de citações dos seus dicionários.

Outra professora do curso de Biblioteconomia da UFRGS, Iara C. B. Neves, também consta como uma das autoras mais citadas desta área, com quatro citações.

Elias Sanz Casado teve todas as suas quatro citações (0,4%) ao seu livro 'Manual de estudos de usuários', apresentando-se também como um dos livros mais citados da área (APÊNDICE D).

A área 1, 'Fundamentos teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação', foi a que teve mais TCCs apresentados no período analisado (13) e teve maior média de citações (46,5). A área 1 foi também a que apresentou maior percentual de fontes livro, sendo que 5 obras mais citadas eram coletâneas (APÊNDICE D). De todas as áreas, foi a que apresentou menor dispersão, onde 58,6% dos autores tinham apenas uma ou duas citações. Também foi a que apresentou maior percentual de autoria institucional, com 25,7%.

Na área 2 (Tabela 18), onde o número de TCCs apresentados foi menor (7 TCCs) e a média de citações foi uma das mais baixas, com 35,2 citações por TCC, o percentual de autores com uma ou duas citações subiu em relação à área 1, detendo 71,1% das citações. Já a autoria institucional diminuiu seu percentual, aparecendo com 9,7% das citações.

Tabela 18 – Autores mais citados da área 2

Autores	Total	%	%
----------------	--------------	----------	----------

			cumulativo
Mariângela S. L. Fujita	5	2,0	2,0
Madalena Martins Lopes Naves	4	1,6	3,6
Claire Guinchat	4	1,6	5,2
Michael Menou	4	1,6	6,8
Nicola Abbagnano	3	1,2	8,0
Anna Maria Marques Cintra	3	1,2	9,2
F. W. Lancaster	3	1,2	10,4
Ilza Leite Lopes	3	1,2	11,6
Regina Helena Van Der Laan	3	1,2	12,8
Thomas Vander Wal	3	1,2	14,0
Autores com 2 citações	19	7,6	21,6
Autores com 1 citação	157	63,5	85,1
Autoria institucional	24	9,7	94,8
Sem autoria	12	4,8	100,0
Total	247	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

A autora mais citada da área 2 – Mariângela S. L. Fujita, com cinco citações (2%) – e a segunda mais citada – Madalena M. L. Naves, com quatro citações (1,6%) – escrevem sobre análise de assunto, um dos temas mais abordados da área de Processamento da informação.

Claire Guinchat e Michael Menou, também com quatro citações cada, escrevem em conjunto e, dessas quatro citações, três eram ao livro ‘Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação’.

Com três citações cada (1,2%), os autores Anna M. M. Cintra, F. W. Lancaster, Ilza L. Lopes e a professora do curso de Biblioteconomia da UFRGS, Regina H. Van Der Laan, escrevem sobre indexação, resumo e linguagens documentárias – todos temas típicos da área 2. Já o autor Nicola Abbagnano, que escreve sobre o tema Filosofia, e o autor Thomas Vander Wal, que escreve sobre folksonomia, receberam suas citações dos mesmos TCCs.

A área 3, a qual deteve o maior número de TCCs apresentados (15), assim como a área 2, também teve seus dez autores mais citados com 1% (6 citações) ou mais de citações da área. Os autores com uma ou duas citações somaram 59,3%, abaixo da área 2 e próximo à área 1. Autores com três e quatro citações também não entraram na tabela, somando 4%. Devido à área 3 apresentar um número maior de autores mais citados, em relação às outras áreas, denominamos apenas os autores que possuíam cinco ou mais citações, conforme mostra a Tabela 19.

Tabela 19 – Autores mais citados da área 3

Autores	Total	%	% cumulativo
Elisabeth Adriana Dudziak	14	2,3	2,3
Nice Menezes de Figueiredo	14	2,3	4,6
Bernadete Campello	11	1,8	6,4
Paulo Freire	9	1,5	7,9
Waldomiro Vergueiro	9	1,5	9,4
Eva Maria Lakatos	8	1,3	10,7
Maria de Andrade Marconi	8	1,3	12,0
Ton Cremers	8	1,3	13,3
Silvânia Vieira Miranda	6	1,0	14,3
Elias Sanz Casado	6	1,0	15,3
Kira Tarapanoff	5	0,8	16,1
T. D. Wilson	5	0,8	16,9
Maria Matilde Kronka Dias	5	0,8	17,7
Daniela Pires	5	0,8	18,5
Luís Milanesi	5	0,8	19,3
Autores com 4 citações	9	1,5	20,8
Autores com 3 citações	15	2,5	23,3
Autores com 2 citações	42	7,1	30,4
Autores com 1 citação	306	52,2	82,6
Autoria institucional	67	11,4	94
Sem autoria	29	4,9	100,0
Total	586	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos autores que figuraram na tabela de mais citados trabalham com o tema competência informacional ou desenvolvimento de coleções. A autora mais citada da área 3, Elisabeth A. Dudziak, com 14 citações (2,3%), teve 11 citações para suas publicações sobre a *information literacy* (competência informacional) e as outras três sobre educação de usuários, sendo que um dos seus artigos sobre competência informacional configurou como uma das obras mais citadas da área (APÊNDICE D). O mesmo aconteceu com a autora Bernadete Campello, que apresentou 11 citações (1,8%) e teve oito citações também sobre competência informacional, sendo um deles também uma das obras mais citadas da área. A respeito do mesmo tema, a autora Silvânia V. Miranda teve todas as suas seis citações (1%) no tema competência informacional e o autor T. D. Wilson teve todas as suas cinco citações (0,8%) sobre o mesmo tema.

Também como autora mais citada, Nice M. de Figueiredo, possui a maioria das suas obras sobre desenvolvimento de coleções e serviço de referência. Com nove citações (1,5%), Waldomiro Vergueiro também trata do tema desenvolvimento de coleções, sendo que este teve a totalidade das suas obras citadas referente a este assunto. Além desses autores, Maria M. K. Dias e Daniela Pires, que escrevem em conjunto, também escrevem sobre o tema desenvolvimento de coleções.

Paulo Freire, autor da área de Educação, também aparece com nove citações. O fato de a área 3 compreender a disciplina de Educação de usuários provavelmente seja a motivadora desse significativo número de citações ao autor nessa área.

Com oito citações (1,3%), temos novamente as autoras de livros de metodologia, Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi e o autor Ton Cremers, cujas oito citações provêm do mesmo TCC, não contém título e são de documentos disponíveis somente em meio eletrônico.

Os outros autores com cinco citações foram Kira Tarapanoff, cujas obras tratam sobre o profissional da informação, e Luis Milanesi, autor que trabalha mais com a área 1, escrevendo sobre bibliotecas.

A área 4, apresentou apenas sete autores com três ou mais citações, conforme podemos observar na tabela 20. Quanto às obras, nenhuma recebeu mais que duas citações, configurando-se em uma ampla tabela onde apresentam-se também quatro normas como obras mais citadas. Além disso, teve o menor percentual de livros utilizados (APÊNDICE D).

Tabela 20 – Autores mais citados da área 4

Autores	Total	%	% cumulativo
Liane Margarida Rockenbach Tarouco	7	3,1	3,1
Waldomiro Vergueiro	4	1,7	4,8
Luís Milanesi	4	1,7	6,5
Sônia E. Caregnato	3	1,3	7,8
M. F. Crestana	3	1,3	9,1
Nice Menezes de Figueiredo	3	1,3	10,4
V. M. Valls	3	1,3	11,7
Autores com 2 citações	23	10,3	22,0
Autores com 1 citação	138	61,8	83,8
Autoria institucional	34	15,2	99,0
Sem autoria	1	0,4	100,0
Total	223	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

Devido ao pequeno número de TCCs apresentados (5), a autora mais citada, com sete citações, deteve 3,1%, sendo a segunda área no qual o autor mais citado possui maior percentual. A autora em questão, Liane M. R. Tarouco, teve suas sete citações a artigos sobre objetos de aprendizagem.

Com quatro citações cada (1,7%), os autores Waldomiro Vergueiro e Luís Milanesi apareceram também na área 4. Vergueiro, ao contrário da outra área em que apareceu (área 3), teve artigos sobre o tema qualidade em bibliotecas citados na área 4. Já o autor Luís Milanesi, teve citações das mesmas obras que tratam de bibliotecas, também citadas pelas áreas 2 e 3.

Professora do curso de Biblioteconomia da UFRGS, a autora Sônia E. Caregnato obteve três citações (1,3%) de artigos sobre habilidades informacionais (assunto pertencente à área 3). Já M. F. Crestana e V. M. Valls, também com três citações, apresentaram artigos sobre a questão da qualidade em serviços de informação, enquanto Nice M. de Figueiredo teve suas obras de estudo de uso e usuários da informação (assunto também pertencente à área 3) citadas pela área 4.

Fechando a tabela referente à área 4, temos os autores que tiveram uma ou duas citações com 77%, um dos valores mais altos de todas áreas a esse tipo de autoria. Já os documentos sem autoria da área 4 tiveram o menor percentual de todas as áreas, com apenas 0,4%, enquanto a autoria institucional ficou na média das outras áreas, com 15,2%.

A área 5, a qual teve menor número de TCCs apresentados (4) e também a menor média de citações (33,7), teve apenas três autores mais citados e nenhum deles referente a assuntos que caracterizam a área de Tecnologia da informação (Tabela 21). Entretanto, a obra mais citada, com seis citações, foi uma coletânea intitulada 'Bibliotecas digitais: saberes e práticas' (APÊNDICE D), um tema típico da área 5.

Tabela 21 – Autores mais citados da área 5

Autores	Total	%	% cumulativo
F. W. Lancaster	4	2,9	2,9
Eva Maria Lakatos	3	2,2	5,1

Maria de Andrade Marconi	3	2,2	7,3
Autores com 2 citações	8	5,9	13,2
Autores com 1 citação	99	73,3	86,5
Autoria institucional	17	12,5	99,0
Sem autoria	1	0,7	100,0
Total	135	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

Por ser uma área com um universo de estudo pequeno, seus autores mais citados, mesmo sendo um número baixo em relação às outras áreas, detiveram mais de 2% de citações cada. F. W. Lancaster teve os mesmos livros sobre indexação e serviços de bibliotecas – também citados pela área 2 – com quatro citações (2,9%) na área 5.

O mesmo ocorreu com Eva Maria Lakatos e Maria de Andrade Marconi, com três citações (2,2%), que tiveram seus mesmos livros de metodologia – citados também pela área 1 – como obras mais citadas na área 5.

O total de autores com duas ou uma citação foi o maior de todas as áreas, com 85,8%, já que apenas dois autores se destacaram com três citações e um com quatro citações.

A autoria institucional se manteve na média das outras áreas, apresentando 12,5% das citações e os documentos sem autoria acompanhou a área 4, tendo um baixo número, com apenas 0,7% das citações.

De todas as áreas, a 6 foi a que mais apresentou seus autores mais citados com obras relacionadas ao conteúdo da área. Também apresentou o maior percentual de citações a periódicos (40,5%), estando bem próximo ao percentual de citações a livros (42,5%) (APÊNDICE D).

Tabela 22 – Autores mais citados da área 6

Autores	Total	%	% cumulativo
Ida Regina Chitto Stumpf	13	5,2	5,2
Suzana Pinheiro Machado Mueller	7	2,8	8,0

Edna Lúcia da Silva	5	2,0	10,0
Maria das Graças Targino	5	2,0	12,0
Arthur Jack Meadows	5	2,0	14,0
R. Balancieri	4	1,6	15,6
Y. F. Le Coadic	4	1,6	17,2
Regina Maria Marteleto	4	1,6	18,8
José Marque de Melo	4	1,6	20,4
John Michael Ziman	4	1,6	22,0
Autores com 3 citações	4	1,6	23,6
Autores com 2 citações	23	9,2	32,8
Autores com 1 citação	146	58,6	91,4
Autoria institucional	17	6,8	98,2
Sem autoria	4	1,6	100,0
Total	249	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

Dos dez autores mais citados, apenas Y. F. Le Coadic não tinha suas obras relacionadas ao tema 'Pesquisa'. Suas quatro citações (1,6%) foram referentes à sua obra 'A Ciência da Informação', que pertence à área 1.

Como autora mais citada, a também professora do curso de Biblioteconomia da UFRGS, Ida R. C. Stumpf, recebeu 13 citações, totalizando 5,2% das citações da área 6, o maior percentual de autor mais citado de todas as áreas. Tanto Stumpf, quanto Suzana P. M. Mueller, com sete citações (2,8%), e Edna L. da Silva e Maria das Graças Targino, com cinco citações cada (2%), trabalham em suas obras (a maioria artigos) sobre o tema comunicação científica e periódicos científicos.

Arthur Jack Meadows, teve suas cinco citações referente ao livro 'A comunicação científica', tema bastante característico da área em questão. Outro tema típico da área, as redes científicas, foram tratadas pelos autores R. Balancieri e Regina M. Marteleto, com quatro citações (1,6%) cada. Também com quatro citações, José M. de Melo apresentou obras sobre grupo e pensamento comunicacional e John M. Ziman, teve suas obras citadas sobre a ciência e o conhecimento público.

Os autores com uma ou duas citações somaram 67,8% das citações da área 6, um dos percentuais mais baixos nesta categoria. A autoria institucional teve apenas 6,8% das citações, o percentual mais baixo de todas as áreas. Os documentos sem autoria tiveram 1,6% das citações, estando na média da categoria junto às outras áreas.

Através dos resultados das nossas análises, inferimos que não há uma clara divisão de acordo com as áreas no corpo docente da Biblioteconomia. Assim, respondendo ao nosso último objetivo específico, concluímos que não existem 'linhas de pesquisa' no curso de Biblioteconomia da UFRGS.

Nossa divisão se deu através das informações contidas nos Currículos Lattes dos professores e seus Diretórios de Pesquisa (quando havia). De acordo com nossos resultados, os professores não estão orientando apenas TCCs com temáticas semelhantes às que informam trabalhar.

Possivelmente a escolha do orientador se deva, sobretudo, às disciplinas que o professor está lecionando no momento, o que pode ser diferente do seu campo de pesquisa informado. Além disso, o número de alunos que entram nas disciplinas de projeto e de TCC, semestralmente, é muito maior do que o número de professores para orientá-los. E, então, os professores precisam se dividir para atender à demanda, onde nem sempre é possível se manter na área a que pertence.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises dos 51 Trabalhos de Conclusão de Curso, do curso de Biblioteconomia da UFRGS, que compuseram nosso universo de estudo, obtivemos alguns resultados que já esperávamos e foram bastante parecidos com os do estudo anterior, enquanto outros se diferenciaram e nos proporcionaram um estudo mais reflexivo, ao analisar características peculiares e interpretar tais resultados.

Considerando primeiramente a temporalidade das obras citadas, poderíamos ter sido levados a pensar que seu alto percentual de obras atuais são referentes a uma maior utilização de periódicos, em detrimento dos livros. Porém, os formandos em Biblioteconomia da UFRGS continuam seguindo a tendência das ciências sociais e humanidades, citando predominantemente livros, com 43% das citações. Os periódicos aparecem bem abaixo, com 25,8%.

Cabe ressaltar que a Biblioteconomia possui 'obras consagradas' que, de acordo com suas temáticas, acabam sempre sendo citadas em TCCs. Entretanto, mesmo essas obras tendo sido concebidas em décadas passadas, elas continuam atuais por trazerem edições recentes. Outro fator que influi na temporalidade da categoria livro é a publicação de coletâneas, que apresentam textos atuais e foram bastante citadas.

No que tange aos periódicos, percebemos que os alunos não os escolhem conforme a proximidade (revistas editadas pela faculdade) ou pela disponibilidade (acesso *on line*, o qual é possível em praticamente 100% dos conteúdos dos periódicos), mas sim de acordo com o critério qualidade. Os dois periódicos mais citados, a Revista Ciência da Informação (27,9%) e a Revista Perspectivas em Ciência da Informação (7,3%) são os únicos brasileiros da área com Qualis B1.

Também seguindo uma tendência das ciências sociais e humanidades, o tipo de autoria que prevaleceu foi a individual, com 61,3%, o que comprova a característica de que os pesquisadores dessas áreas não publicam em conjunto. Com dois ou três autores, tivemos 17,5% das citações e mais de três autores somaram apenas 3,5%. Entretanto, este indicador é suscetível a erros, pois o campo destinado à autoria nas referências é o que mais apresentou distorções.

As fontes livro e periódico se mantiveram estáveis em consideração ao estudo anterior, ao passo em que, os documentos vindos da literatura cinzenta tiveram um ligeiro acréscimo. Obtivemos 4% das citações a eventos e 3,8% a TCCs, dissertações e

teses, enquanto no estudo anterior, esses valores foram de 2,7% e 2,3%, respectivamente. Consideramos que o aumento de citações a esses documentos se deveu, principalmente, à maior disponibilização deles na *internet*, em repositórios institucionais, bibliotecas digitais e bancos de dissertações e teses.

Os formandos demonstram familiaridade com a *internet*, sendo 30,3% dos documentos consultados na forma *on line*, porém, é um número ainda baixo comparado à grande oferta de informações que a *internet* oferece. Os documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico somaram 13,9% das citações, sendo os *sites* comerciais os mais citados, com 48,5% das citações a documentos somente em meio eletrônico. A citação a este tipo de documento decresceu em relação à pesquisa realizada por Rodrigues (2004), quando somava 21,5%, assim, tal indicador demonstra uma maior preocupação por parte dos formandos em utilizar fontes mais confiáveis, não citando qualquer informação disponível na *internet*, mas pesquisando em bases científicas.

Por outro lado, parece não haver ainda uma significativa preocupação em elaborar as referências corretamente, o que se torna mais complicado por se tratar de alunos da Biblioteconomia, fato já apontado no estudo anterior. As maiores dificuldades que encontramos no momento da coleta de dados foram quanto à estrutura das citações e a falta de padronização das mesmas. Isto nos leva a crer que o baixo percentual de periódicos consultados *on line* (29,8%) não reflita a realidade, uma vez que em muitas referências faltavam elementos e o que caracteriza a consulta *on line* é o URL informado na referência.

O predomínio do idioma inglês na *internet* pode ser verificado com o percentual de 26,6% dos documentos de acesso exclusivo em meio eletrônico serem provindos desse idioma. No geral, o idioma inglês apareceu como o segundo mais citado, mas com um percentual bem abaixo do encontrado na pesquisa de Rodrigues (2004), quando obteve 13%, constando atualmente com apenas 6,2% das citações. O decréscimo que ocorreu entre o estudo anterior e o nosso, no que tange às fontes de acesso exclusivo *on line*, pode ter influenciado na diminuição do número de citações em inglês. O idioma espanhol também apresentou uma queda em relação ao outro estudo. Em 2004, 6,3% eram no idioma espanhol, já no nosso estudo, este número foi de 4,4%.

Já o idioma francês, por sua vez, se manteve com o mesmo percentual de citações (1%).

O domínio do idioma nacional nas fontes de informação consultadas pelos formandos era esperado, porém, talvez não tão alto como o foi. Em 89,1% das citações o idioma utilizado era o português. Este índice aponta para o fato de que a grande maioria dos alunos de Biblioteconomia lê apenas no idioma vernáculo, o que caracteriza um prejuízo à sua formação, uma vez que fica restrito à literatura nacional. Assim, um ponto a ser discutido é a volta da obrigatoriedade das disciplinas de Inglês Instrumental I e II, que passaram a ser eletivas em 2002/1, pois as turmas de formandos em 2003 e 2004 (período analisado no estudo anterior) tiveram as disciplinas de inglês como obrigatórias, o que pode ter contribuído para o alto índice de citações nesse idioma (13%) na ocasião do estudo.

Conforme dissemos no início deste item, alguns resultados eram esperados, o que nos possibilitou – através da comparação com o estudo realizado por Rodrigues (2004) – apontar tendências quanto ao hábito de citar dos formandos de Biblioteconomia da UFRGS e também questionar alguns aspectos. Por outro lado, através de uma análise mais detalhada, descobrimos características dos TCCs que ainda não haviam sido estudadas e enriqueceram nosso trabalho.

A divisão do nosso universo de estudo conforme as seis áreas da Biblioteconomia nos proporcionou dados muito importantes que até então não eram conhecidos, nos apontando características específicas de cada área. Embora não tenhamos podido nos estender muito nas análises das fontes de cada área, devido à limitação de tempo, elas foram o suficiente para responder a uma hipótese levantada por Rodrigues (2004), de que talvez nem todos os alunos utilizassem mais livros do que periódicos, de acordo com a área em que se inseria a temática do TCC. Segundo o autor, talvez áreas como a Tecnologia da Informação possuíssem maior número de citações a periódicos do que a livros.

Nosso estudo demonstrou que a hipótese levantada por Rodrigues (2004) não procede. Todas as áreas citam mais livros do que periódicos, sendo que a área com maior percentual de periódicos citados é a 6 – Pesquisa, com 40,5%, apenas dois pontos percentuais abaixo dos livros.

A análise das áreas indicou que a dispersão que há no índice de autores mais citados é influenciado por características de cada área e que nem sempre os autores são citados apenas por determinada área, como é o caso de autores de livros de metodologia.

A área 1 – Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, não apenas abriga o maior número de disciplinas (SANTOS, 1998), como também possui o maior número de professores, a maior média de citações por TCC e a segunda a maior concentração de TCCs. Já a área 5 – Tecnologia da informação, possui o menor número de professores, a menor média de citações por TCC e a menor concentração de TCCs.

De acordo com a nossa pesquisa, os professores se dividem desigualmente pelas seis áreas da Biblioteconomia, o que acarreta que alguns acabem orientando TCCs de outras áreas. Porém, caracterizamos as áreas de cada professor de acordo com informações nos seus currículos e grupos de pesquisa dos quais participam, não conforme as disciplinas que ministram no momento. Escolhemos essa forma de dividi-los, pois, as temáticas com que trabalham e pesquisam são menos transitórias do que as disciplinas que lecionam, as quais podem variar de semestre a semestre. Dessa forma, é possível que professores, no período que analisamos, estivessem ministrando disciplinas diferentes das temáticas do seu currículo e grupos de pesquisa, o que justifica o grande leque de assuntos que orientaram no período em questão.

Além de as características de cada área influenciarem nos resultados gerais, como mencionamos acima, fica claro que características peculiares de cada TCC influem no final, fazendo com que os resultados pendam mais para um lado ou para outro. Exemplos dessas peculiaridades não faltaram nas nossas análises: a obra com data de 1888; o grande número de citações à entidade Rio Grande do Sul, quase todas do mesmo TCC; os relatórios estatísticos do IBGE, que dispersaram nossa temporalidade e fez o IBGE aparecer como a quarta entidade mais citada.

Consideramos, enfim, que o estudo aqui desenvolvido alcançou o seu objetivo geral de mapear as características das fontes de informação dos TCCs, trazendo indicadores dessa produção acadêmica, freqüências, tendências e hábitos que permeiam essa atividade final do curso de Biblioteconomia da UFRGS. Acreditamos

que nossos resultados podem impulsionar novos estudos e discussões acerca do que foi aqui abordado.

As análises de professores e temáticas dos TCCs orientados contribuem para instigar novas pesquisas que analisem a produção acadêmica de cada área, pois cada uma possui as suas características. Assim como nosso trabalho colabora para um maior conhecimento acerca das fontes de informação que os formandos utilizam (o que reflete toda a sua formação), também demonstrou que não existem grupos temáticos bem delimitados dentro do curso. Dessa forma, um novo estudo que analisasse mais a fundo as seis áreas, proporcionaria conhecer o porquê de não haver uma divisão mais perceptível das temáticas dentro do corpo docente do curso de Biblioteconomia da UFRGS.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Lídia. Bibliometria e Arqueologia do Saber de Michel Foucault: traços de identidade teórico-metodológica. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 3, p. 38-60, set. 1998. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewPDFInterstitial/307/273>>. Acesso em: 02 set. 2008.

ARAÚJO, Carlos Alberto. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pscib/index.php/pscib/article/view/511>>. Acesso em: 02 set. 2008.

ARAÚJO RUIZ, Juan A.; ARENCIBIA JORGE, Ricardo. Informetría, Bibliometría y Cienciometría: aspectos teórico-prácticos. **ACIMED**, Habana, v. 10, n. 4, jul./ago. 2002. Disponível em: <http://bvs.sld.cu/revistas/aci/vol10_4_02/aci040402.htm>. Acesso em: 10 set. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e Documentação**: referências: elaboração: NBR 6023. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

ASSOCIAÇÃO DOS BIBLIOTECÁRIOS DO DISTRITO FEDERAL. **Biblioteconomia**: o que é isso? 2009. Disponível em: <<http://www.abdf.org.br/principal2/index.php/carreira-a-qualificas-mainmenu-87/32-carreira-a-qualificas/208-biblioteconomia-o-que-isso->>. Acesso em: 21 maio 2009.

BERTACHINI, Maria de Lourdes. O Docente em Biblioteconomia: construindo sua auto-imagem. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 1, p. 41-44, jan./jun. 1996.

BRASIL. Lei N. 9.674, de 25 de Julho de 1998. Dispõe sobre o Exercício da Profissão de Bibliotecário e Determina outras Providências. **Diário Oficial** [da] República Federativa do Brasil, Brasília, v. 136, n. 120, Seção I, 26 jun. 1998. p. 1-2. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L9674.htm>>. Acesso em: 07 nov. 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Câmara Superior de Educação. **Diretrizes Curriculares para os Cursos de Biblioteconomia**. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://www.abecin.org.br/portal/abecin/documentos/repositorio/HomologacaodasDiretrizesCurricularesCI.doc>>. Acesso em: 17 nov. 2008.

DIAS, Guilherme Ataíde. Periódicos Eletrônicos: considerações relativas à aceitação deste recurso pelos usuários. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 18-25,

set./dez. 2002. Disponível em:

<<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/142/122>>. Acesso em: 03 abr. 2009.

ECO, Umberto. **Como se Faz uma Tese**. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

ESTIVALS, Robert. Criação, Consumo e Produção Intelectuais. *In*: FONSECA, Edson Nery da (Org.). **Bibliometria**: teoria e prática. São Paulo: Cultrix: USP, 1986. p. 35-70.

FIGUEIREDO, Nice (Ed.). **O Ensino de Biblioteconomia no Brasil**: relatório de pesquisa sobre o status quo das escolas de Biblioteconomia e Documentação, com ênfase na situação do pessoal docente. Brasília, DF: CAPES, 1978. v. 3: Análise da Literatura Recomendada no Ensino de Biblioteconomia no Brasil.

FONSECA, Edson Nery da (Org.). **Bibliometria**: teoria e prática. São Paulo: Cultrix: USP, 1986.

GARFIELD, Eugene. Historiográficos, Biblioteconomia e a História da Ciência. *In*: FONSECA, Edson Nery da (Org.). **Bibliometria**: teoria e prática. São Paulo: Cultrix: USP, 1986. p. 114-136.

GIUSTI, Graziela. Políticas de Formação Pedagógica do Professor Universitário: reflexões a partir de uma experiência. *In*: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu, MG. **[Anais]**. Caxambu: [s.n.], 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t116.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2009.

GLÄNZEL, W. **Bibliometrics as a Research Field**: a course on theory and application of bibliometric indicators. [s.l.]: Course Script, 2005.

MACHADO, Raymundo das Neves. Análise Cientométrica dos Estudos Bibliométricos Publicados em Periódicos da Área de Biblioteconomia e Ciência da Informação (1990-2005). **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 3, p. 2-20, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.eci.ufmg.br/pcionline/index.php/pci/article/viewFile/144/5>>. Acesso em: 11 set. 2008.

MACIAS-CHAPULA, César A. O Papel da Informetria e da Cienciometria e sua Perspectiva Nacional e Internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/macias.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2008.

MALTRÁS BARBA, Bruno. **Los Indicadores Bibliométricos**: fundamentos y aplicación al análisis de la ciencia. Gijón: Ediciones Trea, 2003.

MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é Preciso**: o princípio da pesquisa. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

MEADOWS, Arthur Jack. **A Comunicação Científica**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 1999.

MESQUITA, Rosa M. A.; STUMPF, Ida R. C. Estudo de Citações de Documentos Eletrônicos *On-Line* em Revistas da Área de Comunicação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 261-274, jul./dez. 2004.

MOSTAFA, Solange Puntel; MÁXIMO, Luis Fernando. A Produção Científica da Anped e da Intercom no GT da Educação e Comunicação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 32, n. 1, p. 96-101, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v32n1/15977.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2008.

OTLET, Paul. O Livro e a Medida: bibliometria. In: FONSECA, Edson Nery da (Org.). **Bibliometria**: teoria e prática. São Paulo: Cultrix: USP, 1986. p. 19-34.

RAO, I. K. Ravichandra. **Métodos Quantitativos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Brasília, DF: Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal; Washington, DC: Organização dos Estados Americanos, 1986.

RODRIGUES, Juliano de Lima. **As Monografias do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**: um estudo de citações. 2004. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

RODRIGUES, Mara Eliane Fonseca. A Pesquisa como Princípio Educativo na Formação do Profissional da Informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 89-101.

SAYÃO, Luís Fernando. Modelos Teóricos em Ciência da Informação: abstração e método científico. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 30, n. 1, jan./abr. 2001.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652001000100010&script=sci_arttext>. Acesso em: 22 maio 2009.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 4. ed São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTOS, Jussara Pereira. A Formação do Profissional da Área da Informação em Tempos de Mudança. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2007, Brasília, DF. **Anais**. Brasília, DF: Brasília : Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, 2007. Disponível em: <http://cdij.pgr.mpf.gov.br/noticias/palestra_cbbd/P3_A2.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2008.

_____. Reflexões sobre Currículo e Legislação na Área da Biblioteconomia. *Encontros Bibli*, Florianópolis, n. 6, set. 1998. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14700605.pdf>>. Acesso em: 19 nov. 2008.

SANTOS, Plácida L. V. Amorim da Costa. As Novas Tecnologias na Formação do Profissional da Informação. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). **Formação do Profissional da Informação**. São Paulo: Polis, 2002. p. 103-116.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de Estudios de Usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

SMIT, Johanna W. Reprodução ou Transformação: reflexões acerca do tripé ensino, pesquisa e extensão em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 97-104, maio/ago. 2003. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=3>>. Acesso em: 01 out. 2008.

SOARES, Débora Dornsbach. **Tendências Temáticas e Metodológicas das Monografias (TCCs) do Curso de Biblioteconomia da UFRGS**: primeiro semestre de 2002 / segundo semestre de 2003. 2004. 79 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

SOLLA PRICE, Derek J. de. **O Desenvolvimento da Ciência**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1976.

SPINAK, Ernesto. **Diccionario Enciclopédico de Bibliometría, Cienciometría e Informetría**. Caracas: Cresalc: Unesco, 1996.

STUMPF, Ida Regina et al. Usos dos Termos Cienciometria e Cientometria pela Comunidade Científica Brasileira. *In*: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da (Org.). **Comunicação & Produção Científica**: contexto, indicadores e avaliação. São Paulo: Angellara, 2006. p. 341-370.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As Três Metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Departamento de Ciências da Informação. Curso de Biblioteconomia. **Biblioteconomia**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fabico/biblioteconomia.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2008.

VANTI, Nádia Aurora Peres. Da Bibliometria à Webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p. 152-162, maio/ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v31n2/12918.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2008.

_____. Os Links e os Estudos Webométricos. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 78-88, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/download/614/548>>. Acesso em: 12 set. 2008.

VANZ, Samile Andréa de Souza. **A Produção Discente em Comunicação no Brasil**: análise das citações das dissertações defendidas no PPGCOM-UFRGS. 2002. Trabalho apresentado ao 12º Encontro Nacional de Centros de Informação e Bibliotecas da Área de Comunicação e ao 25º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, 2002. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso_2002_Anais/2002_ENDOCOM_VANZ.pdf>. Acesso em: 05 set. 2008.

_____. **A Produção Discente em Comunicação**: análise das citações das dissertações defendidas nos programas de pós-graduação no Rio Grande do Sul. 2004. 144 f. Dissertação (Mestrado)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

WEINSTOCK, Melvin. Citation Index. In: KENT, Allen. **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: M. Dekker, 1971. v. 5.

APÊNDICE A – QUADRO DE ATUAÇÃO E LINHAS DE PESQUISA DOS PROFESSORES

PROFESSOR(A)	ATUAÇÃO¹	LINHAS DE PESQUISA²
Ana Maria Mielniczuk de Moura	Comunicação científica; Informação científica e tecnológica; Bibliometria; Patentes; Objetos de aprendizagem.	Produção científica; redes sociais.
Eliane Lourdes da Silva Moro	Inclusão social, informacional e digital; Biblioteca escolar; Leitura; Biblioterapia; Pesquisa escolar; Incentivo à leitura.	Ambientes digitais de inclusão; Informática na educação especial; Leitura, informação e acessibilidade.
Glória Isabel Sattamini Ferreira	Prática Pedagógica; Transposição Didática.	Informação: acessibilidade.
Helen Beatriz Frota Rozados	Gestão de imagens tecnológicas; Redes sociais; Gestão do conhecimento; Gestão da informação; Avaliação de sistemas de informação.	Informação, tecnologias e práticas sociais.
Iara Conceição Bitencourt Neves	Promoção da leitura; Informação para a educação; Gestão; Processamento da informação; Educação de usuários em Bibliotecas Públicas e em Bibliotecas Escolares.	Leitura, informação e acessibilidade.
Ida Regina Chittó Stumpf	Comunicação Científica; Produção Científica; Bibliometria; Cientometria; Estudos de Usuários; Ciência da Informação.	A formação em comunicação; Bibliometria; Campo da comunicação: produção e institucionalização; Cientometria; Comunicação da informação científica, tecnológica e para negócios; Estudos de autoria e colaboração; Inclusão digital; Avaliação de sistemas virtuais centrada no usuário; Periódicos impressos e eletrônicos; Produção científica; Redes sociais.
Jussara Pereira Santos	Biblioteconomia; Bibliotecas universitárias; Fontes de informação; Normatização de documentos; Programa de necessidades; Conforto ambiental; Obras raras.	*
Lizete Dias de Oliveira	Arqueologia; História; Arqueologia histórica; Semiótica; Patrimônio cultural.	Comunicação, representações e práticas culturais; Contextos e textos neotestamentários; Contextos e textos vétero-testamentários.
Maria do Rocio Fontoura Teixeira	Administração da informação; Gestão documental; Biblioteconomia; Gestão de arquivos; Informação científica tecnológica.	Leitura, informação e acessibilidade.
Martha Eddy Krummenauer Kling Bonotto	Representação Temática; Leitura; Literatura.	Informação: acessibilidade.
Neiva Helena Ely	Biblioteca Escolar, Biblioteca.	*
Rafael Port da Rocha	Banco de dados; Consulta; Processamento de consulta; Integração	Informação: acessibilidade; Informação, tecnologias e práticas sociais;

	de Informação.	Periódicos impressos e eletrônicos; Redes sociais.
Regina Helena van der Laan	Análise documentária; Linguagem documentária; Terminologia; Formação e desenvolvimento de coleções.	Informação: acessibilidade.
Sônia Elisa Caregnato	Comunicação científica; Objetos de aprendizagem; Telecentros comunitários; Inclusão digital; Bibliometria.	A formação em comunicação; Bibliometria; Busca e uso da informação; Campo da comunicação: produção e institucionalização; Estudos de citação; Inclusão digital; Portais e repositórios; Produção do conhecimento e educação; Redes sociais.
Valdir José Morigi	Sociologia; Outras Sociologias; Festa Junina; São João; Festas populares; Festa nordestina; Cultura popular; Folclore	Cidade e comunicação; Comunicação, representações e práticas culturais; Espaço e problemas socioambientais; Práticas ambientais em resíduos sólidos.

¹ Áreas de atuação conforme 'texto informado pelo autor' no Currículo Lattes.

² Conforme o "Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil" do CNPq.

* A professora não participa de grupos de pesquisa.

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNDICE B – QUADRO DE TCCs E ORIENTADORES CONFORME SUAS ÁREAS

TCC	Nº de ref.	Assunto principal	Área	Orientador	Área
1	38	Bibliotecas digitais	5	Sônia Elisa Caregnato	6
2	52	Cidadania	1	Valdir José Morigi	1
3	21	Comportamento informacional/prática docente	3	Maria do Rocio Fontoura Teixeira	4
4	47	Informação ideológica/transmissão do conhecimento científico	6	Valdir José Morigi	1
5	55	Avaliação de bases de dados	4	Sônia Elisa Caregnato	6
6	18	Promoção de leitura	1	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
7	61	Gestão da qualidade	4	Helen Beatriz Frota Rozados	4
8	42	Recuperação da informação	2	Regina Helena Van Der Lann	2
9	54	Comunicação	1	Helen Beatriz Frota Rozados	4
10	26	História dos registros humanos	1	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
11	36	Narrativas literárias e musicais	1	Eliane Lourdes da Silva Moro	1
12	50	Competência informacional	3	Sônia Elisa Caregnato	6
13	90	Bibliotecas públicas	1	Eliane Lourdes da Silva Moro	1
14	27	Pesquisa escolar	1	Eliane Lourdes da Silva Moro	1
15	44	Ergonomia	4	Jussara Pereira Santos	3
16	24	Produção científica	6	Ana Maria Mielniezuk de Moura	6
17	48	Vocabulário controlado	2	Rafael Port da Rocha	5
18	37	Práticas bibliotecárias	1	Valdir José Morigi	1
19	44	Organização do conhecimento	2	Glória Isabel Sattamini Ferreira	1
20	53	Produção científica	6	Sônia Elisa Caregnato	6
21	61	Competência informacional	3	Sônia Elisa Caregnato	6
22	48	Ergonomia	4	Jussara Pereira Santos	3
23	50	Imagem do bibliotecário	1	Helen Beatriz Frota Rozados	4
24	26	Avaliação de bases de dados	5	Regina Helena Van Der Lann	2
25	17	Desenvolvimento de coleções	3	Regina Helena Van Der Lann	2
26	46	Produção científica	6	Ida Regina C. Stumpf	6
27	43	Educação de usuários	3	Jussara Pereira Santos	3
28	23	Indexação	2	Glória Isabel Sattamini Ferreira	1
29	48	Produção científica	6	Ida Regina C. Stumpf	6
30	22	Estudo de usuários	3	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
31	15	Avaliação de serviços	4	Helen Beatriz Frota Rozados	4
32	46	Incêndios	3	Lizete Dias de Oliveira	1
33	32	Organização do conhecimento	2	Glória Isabel Sattamini Ferreira	1
34	44	Competência informacional	3	Helen Beatriz Frota Rozados	4
35	20	Avaliação de coleções	3	Regina Helena Van Der Lann	2
36	31	Produção científica	6	Sônia Elisa Caregnato	6
37	43	Competência informacional	3	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
38	36	Estudo de usuários	3	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1

39	30	Importância da biblioteca	1	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
40	33	Competência informacional	3	Jussara Pereira Santos	3
41	19	Profissional bibliotecário	1	Glória Isabel Sattamini Ferreira	1
42	26	Estudo de necessidades informacionais	3	Regina Helena Van Der Lann	2
43	40	Direito autoral/bibliotecas digitais	5	Martha Eddy K. K. Bonnotto	1
44	88	Bibliotecas públicas	1	Iara Conceição Bitencourt Neves	1
45	30	Indexação	2	Regina Helena Van Der Lann	2
46	17	Desenvolvimento de coleções	3	Regina Helena Van Der Lann	2
47	38	Folksonomia	2	Rafael Port da Rocha	5
48	28	Recuperação da informação	2	Regina Helena Van Der Lann	2
49	23	Desenvolvimento de coleções	3	Regina Helena Van Der Lann	2
50	31	Avaliação de bases de dados	5	Helen Beatriz Frota Rozados	4
51	78	Profissional bibliotecário	1	Neiva Helena Ely	1

APÊNDICE C – REFERÊNCIAS DOS TCCs UTILIZADOS NA PESQUISA

2007/1

(01) ÁVILA, Adriana Aparecida. **Bibliotecas Digitais**: produtos e serviços oferecidos pelas bibliotecas digitais das universidades do Rio Grande do Sul. 2007. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(02) FRANCISCO, Anelise Ramos. **O Papel Social do Bibliotecário na Construção da Cidadania em Comunidades Carentes**. 2007. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(03) IMMING, Cássio Felipe. **Informação para a Prática Docente**: o comportamento informacional dos professores de ensino fundamental da Escola Municipal Selvino Ritter do município de Estância Velha – RS. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(04) TOMASI, Diane Catia. **Informação Ideológica**: a transmissão do conhecimento científico através dos livros didáticos. 2007. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(05) PEREIRA, Diovana. **Avaliação de Objetos de Aprendizagem para a Pesquisa Bibliográfica em Ciência e Tecnologia**. 2007. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(06) ZACHER, Diane. **Adote um Escritor**: estratégias para a promoção da leitura e disseminação da biblioteca escolar. 2007. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(07) KNEVITZ, Josiane Borges. **Gestão da Qualidade em Bibliotecas Universitárias Médicas**. 2007. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(08) SANTOS, Leila Fernandes dos. **Estudo Avaliativo de Recuperação da Informação do Sistema de Informação de Bibliotecas da UFRGS**. 2007. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(09) MACHADO, Mara Rejane Belmonte. **As Relações Públicas e os Meios de Comunicação na Promoção da Imagem do Profissional Bibliotecário**. 2007. 112 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(10) EVANGELISTA, Tânia Mayer. **Hypnerotomachua Poliphili**: das prensas de Aldus Manutius no século XV à biblioteca particular do bibliófilo José Mindlin nos dias de hoje. 2007. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

2007/2

(11) PAES, Camila da Rosa. **Idosos Moradores de Instituição de Longa Permanência e a Influência das Narrativas Literárias e Musicais**: estudo de caso. 2007. 84 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(12) CASAGRANDE, Carla Rosa Silva. **O Bibliotecário e a Competência Informacional**: atribuições e imbricações educativas relativas ao processo de escrita e desenvolvimento da leitura crítica. 2007. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(13) GALISTEO, Carmen Lucia Silva de. **Biblioteca Erico Veríssimo**: o registro de sua história. 2007. 133 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(14) SANTOS, Eliana Thais Gurunlian dos. **Processo de Pesquisa Escolar com os Alunos do Ensino Médio do Colégio Marista São Pedro em Porto Alegre, RS**: estudo de caso. 2007. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(15) GONÇALVES, Gustavo Pessoa. **Proposta de um Programa de Necessidades para a Implantação do Núcleo de Informação e Leitura**: NIL do Departamento de Ciências da Informação da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2007. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

- (16) FREITAS, Karen Ribeiro de. **Análise da Produção Científica dos Professores do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRGS**. 2007. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (17) RAPETTI, Luciano. **Folksonomia: organização e uso da informação na web**. 2007. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (18) SOUTO, Luzane Ruscher. **O Bibliotecário e suas Práticas, a biblioteca e seus serviços na representação dos usuários: um estudo em bibliotecas universitárias da região metropolitana de Porto Alegre – RS**. 2007. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (19) ARANALDE, Michel Maya. **Reflexões sobre a Organização do Conhecimento: as categorias segundo Aristóteles, Kant e Ranganathan**. 2007. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (20) NUNES, Michele Carvalho. **O Papel do Bibliotecário no Processo de Editoração de Periódicos Científicos**. 2007. 83 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (21) SANTOS, Rafael Antunes do. **A Competência Informacional do Bibliotecário Públicos: análise documental dos planos de ensino visando a aprendizagem ao longo da vida**. 2007. 109 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (22) MAGANO, Roberta. **Programa de Necessidades para a Nova Sede da Biblioteca do Colégio Marista São Pedro de Porto Alegre**. 2007. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (23) ROCHO, Rodolfo de Matos. **O Estereótipo do Bibliotecário no Cinema**. 2007. 97 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- (24) CORONEL, Suanny Corrêa. **Avaliação do Nível de Satisfação do Usuário da Base de Dados na Biblioteca FAMED/HCPA da Faculdade de Medicina da UFRGS**. 2007. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)—

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

(25) MENEZES, Úrsula Flores de. **Proposta de Política de Desenvolvimento de Coleções para a Biblioteca Carlos Barbosa do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.** 2007. 53 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

2008/1

(26) NASCIMENTO, Bruna S. do. **A Questão da Autoria nas Revistas de Comunicação: características e tendências.** 2008. 80 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(27) HENTGES, Carina da Silva de Lima. **A Educação de Usuários Visando o desenvolvimento de Competências Informacionais em Alunos da 5ª Série do Ensino Fundamental: estudo de caso no Colégio Farroupilha.** 2008. 115 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(28) CUNHA, Daniel de Souza. **Contribuição para uma Política de Indexação da Biblioteca Central Guilherme Mylius do Centro Universitário Metodista, do IPA.** 2008. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(29) MACHADO, Denise Ramires. **Mapeamento Temático dos Trabalhos Publicados na Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação.** 2008. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(30) LOPES, Eliziane do Carmo. **Estudo de Usuários sobre a Biblioteca da Escolar de Administração da UFRGS e os Produtos e Serviços Disponibilizados para os Alunos do Curso de Administração da UFRGS, modalidades à distância.** 2008. 52 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(31) RATHMANN, Fabíola. **Avaliação da Satisfação dos Usuários da Biblioteca Professor Paulo Lacerda de Azevedo da FFFCMPA.** 2008. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de

Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(32) EVANGELISTA, Fernanda Mayer. **Incêndios em Bibliotecas: a perda da memória patrimonial e os prós e contras dos métodos de prevenção e controle.** 2008. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(33) HENRIQUE, Fernando da Rosa. **Subsídios à Organização do Acervo Bibliográfico da Capela Positivista de Porto Alegre.** 2008. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(34) SCHEID, Fernando. **Competências Necessárias ao Profissional Bibliotecário para Trabalhar em Bibliotecas Universitárias Privadas.** 2008. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(35) SERPA, Flavia Renata de Souza. **Avaliação de Coleções: a coleção de dicionários bilíngües do Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano.** 2008. 86 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(36) MACIEL, Lilian. **As Redes de Co-Autoria dos Professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da UFRGS.** 2008. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(37) SANTOS, Patrícia Barbosa de Moura. **A Competência Informacional na Biblioteca Escolar.** 2008. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(38) BORGES, Renata de Souza. **Biblioteca Pública Municipal Josué Guimarães: uma análise de uso e satisfação.** 2008. 122 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(39) PITHAN, Ricardo Petry. **O Papel da Biblioteca na Ressocialização das Detentas no Ensino Superior na Penitenciária Feminina Madre Pelletier em Porto Alegre.** 2008. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)—

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(40) MACIEL, Rita de Cássia Camargo. **A Biblioteca Escolar como Auxiliar na Aquisição de Competência Informacional das Crianças da 5ª Série do Ensino Fundamental da Escola Menino Deus**. 2008. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(41) VIDAL, Rosa Helena Cunha. **O Profissional Bibliotecário na Empresa**. 2008. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(42) MEDEIROS, Simone Cristina da Silva. **Aprender a Navegar é Preciso**: um estudo das necessidades informacionais de alunos adolescentes. 2008. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(43) PIRES, Vanessa da Silva. **Direito Autoral versus Direito à Informação em Bibliotecas Digitais**. 2008. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

2008/2

(44) RIBEIRO, Alexsander Borges. **Bibliotecas Públicas do Brasil**: passado, presente e futuro. 2008. 111 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(45) LOPES, Adriana Clô. **Procedimentos de Representação da Informação**: um estudo de caso. 2008. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(46) MACHADO, Adriana Menezes. **Avaliação de Acervo na Biblioteca Maria Helena Casarin da Cunha**. 2008. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(47) FREITAS, Andréa Regina Santos de. **Folksonomia**: organizando a informação através do Citeulike. 2008. 78 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em

Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(48) NEVES, Emerson Douglas. **Avaliação da Recuperação da Informação Jurídica a partir do Vocabulário Controlado Básico – VCB**. 2008. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(49) ALVES, Miriam. **Avaliação da Coleção de Livros da Área de Mediunidade da Biblioteca Espírita Frederico Corrêa da Silva do Grupo Libertação “A Nossa Casa”**. 2008. 100 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(50) SALORT, Shirlei Galarça. **Avaliação dos Serviços do Centro de Informação Toxicológica do Estado do Rio Grande do Sul**: base de dados Citonline e treinamento dos usuários. 2008. 67 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

(51) ROSS, Odila. **Papel do Bibliotecário como Intermediador entre Informação e Público Escolar**. 2008. 120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia)— Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

Total de livros e periódicos utilizados nos TCCs conforme as suas áreas:

Tabela 1 – Distribuição de livros e periódicos por área

Área	Livro	%	Periódico	%
1	273	45,1	117	19,3
2	97	39,2	64	25,9
3	244	41,6	136	23,2
4	87	39,0	58	26,0
5	54	40,0	40	29,6
6	106	42,5	101	40,5
Total	861	-	516	-

Fonte: Dados da pesquisa.

Obras, mais citadas por cada área, seus autores¹⁴ e seus totais.

Tabela 2 – Obras mais citadas da área 1

Título	Autor	Total	Tipo
História da Cidadania		7	Coletânea
O profissional da informação em tempo de mudanças		6	Coletânea
Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional		6	Coletânea
Formação do profissional da informação		5	Coletânea
Profissional da informação: o espaço de trabalho		4	Coletânea
Manual de Estudos de Usuários	Elias Sanz Casado	4	Livro

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 3 – Obras mais citadas da área 2

Título	Autor	Total	Tipo
Revisitando o positivismo		4	Coletânea
Indexação e resumo: teoria e prática	F. W. Lancaster	3	Livro
Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação	Claire Guinchat; Michael Menou	3	Livro
NBR 12676: métodos para análise de assunto de documentos: determinação de seus assuntos e seleção de termos de indexação	ABNT		Norma
Para entender as linguagens documentárias	Anna Maria Marques Cintra	3	Livro
Tesouro e terminologia: uma inter-ligação lógica	Regina Helena Van Der Laan	3	Tese

Fonte: Dados da pesquisa.

¹⁴ Quando o tipo da obra é coletânea, não inserimos seus organizadores, pois os mesmos não entraram na nossa pesquisa.

Tabela 4 – Obras mais citadas da área 3

Título	Autor	Total	Tipo
O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional	Bernadete Campello	6	Artigo
Information literacy: princípios, filosofia e prática	Elisabeth Adriana Dudziak	6	Artigo
Avaliação de serviços de bibliotecas	F. W. Lancaster	4	Livro
Desenvolvimento de coleções	W. Vergueiro	4	Livro
Desenvolvimento e avaliação de coleções	Nice Menezes de Figueiredo	4	Livro
História universal da destruição dos livros: das tábuas sumérias à guerra do Iraque	Fernando Báez	4	Livro
Identificando competências informacionais	Silvânia Vieira Miranda	4	Artigo
O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitários no contexto da informação digital em rede	Sônia E. Caregnato	4	Artigo

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 5 – Obras mais citadas da área 4

Título	Autor	Total	Tipo
Avaliação da qualidade dos serviços prestados nas unidades de informação universitária	Raimundo Benedito do Nascimento	2	Artigo
Considerações sobre preservação na construção e reformas de bibliotecas: planejamento para preservação	Michel Trinkley	2	Livro
Design de grandes edifícios para unidades de informação	Harry Faulkner-Brown	2	Capítulo de livro
Estudo de caso: planejamento e métodos	Robert K. Yin	2	Livro
Función y forma de la biblioteca universitaria: elementos de planeación administrativa para el diseño arquitectónico	Ario Garza Mercado	2	Livro
Influência da iluminação artificial em ambientes de produção: uma análise econômica	Ricardo José Sacramento de Almeida	2	TCC
Interior design for libraries: drawing on function and appeal	Carol R. Brown	2	
Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação	Augusto Nivaldo Silva Triviños	2	Livro
Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000	Brasil	2	Lei
Manual de conservação de acervos bibliográficos da UFRJ	Paula M. A. Mello; SANTOS, Maria J. V. da C. Santos; José T. da Silva	2	Livro
Métodos e técnicas de pesquisa social	Antônio Carlos Gil	2	Livro
NBR 10152: níveis de ruído para conforto acústico		2	Norma
NBR 5413: iluminância de interiores		2	Norma
NBR 7195: cores para segurança		2	Norma

NBR 9050: acessibilidade de pessoas portadoras de deficiência e edificações, espaço, mobiliário e equipamentos urbanos		2	Norma
Noções sobre dor, lombalgia, fadiga, antropometria, biomecânica e concepção do posto de trabalho	Rosemary D. Leão; Cláudio C. Peres	2	Doc. Eletrônico
O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede	Sônia E. Caregnato	2	Artigo
Planejamento de bibliotecas e serviços de informação	Maria Christina Barbosa de Almeida	2	Livro
Proposta de um programa de necessidades para a ampliação da biblioteca setorial Gládis W. do Amaral da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Gesmar Kingeski Barbosa	2	TCC
Recomendações para a construção de arquivos	Ingrid Beck	2	Doc. Eletrônico
A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica		2	Coletânea
A informação: tendências para o novo milênio		2	Coletânea

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 6 – Obras mais citadas da área 5

Título	Autor	Total	Tipo
Bibliotecas digitais: saberes e práticas		6	Coletânea
A biblioteca eletrônica	Jennifer E. Rowley	2	Livro
Indexação e resumo: teoria e prática	F. W. Lancaster	2	Livro

Fonte: Dados da pesquisa.

Tabela 7 – Obras mais citadas da área 6

Título	Autor	Total	Tipo
A comunicação científica	Arthur Jack Meadows	5	Livro
Preparação de revistas científicas: teoria e prática		5	Coletânea
Comunicação & produção científica: contexto, indicadores e avaliação		4	Coletânea
A ciência da informação	Y. F. Le Coadic	4	Livro
O profissional da informação: formação, perfil e atuação profissional		3	Coletânea
Comunicação científica		3	Coletânea
Conhecimento público	ZIMAN, John Michael Ziman	3	Livro
O papel da informetria e da cientometria e sua perspectiva nacional e internacional	C. A. Macias- Chapula	3	Artigo
Passado e futuro das revistas científicas	Ida Regina Chitto Stumpf	3	Artigo

Fonte: Dados da pesquisa.

ANEXO 1 – DIVISÕES DAS ÁREAS DO CURRÍCULO DE BIBLIOTECONOMIA¹⁵

¹⁵ De acordo com a divisão feita para os currículos dos cursos de Biblioteconomia nos países integrantes do MERCOSUL (SANTOS, 1998, p. 5-6).

Área 1: Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e da Ciência da Informação

Comunicação e Informação. Cultura e Sociedade. Biblioteconomia, Documentação, Arquivologia, Museologia, Ciências da Informação e áreas afins. Unidades e Serviços de Informação. O Profissional da Informação: formação e atuação. História e tendências da produção dos registros do conhecimento, das unidades e dos sistemas nacionais e internacionais de informação.

Área 2: Processamento da Informação

Organização do Conhecimento e Tratamento da Informação. Tratamento descritivo dos documentos. Tratamento temático: teoria da classificação, análise da informação, teoria da indexação. Práticas, tecnologias e produtos. Geração e organização de instrumentos de recuperação da Informação.

Área 3: Recursos e Serviços de Informação

Fundamentos, princípios, processos e instrumentos para: seleção, avaliação, descarte, debastamento, preservação, conservação e restauração de recursos de informação documentais e virtuais. Normas relativas ao desenvolvimento de coleções. Fontes de informação documentais e virtuais: conceitos, tipologias, características, acesso, utilização e avaliação. Estudo e educação de usuários. A indústria da informação: geração, produção e comercialização de documentos, fontes e serviços de informação. Serviços de provisão e acesso. Serviços de referência e informação. Serviços de extensão e ação cultural.

Área 4: Gestão de Unidades de Informação

Teoria Geral da Administração. Teoria organizacional. Teoria de sistemas. Técnicas modernas de gestão. Gestão de unidades e serviços de informação: leitores, usuários, clientes e ambiente social. Formulação de projetos de informação. Gestão de recursos

humanos. Gestão financeira. Gestão de espaço físico. Mensuração e avaliação de serviços e unidades de informação.

Área 5: Tecnologia da Informação

Aplicações da tecnologia da informação e comunicação nas unidades de informação. Análise, avaliação e desenvolvimento (hardware e software). Gestão de bases de dados e bibliotecas virtuais. Análise e avaliação de sistemas e redes de informação. Informatização das unidades de informação.

Área 6: Pesquisa

Epistemologia da investigação científica. Metodologia da pesquisa social. Pesquisa em Biblioteconomia e Ciência da Informação: produção e comunicação científica.